



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

DANIELLE RODRIGUES DE OLIVEIRA

PROFESSORES DE HISTÓRIA COMO INTELLECTUAIS ORGÂNICOS CRÍTICOS

FORTALEZA

2017

DANIELLE RODRIGUES DE OLIVEIRA

PROFESSORES DE HISTÓRIA COMO INTELLECTUAIS ORGÂNICOS CRÍTICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Formação de professores.

Orientador: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O46p Oliveira, Danielle Rodrigues de.

Professores de História como intelectuais orgânicos críticos: Estudo etnometodológico / Danielle Rodrigues de Oliveira. – 2017.
124 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de PósGraduação em Educação, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.

1. Professor de História. 2. Intelectuais orgânicos. 3. Docência. I. Título.

CDD 370

DANIELLE RODRIGUES DE OLIVEIRA

PROFESSORES DE HISTÓRIA COMO INTELLECTUAIS ORGÂNICOS CRÍTICOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Área de concentração: Formação de Professores.

Aprovada em: 04 de abril de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Prof. Dra. Fátima Maria Leitão Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Aos meus amados pais, Francisco e Adriana, e
à minha irmã Gabrielle, pelo carinho,
compreensão e amor incondicional.

AGRADECIMENTO

A Deus, amigo e protetor, por ser meu porto seguro, meu guia e meu amor maior.

Ao meu pai Francisco José de Oliveira, por ser exemplo de caráter e honestidade, e a minha mãe Adriana Oliveira, por todo aconchego e ternura.

À minha irmã Gabrielle Oliveira na qual passei anos desejando que ela chegasse na família e todos os dias agradeço por proporcionar tanta alegria, carinho e cumplicidade aos meus dias.

À família Oliveira por ser colo, abrigo e proteção, ensinando que o amor e a fé podem mesmo mover montanhas.

À família Rodrigues por me ensinar a contemplar as belezas do sertão. As terras de Russas podem estar secas, mas lá corre rios de amor e aconchego, principalmente da casa da minha vó, Dona Fátima.

Ao Airton de Farias, por tanto companheirismo, aconchego e cuidado. Um lindo presente que a dissertação me deu. As suas palavras de apoio e os seus gestos de carinho, proporcionaram calma e alegria durante a escrita deste trabalho.

Ao meu orientador e amigo, Professor Luís Távora Furtado Ribeiro, por seu compromisso, generosidade, paciência, amizade e conselhos que ultrapassaram os muros da universidade e me inspiram também para a vida.

Aos professores de História da Escola Governador Adauto Bezerra por me acolherem em suas aulas e por cederem as entrevistas que tornaram possível essa pesquisa. Joana Angélica Bandeira, Anna Karina Cavalcante, Leirton Carneiro, Airton de Farias e Teófilo Ramos, historiadores que lutam contra as desigualdades e sonham com um país mais justo, vocês são inspiração.

Ao professor Luiz Botelho Albuquerque, pelo apoio e as importantes sugestões que deu na banca de qualificação e nas reuniões da Linha Educação, Currículo e Ensino.

À professora Fátima Maria Leitão Araújo, historiadora admirável, por aceitar o convite de compor a banca e por dar contribuições significativas.

Ao professor Gerardo Vasconcelos, grande filósofo, pelas sugestões de leitura e diálogos sobre os intelectuais. O tri Doutor mais simples e humilde que eu conheço, apesar de tantas responsabilidades, sempre conseguiu tempo para ser gentil e atencioso.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará por todas as contribuições para a minha formação e para a

construção dessa pesquisa, em especial, o professor Francisco Ari de Andrade, a professora Bernadete Porto, a professora Jackeline Rabelo e o professor Elmo Vasconcelos.

Às amigas que o mestrado me deu, em especial, Adriana Mendonça, Munique Freitas, Nerice Pinheiro, Denize Silveira e Lidiana Osmundo, por conseguirem unir a História, a Matemática, o Jornalismo, a Pedagogia, a Letras e a Tecnologia, nos diálogos, nas disciplinas, nos artigos, nos cafés e nos barzinhos, amizades que eu desejo levar para a vida.

Ao Grupo de Pesquisas em Formação Docente, História e Política Educacional (GPFOHPE/UFC) pelas discussões teóricas, as sugestões de leitura e o apoio constante para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores do curso de História da Universidade Federal do Ceará, em especial, a professora Kênia Rios, a professora Ana Rita Fonteles, o professor Jailson Pereira e o professor Antônio Luís, por aumentarem a minha paixão pela História e à docência.

Aos presentes mais lindos que a graduação em História me concedeu, Ingrid Oliveira, Nathalie Nunes, Nathália Lima, Luciana Costa, William Lacerda, Elton Dantas, pois conhecem o melhor e o pior de mim, mesmo assim me acolhem, me apoiam e me incentivam na academia e na vida.

Ao Thiago Sales, por todo apoio, generosidade e contribuições desde que essa dissertação era um simples projeto de pesquisa.

Ao Gabriel Neto, por ser uma ponte que me ajudou a atravessar a Avenida da Universidade e chegar na Faculdade de Educação.

Ao João, seja de perto ou de longe, sempre encontrou maneiras de estar presente e contribuir com essa pesquisa da melhor forma possível. Gratidão pela força, carinho e cumplicidade que tens me dedicado durante esses cinco anos de admiração recíproca.

Ao Henrique, pois apesar de algumas divergências no nosso modo de pensar e de agir, o respeito e o cuidado que nutrimos um pelo outro sempre foi maior, sei da sua torcida pela realização dos meus sonhos, gratidão por tudo.

Aos integrantes do grupo Praticantes do Bem, por me ensinarem que a vida é trem-bala e nessa viagem o mais importante é plantar as sementes do amor.

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior - CAPES, que financiou esta pesquisa e assim possibilitou a minha dedicação.

“... seria possível dizer que todos os homens
são intelectuais, mas nem todos os homens têm
na sociedade a função de intelectuais...”
(Gramsci)

RESUMO

Essa pesquisa investigou se os professores de História são intelectuais orgânicos na atualidade. Para alcançar os objetivos almejados, abordei a categoria de intelectual orgânico de acordo com o pensamento de Antônio Gramsci (1988). Também refleti sobre a fala dos docentes e sua relação com a escola, a formação e a práxis. Por fim, identifiquei características de intelectuais orgânicos nos relatos e nas ações dos docentes investigados. As obras de Gramsci (1988), Freire (2000), Tardif (2002), Monteiro (2007) e Imbernón (2009) compõem a base teórica dessa pesquisa. A etnometodologia, que segundo Coulon (1995), é método que busca interpretar as ações cotidianas através das falas e da racionalidade discursiva dos sujeitos, inspirou essa investigação. Nesse sentido, a análise de dados se deu a partir do relatório de observação sobre a prática docente e das entrevistas que foram realizadas com alguns profissionais da Escola de Ensino Médio Aduino Bezerra, no caso, cinco professores efetivos de História que possuem mais de dez anos de experiência na docência. A escolha do lócus da pesquisa foi motivada devido ao seu destaque dentre as escolas públicas de Fortaleza no ingresso de estudantes no ensino superior, seu histórico de experiências democráticas e por ser a escola onde concluí meu ensino médio. Percebi que ensinar História para os professores investigados é muito mais do que reproduzir conteúdo, para eles a função social e política do ofício docente é contribuir para que os estudantes se reconheçam como sujeitos ativos na sociedade. Desse modo, os intelectuais orgânicos colaboram para a formação de indivíduos capazes de tomar decisões importantes para que sejam cidadãos conscientes de suas responsabilidades e compromissos sociais e políticos.

Palavras-chave: Professor de História; Intelectuais orgânicos; Docência.

ABSTRACT

This research investigated whether history teachers are organic intellectuals today. Thus, I approached the category of organic intellectual according to the thought of Antônio Gramsci (1988). I also reflected on the teachers' speech and their relationship with school, training and praxis. Finally, I identified characteristics of organic intellectuals in the reports and actions of the teachers investigated. The works of Gramsci (1988), Freire (2000), Tardif (2002), Monteiro (2007) and Imbernón (2009) compose the theoretical basis that allowed to reach the desired objectives. The ethnomethodology, which according to Coulon (1995), is a method that seeks to interpret daily actions through the speeches and the discursive rationality of the subjects, inspired this investigation. The data analysis was based on the observation report on the teaching practice and the interviews that were carried out with some professionals of the Aduar Bezerra High School, in this case, five effective teachers of History who have more than ten years of experience in the Teaching. The choice of research's locus was motivated due to its prominence among the public schools of Fortaleza in the entrance of students in higher education, your history of democratic experiences and for being the school where I completed my secondary education. I realized that teaching History for teachers investigated is much more than reproducing content, for them, the social and political function of the teaching profession is to help students recognize themselves as active subjects in society. In this sense, organic intellectuals collaborate in the formation of individuals capable of making important decisions so that they are citizens aware of their social and political responsibilities and commitments.

Keywords: History teacher; Organic intellectuals; Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
- IPPS – Instituto Penal Paulo Sarasate
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- MDB - Movimento Democrático Brasileiro
- MEC – Ministério da Educação
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
- PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
- PPP – Projeto Político-Pedagógico
- PROUNI – Programa Universidade Para Todos
- PSDM - Partido da Social Democracia Brasileira
- PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
- PT –Partido dos Trabalhadores
- SISU –Sistema de Seleção Unificada
- UECE – Universidade Federal do Ceará
- UFC – Universidade Federal do Ceará
- UFF – Universidade Federal Fluminense

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados das observações das aulas do professor Leirton Carneiro.....	93
Quadro 2 – Dados das observações das aulas do professor Airton de Farias.....	99
Quadro 3 – Dados das observações das aulas da professora Anna Karina Cavalcante.....	104
Quadro 4 – Dados das observações das aulas do professor Teófilo Ramos.....	108
Quadro 5 – Dados das observações das aulas da professora Joana Angélica Bandeira.....	112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
2. GRAMSCI E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO.....	30
2.1 - As características dos intelectuais orgânicos.....	35
2.2 - A função política e social dos intelectuais orgânicos críticos.....	41
3. PROFESSORES PENSAM E FALAM SOBRE A ESCOLA.....	47
3.1 - Reflexões sobre a Escola de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra.....	48
3.2 - A visão dos professores sobre o processo de ocupação que ocorreu na escola.....	55
3.3 - O movimento da escola sem partido na visão docente.....	59
3.4 – Escola Adauto Bezerra e os desafios da atualidade.....	63
4. PROFESSORES REFLETEM SOBRE A SUA PRÁTICA.....	68
4.1 - A formação inicial e contínua dos professores de História.....	68
4.2 - Os professores de História falam sobre a prática docente.....	72
4.3 - O Exame Nacional do Ensino Médio e sua repercussão no ensino de História.....	76
4.4 - Os professores de História e a escolha da sua metodologia.....	81
4.5 - O pensamento dos professores de História sobre a política brasileira.....	84
5. INTELLECTUAIS ORGÂNICOS CRÍTICOS.....	89
5.1 - Intelectual crítico dialógico.....	91
5.2 - Intelectual crítico do conhecimento.....	97
5.3 - Intelectual crítico político.....	103
5.4 - Intelectual crítico afetivo.....	107
5.5 - Intelectual crítico tecnológico.....	111
CONCLUSÃO.....	115
REFERÊNCIAS.....	121

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo principal investigar se os professores de História podem ser considerados intelectuais orgânicos críticos¹ na atualidade, baseando-se na categoria de intelectual pensada por Antônio Gramsci (1891 – 1937). Nesse sentido, apresentarei a categoria de intelectual orgânico de acordo com o pensamento de Antônio Gramsci, buscando refletir sobre o conteúdo do discurso dos professores de História em relação a escola, a formação e a práxis² docente. Também procuro identificar características de intelectual orgânico crítico no discurso e na ação dos professores de História. Dessa forma, desejo responder a seguinte problemática: Os professores de História investigados são intelectuais orgânicos críticos na contemporaneidade?

Diante disso, lembro que essa dissertação foi sendo construída a partir da minha trajetória escolar e profissional. Penso que esse desejo de tentar entender o cotidiano escolar, em especial, a práxis dos professores de História, está ligado as histórias vividas e pensadas por mim enquanto estudante e professora de História. Em 2009, estudei na escola de ensino médio Aduino Bezerra, na qual cursei o terceiro ano do ensino médio. A escola era minha segunda casa, de manhã estudava na turma regular, à tarde ficava lendo na biblioteca e a noite fazia o cursinho preparatório para o vestibular. Os professores geralmente levavam questões da Universidade Estadual do Ceará, da Universidade Federal do Ceará e do Exame Nacional do Ensino Médio para resolverem em sala de aula; motivando – me a sonhar com o ensino superior. O trabalho motivacional realizado pelo núcleo gestor e os docentes me ajudaram a acreditar que era possível alcançar à universidade.

Reconheço que a escola me fez crescer como estudante e ser social. Os docentes me ajudaram a ter conhecimento para passar na prova do vestibular e também contribuíram para ampliar a minha visão de mundo. Infelizmente, o discurso da meritocracia durante muito tempo me fez pensar que cada um é responsável pelo seu próprio fracasso ou sucesso escolar. Depois, passei a entender o problema, comparando a realidade de jovens que vivem experiências diferentes: de um lado, um jovem que só estuda, tem uma família estruturada, boa renda para o lanche e a passagem e que, na maioria das vezes vai de carro com os pais ou transporte escolar;

¹ Os intelectuais orgânicos, de acordo com Antônio Gramsci (1988), defendem a ideologia de sua classe, alguns apoiam a elite e fundamentam as suas propostas, outros estão aliados as camadas populares e lutam por uma sociedade mais justa e igualitária. Sendo assim, os que estão ligados as classes subalternas e possuem uma visão crítica, são pensados nessa pesquisa como intelectuais orgânicos críticos.

² Para o educador Paulo Freire (1983, p.40), a práxis docente significa a reflexão e a ação dos seres humanos em sua relação com a sociedade, visando aliar a teoria e a prática para a transformação política e social.

de outro, um jovem que vive uma realidade oposta, a família pouco estudou, às vezes não tem condições nem de pagar a passagem do transporte público para chegar à escola, desde cedo, a maioria precisa estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Colocar esses jovens para concorrer as mesmas vagas em um curso de ensino superior e fechar os olhos para o contexto político, social, cultural e econômico seria muito problemático.

Nas aulas de História da escola Aduino Bezerra essas questões do cotidiano também eram discutidas e percebo que foram importantes para a minha formação. As questões relacionadas ao ingresso na universidade pública são múltiplas, dentre elas, as poucas vagas, a alta concorrência, a desigualdade, diante disso, ficava pensando qual curso iria escolher, já sabia que queria ser professora, gostava de lecionar, dar aula para os colegas que tinham dificuldade em alguma matéria da área de ciências humanas, mas tinha dúvidas em relação a qual licenciatura cursar. Minhas disciplinas favoritas eram História e Geografia, pensei bem e escolhi o curso de licenciatura em História. Iniciei minha formação inicial na UFC em 2010 e concluí em 2014. A maioria das disciplinas eram teóricas. Geralmente os professores escolhiam livros ou selecionavam capítulos de algumas obras para que fossem discutidas em sala. Os debates eram intensos, os docentes tinham muito conhecimento e me incentivaram a questionar ainda mais as problemáticas sociais. O curso de História me ensinou a olhar de forma diferente para a sociedade, aprendi a desnaturalizar a cultura e percebi que as construções históricas formam a base da estrutura social.

Nesse sentido, fui levada a refletir sobre questões bastante associadas aos meus estudos e interesses de pesquisa, relativos à conjuntura social mais ampla que repercutem e influenciam a própria formação do professor, do historiador. Diante disso, destaco que é interessante ressaltar algumas mudanças que ocorreram no cenário político brasileiro, em 2003. O governo de Luís Inácio Lula da Silva, conhecido como Lula, entra em vigor, metalúrgico, vindo das camadas populares, trouxe algumas melhorias para o povo. Os movimentos sociais passaram a ter mais visibilidade, o apoio governamental as causas sociais também melhoraram consideravelmente. Foram criados programas sociais, dentre eles estão, Bolsa Família, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), Luz para Todos, Educação de Jovens e Adultos e o Programa Universidade Para Todos (PROUNI). Este abriu novos espaços para o ingresso dos estudantes de escola pública no ensino superior, através de bolsas de estudos nas universidades privadas que oferecem as vagas e recebem um abatimento nos impostos. Além

disso, a política de cotas para negros e estudantes da rede pública também contribuíram para que o processo seletivo para o ingresso nas universidades ocorresse de forma mais democrática.

Assim, a educação brasileira passa por transformações estruturais que se refletem nas políticas públicas, nos objetivos, nas metodologias, no sistema de avaliação e na formação de professores. As pesquisas realizadas neste campo são marcadas pela diversificação das abordagens, seja devido ao vasto referencial teórico, seja a pluralidade de perspectivas utilizadas para a construção de trabalhos relevantes nesse eixo.

Aqui as histórias se cruzam e constato o quanto repercutiu na minha formação e escolhas de pesquisa. Assim, aprofundar os estudos em relação à formação e profissão docente se deu, principalmente, em virtude de minha participação ativa durante dois anos no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do departamento de História da Universidade Federal do Ceará (UFC), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e orientado pela professora Doutora Kênia Rios. Outro fator importante foi a minha colaboração como bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa “Aspectos históricos e atuais sobre as políticas públicas de formação docente no Brasil”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e orientado pelo professor doutor Luís Távora.

Nos dois anos em que participei do PIBID na escola de ensino médio Liceu de Messejana, localizada em Fortaleza, as problemáticas formuladas ao longo das reflexões teóricas, do contato com a realidade escolar e da socialização de experiências me ajudaram a perceber a importância de discutir sobre os desafios educacionais no Brasil contemporâneo. No período em que fui bolsista do PIBIC, aprofundei meus estudos em relação às políticas públicas da educação, sendo possível entender de uma forma mais clara como a cultura escolar brasileira foi sendo construída, reformulada, pensada e fortemente criticada por suas mazelas.

A docência possui peculiaridades em relação às outras profissões, geralmente o professor acompanha o estudante diariamente ou semanalmente, diferente do médico, advogado, engenheiro, cozinheiro, pintor, entre outros, que na maioria dos casos não possuem um vínculo frequente com as mesmas pessoas e o contato ocorre individualmente. Além disso, os professores se relacionam com sujeitos que são socialmente ativos, carregam emoções, conflitos e experiências plurais, ao contrário do que acontece nas profissões técnicas, onde os objetos podem ser refeitos, descartados, manipulados e não apresentam resistência, o estudante

pode ou não confrontar à metodologia, aos conteúdos, ao disciplinamento e à personalidade do professor.

Nesse sentido, as interações que ocorrem na escola entre docentes e discentes são fontes ricas para compreensão das problemáticas que envolvem a formação e a prática dos profissionais da educação. Dessa forma, realizar a pesquisa empírica possibilita entender as ações cotidianas e as falas dos professores de História investigados, pois a partir dessa apreensão posso entender o que está oculto, ou seja, não está promulgado na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no Projeto Político e Pedagógico (PPP), mas que é revelado a partir da observação das práticas escolares.

Apesar dos projetos nacionais e dos planos curriculares terem caráter obrigatório e alcançarem a maioria das escolas brasileiras, levo em consideração que cada instituição escolar possui uma realidade diferenciada, e os sujeitos que a compõem são seres plurais com experiências variadas. Assim, o docente que atua ativamente na escola de ensino básico tem que planejar as aulas, preencher os diários, fiscalizar a frequência, ensinar, elaborar exercícios, utilizar o livro didático, avaliar o processo de aprendizagem e participar das reuniões. Entretanto, as exigências e as regras, muitas vezes são burladas como forma de resistência e o desenrolar das ações dos atores sociais nesse contexto contribui para o entendimento da realidade escolar e dos seus desafios.

A partir da análise das Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio percebi que as orientações para a educação brasileira modificaram suas metas ao longo das décadas de 70 e 80, pois tinham como finalidade “a formação de especialistas capazes de dominar a utilização de maquinarias ou de dirigir processos de produção” (BRASIL, 2000, p.5), destacando a educação voltada para o trabalho, buscando atender as demandas do capitalismo e qualificando os estudantes para o exercício profissional.

Na década de 90, com a aceleração dos meios de comunicação ocorreram mudanças nas propostas curriculares, dentre elas, “a formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias” (BRASIL, 2000, p.5). Circe Bittencourt destaca em seu estudo sobre o currículo escolar da disciplina de História que essas renovações curriculares são alvos de intenções econômicas e políticas. “O movimento de reformulações curriculares dos anos 90

decorre de uma nova configuração mundial, que impõe um modelo econômico para submeter todos os países à lógica do mercado” (BITTENCOURT, 2008, p.101).

Embora existam inúmeras críticas acerca da criação dos PCN, é preciso ressaltar a tentativa em reformular o ensino, buscando inserir as inovações tecnológicas no ambiente escolar, propondo um currículo baseado nas competências para resolução de situações problemas que fazem parte do cotidiano e criticando o ensino que tem por objetivo acumular o máximo de informações. Também almejam que as orientações sejam seguidas por professores, auxiliando nos seus planejamentos, contribuindo com sua metodologia e possibilitando a sua atualização profissional. “As transformações tecnológicas têm afetado todas as formas de comunicação e introduzido novos referenciais para a produção do conhecimento, e tal constatação interfere em qualquer proposta de mudança dos métodos de ensino.” (BITTENCOURT, 2008, p.107).

As propostas dos PCN para o ensino médio repercutiram de forma intensa na educação brasileira, tornando-se uma das fontes de inspiração para as modificações no ENEM em 2010, ano em que as universidades federais passaram a utilizar o Exame Nacional como critério de seleção para o acesso aos diversos cursos do ensino superior. As disciplinas História, Geografia, Sociologia e Filosofia compõem a área de Ciências Humanas e suas Tecnologias. Em torno da disciplina de História, os PCN focam na ruptura com o ensino baseado apenas na reprodução de acontecimentos e na memorização de nomes e datas, propondo o desenvolvimento das competências e articulações dos conteúdos com questões que envolvam a realidade discente.

Na sociedade contemporânea, o processo de globalização vem influenciando profundamente as políticas públicas de formação de professores e as renovações curriculares, lançando luz sobre essas questões, compreendi que a escola de ensino básico é um dos lugares sociais de produção do conhecimento.

De acordo com Tardif, pesquisas baseadas na vivência dos protagonistas da educação devem ser fomentadas nos programas de pós-graduação. O autor faz críticas aos trabalhos que abordam o professor como um simples objeto de investigação e sugere que devem ser realizadas:

[...] novas pesquisas universitárias que considerem os professores de profissão não como cobaias, estáticas ou objetos de pesquisa, mas como colaboradores e até como

co-pesquisadores. De fato, se o professor é realmente um sujeito do conhecimento e um produtor de saberes, é preciso então reconhecê-lo como tal e dar-lhe um espaço nos dispositivos de pesquisa. (TARDIF, 2002, p.238).

Ciente da crise de identidade profissional percebi a relevância de discutir sobre os saberes curriculares e experienciais que são mobilizados em sala de aula. Para isso, algumas questões significativas sobre a formação e a profissão docente que integram essa investigação foram inspiradas em Maurice Tardif. Esse pesquisador se destaca internacionalmente nessa área desde a década de 90, contribuindo com uma vasta produção acadêmica, participando de vários grupos de pesquisa no Brasil e fomentando importantes reflexões. Em seu livro “Saberes docentes e formação profissional” o autor faz críticas contundentes às concepções tradicionais que percebem o docente como simples reproduzidor das estruturas de poder dominante, ressaltando que essa visão não leva em consideração a autonomia do professor e os seus conhecimentos.

De acordo com Tardif, existe um conjunto de saberes que alicerçam a formação e a prática docente. “Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (TARDIF, 2002, p.36). Para ele, esses saberes são construídos a partir de diversas fontes. Os conhecimentos provenientes da formação profissional são alcançados nas instituições de formação de professores, já os disciplinares são adquiridos nas diversas disciplinas ofertadas pelas universidades. Em relação aos curriculares são obtidos a partir dos discursos, objetivos, conteúdos e métodos que os programas escolares apresentam e aplicam nas instituições de ensino. Por fim, os experienciais são gerados pela prática do trabalho docente.

A pesquisadora Monteiro (2007) investigou os saberes mobilizados por professores de História “bem-sucedidos”, buscando superar a visão de desvalorização da profissão docente a partir da análise de diferentes ações dos docentes. A autora abordou a formação dos professores de História, as experiências escolares durante a trajetória docente e as práticas cotidianas em sala de aula, concluindo que os saberes docentes contribuem intensamente para a construção da identidade de professores de História. Nossa pesquisa se aproxima no referencial teórico e nos sujeitos investigados, no caso, os professores de História, e se diferenciam nos objetivos e na problematização.

Outro autor que contribui para a investigação sobre a formação docente chama-se Francisco Imbernón, doutor em Filosofia e Ciências da Educação, suas obras possuem grande relevância, pois refletem sobre essa problemática em diversos âmbitos e níveis. No seu livro “Formação permanente do professorado: novas tendências” discute sobre a crise institucional atual e sugere mudanças na formação permanente dos professores nos primeiros anos do século XXI.

Ganha terreno a opção que não deseja apenas analisar a formação como o domínio das disciplinas científicas ou acadêmicas, mas sim que propõe a necessidade de estabelecer novos modelos relacionais e participativos na prática da formação. Isso nos conduz a analisarmos o que aprendemos e o que temos ainda para aprender. (IMBERNÓN, 2009, p.16).

O autor destaca que a evolução acelerada da sociedade nos aspectos materiais e afetivos ocasionaram transformações nos âmbitos pessoais e institucionais. Ressalta que os avanços dos meios de comunicação e das tecnologias teriam gerado uma crise na educação tradicional. Aponta, ainda, alguns caminhos interessantes que contribuem com as discussões sobre a formação docente contínua.

Para ele, é fundamental permitir que os professores construam e socializem conhecimento pedagógico através da sua experiência prática nas instituições de ensino, potencializando sua autonomia e auxiliando para que se perceba como professor-pesquisador. Além disso, defende a importância de trabalhar com a diversidade e a contextualização, levando em consideração que os sujeitos que compõem a sociedade são plurais e as problemáticas educacionais estão inseridas em um contexto social e histórico.

O educador Paulo Freire (2000) pensa a escola como um lugar capaz de potencializar a transformação social necessária, para ele os sujeitos estão em um processo constante de formação e a partir do diálogo entre educadores e educandos é possível compreender as problemáticas sociais e contribuir para que os indivíduos sintam seu potencial transformador, se reconhecendo como agentes históricos das mudanças sociais necessárias para a superação dessa lógica opressora hegemônica, assim se percebendo enquanto pessoas ativas na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Somos seres de intervenção, nossa vocação ontológica é a de “ser mais”, de movimentar a História, sendo esta compreendida aqui como possibilidade, isto é, “o

amanhã é problemático é construído mediante a ação transformadora no hoje”. (FREIRE, 2000, p.40).

Nesse sentido, todo ser humano faz sua leitura do mundo, constrói uma conduta ética e moral, é capaz de fazer escolhas e promover permanências e rupturas. A escola, portanto, é o espaço de transformação pensado por Gramsci (1988) “... instrumento para viabilizar a elaboração de intelectuais de diversos níveis”. O autor não diz que o professor é o único responsável pela mudança na sociedade, mas ressalta que a interação entre professor e estudante é um fator fundamental para que a transformação aconteça.

Na obra “Os intelectuais e a Organização da Cultura”, Gramsci explica que cada nova classe cria seus intelectuais orgânicos, baseando-se nos exemplos já existentes. Dessa forma, para ele, as relações de poder são construídas através das posições econômicas e o intelectual nasce da classe que pertence.

Sendo assim, o professor de História por estudar as ações do homem no espaço e no tempo, na maioria das vezes, possui uma visão crítica da sociedade e busca compreender as problemáticas sociais, culturais e políticas que o cercam. Para Gramsci (1988) e Freire (2000), educação e política estão diretamente ligadas. E, o professor, enquanto intelectual³ e educador, possui responsabilidade e compromisso profissional com as transformações sociais necessárias, portanto, educar é um ato político.

Dessa forma, por reconhecer o papel ativo dos educadores e sua potencial coparticipação na pesquisa, optei por utilizar como método a etnometodologia. Esta investigação, por sua vez, se baseia na observação das ações e na análise do conteúdo das falas de cinco professores de História da escola de ensino médio Adauto Bezerra que foram escolhidos por serem professores efetivos e já possuírem mais de dez anos de experiência na docência. A pesquisa concentra-se no estudo da práxis docente e na reflexão do professor sobre a sua prática. Nesse sentido, utilizei o diário de campo como técnica de mapeamento dos dados, no qual foram feitas as anotações mais importantes, aquilo que se destacava durante as aulas de

³ Entre tantas palavras: eruditos, doutos, clérigos, pensadores (a terminologia do mundo do pensamento sempre foi vaga). Essa terminologia designa um meio de contornos bem definidos: o dos mestres das escolas. Anuncia-se na Alta Idade Média, desenvolve-se nas escolas urbanas do século XII, desabrocha a partir do século XIII nas universidades. Designa aquele cujo ofício é pensar e ensinar seu pensamento. Essa aliança da reflexão pessoal e de sua difusão num ensino caracteriza o intelectual. (LE GOFF, 2003, p. 23).

História. Também foram feitas entrevistas semiestruturadas com os docentes para perceber como eles se destacavam como intelectuais na contemporaneidade.

A observação possibilitou refletir sobre a prática cotidiana, enquanto que as entrevistas ajudam a perceber o olhar dos sujeitos sobre a sua formação e ação docente. O especialista em pesquisa qualitativa, Uwe Flick, nos seus estudos sobre métodos de pesquisa, explica que “além das competências da fala e da escuta, utilizadas nas entrevistas, a observação é outra habilidade cotidiana metodologicamente sistematizada e aplicada na pesquisa qualitativa.” (FLICK, 2009, p.203-204).

Diante disso vale ainda explicar a escolha do campo da pesquisa. A escola de Ensino Médio Governador Aduino Bezerra foi escolhida para essa investigação por seu destaque, entre as escolas públicas de Fortaleza, na aprovação dos estudantes no ENEM, por ser próxima a universidade facilitando a locomoção e por ser a instituição de ensino onde concluí o meu ensino médio.

Após algumas visitas à escola, cinco professores de História do terceiro ano do ensino médio foram escolhidos para serem observados nos meses de agosto, setembro e outubro de 2016. As entrevistas foram realizadas em novembro do mesmo ano. Os sujeitos dessa pesquisa são formados em História pela Universidade Estadual do Ceará, tem entre 10 e 30 anos de experiência em sala de aula. Os professores gentilmente autorizaram a utilização dos seus nomes reais na pesquisa. Os docentes que participaram desta pesquisa foram: Leirton Carneiro, Airton de Farias, Anna Karina Cavalcante, Teófilo Ramos e Joana Angélica Bandeira. A ordem foi definida de acordo com a sequência das entrevistas que foram realizadas. Depois das observações e entrevistas, foi necessário dialogar também com o coordenador Humberto Mendes. O escolhido foi citado pelos professores por sua ótima gestão, já está na escola há mais de 20 anos e foi diretor durante dois mandatos recentes. Em relação aos participantes dessa pesquisa, Tardif destaca:

Ora, um professor de profissão não é apenas alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e orienta. (TARDIF, 2000, p.115).

Ao buscar esse processo de investigação, constato que Tardif compreende que a reflexão sobre a prática docente possibilita a produção do conhecimento e a valorização do saber experiencial, pois pensar sobre o que se realiza em sala de aula pode potencializar a ação docente ou até mesmo transformá-la. Por sua vez, ao analisar o que move a ação educativa, Sacristán explica:

Em educação, não podemos falar de condutas cuja objetividade possa ser observada à margem dos atores que as desenvolvam, porque, a rigor, não se trata de condutas que respondam à estímulos, mas de ações de sujeitos com biografia e história pessoal e coletiva, aspectos que não se tornam evidentes na apreciação “objetiva” a partir do exterior. (SACRISTÁN, 1999, p.32).

Assim, lembro ainda que as observações e as entrevistas são realizadas com sujeitos plurais, apesar de todos atuarem na área de História, possuem trajetórias de vida e de formação diferentes. Diante disso, saliento que a memória docente é seletiva e se constitui a partir das experiências e das intenções individuais, portanto, é essencial analisar os discursos e também interpretar os silêncios.

Em levantamento realizado no Portal Capes foram encontradas 101 pesquisas sobre o intelectual na área de História. Dessas pesquisas, 15 refletem sobre a trajetória de vida de pessoas consideradas intelectuais; 42 analisam as produções de intelectuais; 32 procuram entender o contexto histórico social ou cultural a partir do pensamento intelectual predominante no período; 3 investigam grupos de intelectuais; 2 abordam o diálogo entre intelectuais; 1 pensa a universidade como instrumento responsável pela formação intelectual e 1 apenas utiliza a palavra intelectual no resumo. As pesquisas de Chagas (2011), Dias (2011) e Cavalcante (2012), somente elas, utilizam como referencial o intelectual orgânico defendido por Gramsci (1985) que inspirou esta pesquisa.

O pesquisador Chagas (2011) utiliza como referencial teórico o intelectual orgânico de Gramsci para investigar a trajetória e as produções de Florestan Fernandes enquanto intelectual para perceber como a burguesia se estruturou historicamente e institucionalmente no período da contrarrevolução no Brasil. A partir dessa pesquisa o autor demonstra que as ideias de Florestan Fernandes estão intensamente relacionadas ao seu posicionamento político.

Na dissertação de mestrado em História, Dias (2007) aborda o perfil de intelectual para avaliar a ação dos sujeitos que integram a Ação Popular (AP) no Rio Grande do Sul,

explicando que a inserção política na AP influenciou no processo de construção da identidade e na mobilização dos indivíduos.

O pesquisador Cavalcante (2012) problematiza em seu trabalho a relação do docente com o sindicato para refletir sobre a luta de professores da rede pública estadual do Recife, no período da transição democrática, ressaltando a organização dessa categoria para lutar por seus direitos.

Outro aspecto abordado no contexto dessa pesquisa é a dimensão relacional entre formação e prática curricular vivenciada em sala de aula. Nesse ponto, cabe lembrar que o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI apontou quatro pilares que são considerados bases para a construção do conhecimento, levando em consideração que o processo de aprendizagem fomenta o desenvolvimento do indivíduo tanto para a formação profissional como também para a formação humana, o documento ressalta a necessidade do indivíduo em “aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver e aprender a ser.” (UNESCO, 1996, P.90).

As orientações da UNESCO sobre a Educação foram referência para a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN) em 1996, que determinou a formação no ensino médio durante três anos como critério para a conclusão da educação básica. Além dessa medida, entre os artigos decretados, também foi formulada a proposta de criação do Currículo de Base Nacional Comum. Nesse contexto, o Ministério da Educação (MEC) reuniu professores, pesquisadores e especialistas nas diversas disciplinas escolares, com o intuito de construir o currículo nacional tanto para o Ensino Fundamental como para o Ensino Médio.

Os debates para a concepção de um currículo nacional foram acirrados e o documento oficial produzido foi criticado por ter sido construído de forma aligeirada. O MEC divulgou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), primeiramente para o Ensino Fundamental. Em 1997 publicou os da 1ª à 4ª série, no ano de 1998 os de 5ª à 8ª séries, em 2000 os do Ensino Médio e em 2002 as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+).

O currículo brasileiro nas últimas décadas do século XX era considerado fragmentado e descontextualizado da realidade dos estudantes, inspirado na LDBEN de 1996, os PCN tentam romper com esse modelo e buscam incentivar o desenvolvimento das competências gerais através da contextualização e da interdisciplinaridade. Para alcançar tal

objetivo propõem novas abordagens e metodologias, que podem ou não ser apropriadas pelo professor.

De acordo com os PCN, os alunos se relacionam diariamente com a tecnologia, acessando rapidamente um grande número de informações em contato constante com o mundo virtual, entretanto, memorizar acontecimentos e ter o domínio de fórmulas não é suficiente para a sua formação. Na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias as competências trabalhadas no Ensino Médio devem possibilitar ao discente:

- compreender os elementos cognitivos, afetivos, sociais e culturais que constituem a identidade própria e a dos outros;
- compreender a sociedade, sua gênese e transformação, e os múltiplos fatores que nela intervêm, como produtos da ação humana; a si mesmo como agente social; e os processos sociais como orientadores da dinâmica dos diferentes grupos de indivíduos;
- compreender o desenvolvimento da sociedade como processo de ocupação de espaços físicos e as relações da vida humana com a paisagem, em seus desdobramentos político - sociais, culturais, econômicos e humanos;
- compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as às práticas dos diferentes grupos e atores sociais, aos princípios que regulam a convivência em sociedade, aos direitos e deveres da cidadania, à justiça e à distribuição dos benefícios econômicos;
- traduzir os conhecimentos sobre a pessoa, a sociedade, a economia, as práticas sociais e culturais em condutas de indagação, análise, problematização e protagonismo diante de situações novas, problemas ou questões da vida pessoal, social, política, econômica e cultural;
- entender os princípios das tecnologias associadas ao conhecimento do indivíduo, da sociedade e da cultura, entre as quais as de planejamento, organização, gestão, trabalho de equipe, e associá-las aos problemas que se propõem resolver;
- entender o impacto das tecnologias associadas às Ciências Humanas sobre sua vida pessoal, os processos de produção, o desenvolvimento do conhecimento e a vida social;
- entender a importância das tecnologias contemporâneas de comunicação e informação para planejamento, gestão, organização, fortalecimento do trabalho de equipe;
- aplicar as tecnologias das Ciências Humanas e Sociais na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida. (Bases Legais dos PCN, 2000, p. 96 e 97).

Os PCN para o ensino médio propõem trabalhar esse conjunto de competências que têm como base ampliar o desenvolvimento humano através da capacidade de saber comunicar, representar, investigar, compreender e contextualizar o conhecimento.

Na atualidade, a escola não consegue se desvincular das mudanças sociais, por isso é importante que o professor articule os conteúdos específicos com as problemáticas contemporâneas, dando sentido ao processo de ensino aprendizagem que, muitas vezes, é apontado pelos estudantes como distante da realidade, devido à dificuldade de perceber alguma relação entre as disciplinas e de aplicar a teoria aprendida em sala de aula à prática.

O currículo nacional defende uma formação geral que integre as disciplinas e que contribua para que o estudante consiga desenvolver a “... capacidade de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização” (BRASIL, 2000, p.5). Mesmo sendo proposto pelos documentos oficiais não é necessariamente o currículo ensinado na escola, por isso é interessante compreender que a instituição pública de ensino constrói um projeto político e pedagógico e o professor têm autonomia em sala de aula.

A divisão do trabalho, as disciplinas desconexas, os conteúdos fechados, a falta de comunicação entre os docentes, a burocracia, dentre outros fatores, contribuem para as problemáticas atuais. O Ensino Médio foi ampliado após a LDBEN de 1996, os jovens passaram a integrar esse nível escolar, que antes era restrito a uma pequena parcela da população, e depois da promulgação da Lei abriu espaço para a inserção das camadas populares nesse nível da educação básica, recebendo assim, um público plural, alguns oriundos de famílias que são marginalizadas pela sociedade.

Nessa nova estrutura, o Ensino Médio é pensado para além de uma simples etapa para o ingresso no ensino superior e para inserção profissional, buscando uma formação geral que contribua para o desenvolvimento humano nos âmbitos pessoais, culturais e sociais. O PCN+ tece críticas à divisão das disciplinas e o trabalho dos conteúdos de forma desarticulada, pois são considerados fatores que contribuem para o desinteresse dos estudantes. Através do trabalho com os conceitos acredita que é possível potencializar as competências, articulando o ensino com o desenvolvimento de aptidões para a resolução de situações problemas.

Diante disso, o documento ressalta a importância de encontrar pontos de conexão nos conteúdos das disciplinas que estão sendo abordados na escola. Também sugere aproximar os temas estudados da realidade dos discentes, almejando potencializar uma nova atitude da escola e do professor. “Contudo, assim como a interdisciplinaridade surge do contexto e depende da disciplina, a competência não rivaliza com o conhecimento; pelo contrário, só se funda sobre ele e se desenvolve com ele” (BRASIL, 2002, p.15). Desse modo, é importante esclarecer que o trabalho com as competências não diminui as especificidades de cada disciplina, pelo contrário, busca fundir o desenvolvimento de aptidões com o conhecimento disciplinar. Assim, a interdisciplinaridade, que depende da conectividade das disciplinas, mas

não descaracteriza suas peculiaridades, pode discutir tanto as semelhanças das visões científicas ao abordar determinado conteúdo como também as divergências entre elas.

Durante o século XX o vestibular convencional foi o sistema de avaliação utilizado para a seleção em todas as Universidades Estaduais e Federais do Brasil, mas nos primeiros anos do século XXI, ocorreu uma ruptura com esse método avaliativo que possuía caráter local, e em 2010, após intensas discussões as Universidades Federais aderiram ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

O Exame Nacional do Ensino Médio foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da educação básica, buscando contribuir para a melhoria da qualidade desse nível de escolaridade. A partir de 2009 passou a ser utilizado também como mecanismo de seleção para o ingresso no ensino superior. Foram implementadas mudanças no Exame que contribuem para a democratização das oportunidades de acesso às vagas oferecidas por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), para a mobilidade acadêmica e para induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio. (INEP, 2009, p.01).

A prova do ENEM possui 180 questões objetivas, no primeiro dia são 4 horas e 30 minutos de prova, sendo 45 questões de Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia) e 45 questões de Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Química, Física e Biologia), no segundo dia, são 5 horas e 30 minutos de prova, divididas para a resolução das 45 questões de Códigos, Linguagens e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira, Artes, Educação Física, Tecnologias da Informação e Comunicação), 45 questões de Matemática e suas Tecnologias e uma redação. As questões do ENEM de acordo com os PCN+ trabalham com cinco competências gerais: dominar diferentes linguagens, compreender processos, diagnosticar e enfrentar problemas, construir argumentações e elaborar proposições solitárias. (BRASIL, 2002, p.16).

Diante de tudo isso, percebendo essas problemáticas em relação às questões educacionais, é interessante compreender a função dos pensadores, em especial, os intelectuais orgânicos críticos, que buscam entender a estrutura da sociedade e contribuir com a reflexão dos jovens, dos trabalhadores e das camadas populares.

Nesse sentido, investigo a práxis docente aliada as permanências e rupturas no cenário educacional diante das transformações ocorridas nos primeiros anos do século XXI. Afinal, a História possui uma função social por pesquisar e buscar compreender as ações do homem no tempo e no espaço, contribuindo para que as pessoas percebam que o ser humano é

um ser social ativo, responsável pela construção do mundo em que vive. Por isso, foi formulada a seguinte problemática: os professores de História podem ser considerados intelectuais orgânicos críticos nos dias atuais? Desejando responder essa pergunta, a Escola de Ensino Médio Governador Aduino Bezerra foi escolhida para ser o lócus da pesquisa.

Com o intuito de apresentar o relatório dessa pesquisa, a dissertação se estrutura em quatro capítulos.

No capítulo um, apresento a definição de intelectual de acordo com o pensamento de Antônio Gramsci, explicando a função política e social dos intelectuais e diferenciando os orgânicos dos tradicionais.

No capítulo dois, reflito sobre a minha metodologia de pesquisa e faço algumas observações relacionadas as falas dos docentes sobre a sua relação com a escola pública, em especial, com a escola Aduino Bezerra que foi escolhida para ser o lócus dessa pesquisa.

No capítulo três, discuto o conteúdo das entrevistas realizadas com os professores de História sobre a formação, a práxis docente e as problemáticas políticas. Aqui é analisada a percepção do pensamento crítico em seu discurso.

No capítulo quatro, explico a observação das aulas aliada à análise do conteúdo do discurso dos professores de História e traço um perfil intelectual para cada docente, sendo possível perceber como as suas ações em sala de aula são movidas por suas crenças políticas e por seu pertencimento a uma classe.

As observações das aulas de História e as entrevistas com os docentes me permitiram perceber que os professores investigados apresentam o perfil de intelectual orgânico crítico. Apesar de uns serem mais dialógicos, outros mais cognitivos e outros mais políticos, todos apresentam uma postura crítica.

Nesta direção, esse estudo percebeu que nas aulas de História observadas, a construção do conhecimento se deu a partir da práxis docente ao abordar os conteúdos históricos, relacionando as problemáticas do presente com as ações do homem no passado.

No transcurso dessa investigação, as entrevistas foram importantes para que eu pudesse ouvir e analisar as ideias dos professores de História que atuam diariamente nessa área e por isso possuem uma visão mais ampla sobre a escola e seus desafios atuais.

Nos estudos sobre a categoria de intelectual, decidi utilizar como referência Antônio Gramsci, a seguir destaco algumas das suas contribuições para a educação e o perfil de intelectual orgânico definido por ele.

2 GRAMSCI E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Este capítulo aborda o referencial teórico da pesquisa, aqui discuto a categoria de intelectual pensada por Antônio Gramsci e ressalto as contribuições de suas obras para a Pedagogia Histórico-Crítica, destacando as principais características dos intelectuais orgânicos apontadas em seus escritos. Também trato das funções sociais e políticas que são realizadas pelos intelectuais orgânicos críticos de acordo com o pensamento de Gramsci.

Para isso, contextualizo o período histórico em que o autor viveu e escreveu suas obras. A visão de Antônio Gramsci sobre a educação, apesar de não ter partido da realidade brasileira, me ajudou a entender a estrutura social baseada no modo de produção capitalista e me fez pensar problemáticas semelhantes no cenário educacional de um modo geral. Então, buscando compreender melhor essas questões educacionais, acredito que o lugar social do autor e o período em que viveu pode dizer muito sobre a sua escrita, dessa forma, farei uma breve síntese sobre sua biografia.

Inicialmente, destaco que Antônio Gramsci, militante político italiano, cofundador do partido comunista da Itália⁴, nasceu em Ales, na ilha Sardenha, em 22 de janeiro de 1891 e faleceu em Roma, em 27 de abril de 1937. Morreu precocemente com apenas 46 anos por causa de uma hemorragia cerebral. Desde os 11 anos⁵, Antônio Gramsci precisou trabalhar nas fábricas para ajudar a mãe e os 6 irmãos, pois seu pai estava preso⁶ e não podia ajudar com as despesas da família.

Antônio Gramsci tinha a saúde frágil, era corcunda desde pequeno⁷ e no período em que esteve no cárcere foi diagnosticado com tuberculose óssea. Aos 21 anos foi estudar na

⁴ Gramsci só se convenceu da absoluta e urgente necessidade de fundar, também na Itália, um partido comunista quando já era tarde demais para que ele mesmo pudesse ser seu fundador. Bordiga fora o primeiro a colocar o problema na ordem do dia e foi ele quem assumiu a condução do Partido Comunista da Itália, fundado em Livorno, em 1921, como seção nacional do movimento comunista mundial. (LEPRE, 2001, p.43).

⁵ [...] o trabalho pôs fim a sua infância, da maneira mais brutal para uma criança, isto é, pela necessidade de contribuir para a manutenção da família: com 11 anos foi trabalhar no registro civil de Ghilarza, dez horas por dia, junto com o irmão Mário, por um pagamento de nove liras mensais, o equivalente a um quilo diário de pão [...]. (LEPRE, 2001, p.11).

⁶ Em 1898, Francesco foi preso e condenado a cinco anos e oito meses de reclusão por peculato e extorsão, por causa de um desfalque no escritório onde era empregado. (LEPRE, 2001, p.11).

⁷ Aos 18 meses foi acometido pelo mal de Pott, tuberculose que deformou-lhe a coluna vertebral. (LEPRE, 2001, p.10).

Universidade de Turim⁸. A cidade era rodeada de fábricas e passava por um intenso processo de industrialização.

No cenário político, Antônio Gramsci era atuante nas propostas de Esquerda, inspirou-se em Karl Marx⁹ (1818 – 1863), nos seus estudos abordou algumas problemáticas educacionais, inovou por investigar uma nova perspectiva no papel do intelectual e da cultura¹⁰ para o processo de transformação social¹¹. A maior parte das suas ideias foram escritas quando estava no cárcere¹². Em 1926, no governo de Benito Mussolini (1922-1939), ele foi preso e condenado¹³ por ser oposição do governo, líder comunista no período, mesmo sendo deputado, teve o seu mandato cassado e ficou recluso até 1934, ano em que conseguiu sua liberdade condicional. (LEPRE, 2001).

Em relação ao contexto histórico em que viveu, foi um período marcado por efervescência política, econômica e cultural. Ele foi contemporâneo de acontecimentos históricos como a Primeira Guerra Mundial¹⁴ e a Revolução Russa¹⁵. Tudo isso contribuiu para a formulação dos seus escritos. No período em que esteve no cárcere (1926 – 1937) escreveu várias cartas que foram reunidas em cadernos. Percebi na sua escrita o desejo de contribuir com a reflexão dos que são explorados e a afirmação de que é necessário que os intelectuais orgânicos críticos possam contribuir para que as camadas populares tenham acesso ao

⁸ Quando, no final do verão de 1911, deixou a ilha para estudar na Universidade de Turim, não teve remorsos. (LEPRE, 2001, p.11).

⁹ Na realidade, sempre amparado em Marx, Gramsci nunca deixou de fazer uma nítida distinção entre os movimentos culturais e ideais que são a expressão de processos históricos reais e aqueles que são pura elucubração dos intelectuais. (LEPRE, 2001, p. 297).

¹⁰ A cultura é [...] organização, disciplina do próprio eu interior, é tomada de posse da sua própria personalidade, é conquistar uma consciência superior, através da qual consegue-se compreender seu próprio valor histórico, sua própria função da vida, seus direitos e seus deveres. (NOSELLA, 1992, p. 15)

¹¹ [...] isso só aconteceria se o homem biológico tivesse se transformado completamente em um homem político, se a razão tivesse assumido o controle completo dos sentimentos e dos instintos. (LEPRE, 2001, 298).

¹² Tendo várias vezes se negado a publicar seus escritos, entendidos como passageiros, que deveriam morrer ao final do dia, agora ele se colocava diante da ideia de um estudo que lhe permitisse não sucumbir ao processo de embrutecimento humano causado pelo cárcere e ao mesmo tempo continuar contribuindo com a luta pela emancipação humana, que agora entendia ser um processo de longa duração. (OLIVEIRA, 2013, p.53).

¹³ No dia 04 de junho de 1928, ele foi condenado a vinte anos, quatro meses e cinco dias de reclusão. (LEPRE, 2001, p.138)

¹⁴ [...] o primeiro grande debate político que envolve profundamente Gramsci é o início da 1ª Grande Guerra. Efetivamente essa guerra é um fato histórico carregado de tamanho peso e objetividade que o tornam talvez o momento da real gestação do século XX. [...] Gramsci é, antes de tudo, uma testemunha crítica do forjar-se das forças que participarão da luta pela política hegemônica econômico-política deste século [...]. (NOSELLA, 1992, p.12).

¹⁵ A vitória da revolução comunista na Rússia, onde os socialistas ocidentais não haviam previsto que pudesse acontecer, modificava profundamente a visão marxista do processo histórico, baseada no desenvolvimento das forças produtivas. Parecia que tal fato devia-se sobretudo à vontade dos revolucionários. (LEPRE, 2001, p.30-31).

conhecimento. No sentido não apenas de saber o conteúdo, mas pensar criticamente sobre o mundo que vive. Gramsci relaciona em seus escritos as classes sociais, a política e os intelectuais, assim, abordo a categoria de intelectuais orgânicos pensada por Gramsci (1988) e investigo se os professores de História investigados podem ser considerados intelectuais orgânicos críticos na atualidade a partir desse referencial.

A forma como Gramsci pensou as questões educacionais trouxe contribuições importantes para a educação em geral. No caso do Brasil, inspirou a Pedagogia Histórico-Crítica que se fundamenta na dialética do materialismo histórico baseado nas suas obras e nas de Marx.

Em 1979, Dermeval Saviani aborda a Pedagogia Histórico-Crítica no Brasil, diferenciando da tendência Crítico-Reprodutivista, levando em consideração que a primeira aponta um caminho para a transformação social através da práxis, enquanto que a segunda percebe a influência da estrutura social na educação, mas não vê uma perspectiva de mudança.

Na visão Crítico-Reprodutivista, as investigações de Bourdieu e Jean – Claude Passeron (2010) marcaram os debates pedagógicos ao analisar a sociedade e dizer que ela reproduz na escola as disparidades sociais do sistema capitalista.

Os teóricos reprodutivistas ressaltam que atribuir à escola a função de transformar a realidade dos sujeitos é problemático, pois ao observar o sistema escolar perceberam que ela reproduz e potencializa as desigualdades. Para eles, os indivíduos que fazem parte das classes sociais privilegiadas possuem uma educação geral, ligada às músicas, às pinturas, à literatura clássica, aos filmes, às exposições de arte, ou seja, ao conhecimento erudito.

Sendo assim, os da elite já possuem um capital cultural que possibilita, muitas vezes, um maior desenvolvimento das habilidades e competências na escola, por isso eles se destacam nas avaliações e geralmente escolhem uma formação universitária que garanta sua permanência na classe em que pertence e dê a ele um *status* privilegiado. Diferente do que acontece com os alunos que são filhos da elite, os estudantes oriundos das camadas populares vivem outra realidade, possuem outra relação com a escola, muitos nunca foram ao teatro, não ouviram música clássica e precisam trabalhar para ajudar a família.

A reprodução das desigualdades sociais propiciada pela escola não resultaria, no entanto, apenas da falta de uma bagagem cultural apropriada à recepção da mensagem pedagógica. Bourdieu sustenta que a escola sanciona, valoriza e cobra não apenas o domínio de um conjunto de referências culturais e linguísticas, mas também um modo

específico de se relacionar com a cultura e com o saber. (NOGUEIRA e MARTINS, 2009, p. 76).

Desse modo, o capital cultural é peculiar do lugar onde os sujeitos vivem e das pessoas com quem tem proximidade. Quando o filho do trabalhador ingressa na escola pública, em muitos casos, não se sente pertencente ao lugar, por que os conteúdos escolares, as habilidades e competências exigidos para a formação não fazem parte do seu cotidiano e estão distantes do capital cultural herdado por ele. Desse modo, os estudantes precisam se esforçar para ter bons resultados na escola.

Ocorre que o sistema escolar, consciente ou inconscientemente, ao avaliar e proferir seus julgamentos, leva em conta, tanto quanto a cultura, a relação que os alunos têm com ela, ou seja, o modo de aquisição e de uso da cultura legítima. Mais especificamente, a escola reproduziria, a seu modo, a distinção entre os dois modos básicos de se relacionar com a cultura: um primeiro, desvalorizado, se expressaria na figura do aluno esforçado, estudioso, aplicado, que busca compensar sua distância em relação à cultura legítima através de uma dedicação tenaz às atividades escolares; e um segundo, valorizado, representado pelo aluno tido como brilhante, original, talentoso, desenvolvido, muitas vezes precoce, que atende às exigências da escola sem exibir traços de um esforço laborioso ou tenso. (NOGUEIRA e MARTINS, 2009, p.77).

Nesse sentido, a teoria reprodutivista faz uma reflexão interessante sobre a reprodução do capital nas relações sociais e nas instituições, porém, é muito criticada por apontar inúmeras problemáticas no sistema escolar e não sugerir nenhuma alternativa de ruptura com esse modelo educacional.

Outra vertente pedagógica que analisou a relação do capital com a educação foi a Radical Crítica Emancipatória, tomando como referência Henry Giroux (1986), historiador norte – americano especialista na área do currículo, um dos grandes nomes que atualmente discute a teoria crítica educacional, defende que deve existir uma resistência as imposições do governo, por parte dos alunos, dos professores e da comunidade escolar, acredita que através de um currículo bem elaborado e executado, a escola pode promover a emancipação humana.

Segundo Giroux (1986), o professor deve se reconhecer como um intelectual que pode contribuir com a transformação da realidade social e cultural dos estudantes. Para ele, é imprescindível que o docente seja engajado politicamente e busque alternativas de modificar suas condições de trabalho. Analisa que o controle dos conteúdos e a manipulação do conhecimento por um grupo homogêneo que interfere naquilo que deve ser ensinado, afeta as

camadas populares, que em muitos casos se sentem excluídos da História e estudam conteúdos de um currículo, muitas vezes, distante da sua realidade. Os grupos privilegiados tentam impor sua cultura, querendo disseminar suas músicas, seus filmes, seus livros, sua religião e sua ideologia. A cultura popular parece ser marginalizada diante do poder hegemônico imposto pela elite.

Diante disso, Giroux (1986) defende que o professor elabore o currículo para que as condições de ensino sejam adequadas e de qualidade. Critica os currículos que são impostos pelo governo, afirmando que devem ser elaborados pelo corpo docente da escola, pois cada lugar tem as suas peculiaridades.

De acordo com Giroux (1986), o professor não deve se restringir a reproduzir um conhecimento já dado. Deve resistir às imposições do governo e procurar trabalhar em sala de aula os conteúdos que tem alguma relação com o cotidiano dos estudantes. As discussões coletivas precisam fazer parte da formação discente, sendo a escola um lugar de reflexão social e de transformação. Ele faz críticas a teoria reprodutivista, afirmando que é uma visão simplista da reprodução social e cultural. Além disso, discorre sobre a problemática do determinismo unilateral presente nessa teoria.

Apesar das propostas de Giroux (1986) para as modificações currículo e a propagação do trabalho coletivo nas escolas, é interessante ressaltar que essas medidas podem amenizar algumas problemáticas educacionais, mas não resolvem a questão maior que envolve a totalidade da estrutura.

Pensando sobre as problemáticas educacionais em uma perspectiva totalizante, compreendendo a estrutura social, a Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 1991) baseada nas ideias de Gramsci e Marx, refletiu e elaborou uma proposta de intervenção. Primeiro, em relação ao conteúdo, pois é através do acesso ao conhecimento que o estudante consegue romper com o senso comum e elevar a sua consciência filosófica. Nesse sentido, o conteúdo é fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico na escola.

A segunda questão abordada pela Pedagogia Histórico-Crítica é a socialização do saber. O conhecimento deve ser compartilhado para que todos tenham acesso a ele e consigam compreender a realidade social que estão inseridos.

O terceiro ponto é a apropriação do saber historicamente produzido para superar a alienação, entendendo que o homem ao longo do tempo e do espaço é um ser ativo e criativo

que se diferencia dos outros seres vivos por sua capacidade de transformar a natureza e a si mesmo.

Em quarto lugar, a percepção de que o conhecimento está em um constante processo de aperfeiçoamento, portanto, “o saber é suscetível de transformação, mas sua própria transformação depende de alguma forma do domínio deste saber pelos agentes sociais. Portanto, o acesso a ele impõe-se.” (SAVIANI, 1991, p. 78).

Por fim, a Pedagogia Histórico-Crítica defende o saber clássico por reconhecer que alguns conhecimentos eruditos, principalmente os filosóficos, atravessam temporalidades e espacialidades, ajudando a compreender problemáticas que são atuais.

2.1 As características dos intelectuais orgânicos

Em sua obra “Os intelectuais e a organização da cultura”, Gramsci destacou que a escola é um espaço de transformação e, nesse sentido, os intelectuais orgânicos críticos podem contribuir para o desenvolvimento cultural das massas a partir do acesso ao conhecimento amplo, sério e comprometido com a sociedade. Sendo assim, o professor potencializa o pensamento crítico dos estudantes para que ele perceba que a estrutura social a que pertence foi construída historicamente e pode ser transformada a partir do seu pensamento e das suas ações. Na escola, o indivíduo tem acesso à ciência e a técnica, ou seja, se aproxima da cultura, por isso pode desenvolver novas maneiras de pensar e agir.

Entretanto, é interessante ressaltar que nem todo intelectual orgânico está ligado às camadas populares, dentre eles, tem os que defendem a ideologia da classe dominante. Porém, decidi investigar se, e como os professores de História investigados são intelectuais orgânicos críticos.

Para Gramsci (1988), os grupos sociais formam os seus próprios intelectuais, denominando-os de orgânicos. Eles sustentam e defendem a ideologia da sua classe e exercem funções econômicas, sociais, política e culturais.

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político [...] (GRAMSCI, 1988, p. 3).

Nesse sentido, a luta entre as classes acontece no campo prático e ideológico¹⁶, sendo assim, os intelectuais exercem uma função muito importante para a sociedade, afinal, é a partir da ideologia que os valores sociais, culturais e políticos estão embasados. A ideologia dominante, nesse caso, o pensamento das elites, busca ganhar força, mas os intelectuais orgânicos críticos analisam e se posicionam diante dos conflitos, conectando-se às lutas políticas das classes “subalternas”.

Cada grupo social “essencial”, contudo, surgindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta estrutura, encontrou – pelos menos na história que se desenrolou até aos nossos dias – categorias intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliais, como representantes de uma continuidade histórica que não fora interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas. (GRAMSCI, 1988, p. 5)

Segundo Gramsci, os intelectuais são sujeitos que atuam ativamente no cenário social e político desde tempos remotos. Segundo ele, todo indivíduo tem potencialidade de ser torna um intelectual, mas nem todos conseguem ser por causa da desigualdade e das injustiças sociais.

Pensando sobre a intelectualidade, Rodrigues (2013) traça o perfil de intelectual para grandes pensadores clássicos, como Manheim, Lênin, Gramsci, Nietzsche, Foucault, Mills, Aron, Gaetano Mosca, defendendo que os intelectuais compõem a sociedade desde a antiguidade. Segundo o autor, as atividades realizadas por “letrados”, “peritos” e “escrivas” já demonstravam uma forte relação com o conhecimento, o que teria contribuído para a ascensão social desses profissionais que possuíam acesso ao saber.

De acordo com Rodrigues o advento do Iluminismo trouxe prestígio para os detentores do conhecimento que foram construindo explicações racionais e criticando as justificativas que ligavam os acontecimentos aos fenômenos da natureza. As explicações religiosas sobre os fatos vão se tornando obsoletas e o desejo de ter uma resposta científica se

¹⁶ Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, uma consciência, e é em consequência disso que pensam; na medida em que dominam enquanto classe e determinam uma época histórica em toda sua extensão, é lógico que esses indivíduos dominem em todos os sentidos, que tenham, entre outras, uma posição dominante como seres pensantes, como produtores de ideias, que regulamentem a produção e a distribuição dos pensamentos de sua época; as suas ideias são, portanto, as ideias dominantes de sua época. (MARX e ENGELS, 1976, p. 56)

torna mais intensa. O saber, portanto, é o legitimador do que é ser intelectual desde tempos remotos. “Em síntese, podemos dizer que, na literatura sociológica, o intelectual é alguém que vive do saber e dele retira poder, prestígio e influência...” (RODRIGUES, 2013, p.61).

Há diversas experiências que colaboram para compreensão de mundo, a vivência com a família, a conversa com os amigos, as informações que chegam rapidamente através dos meios de comunicação, mas destaco a instituição que está diretamente ligada ao processo educacional, a escola, que permanece até os dias atuais sendo o lócus da discussão, produção e disseminação do saber.

A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termo, “humanismo”, em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional) ou de cultura geral deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa. (GRAMSCI, 1988, p. 121)

A escola pensada por Antônio Gramsci tem uma função importante, que vai além da reprodução do sistema capitalista, para ele, a instituição escolar pode proporcionar para as camadas populares uma formação crítica, favorecendo a compreensão do mundo. A partir da apropriação do conhecimento crítico, refletindo sobre os direitos e deveres dos indivíduos, os sujeitos encontram os fundamentos ideológicos e podem romper com as desigualdades sociais, culturais e políticas.

Na escola atual, graças à crise profunda da tradição cultural e da concepção da vida e de homem, verifica-se um processo de progressiva degenerescência: as escolas de tipo profissional, preocupadas em satisfazer interesses práticos imediatos, tomam a frente da escola formativa, imediatamente desinteressada. O aspecto mais paradoxal reside em que esse tipo de escola aparece e é louvada como democrática, quando, na realidade, não só é destinada a perpetuar as diferenças sociais, como ainda a cristalizá-las. (GRAMSCI, 1988, p. 136).

Desse modo, Gramsci não nega que a escola reproduz ideias do capitalismo, como por exemplo, a competitividade, a individualidade e o tecnicismo, porém, ressalta a contribuição da escola em aproximar os estudantes da cultura. Segundo ele, primeiramente é necessário conhecer o mundo para conseguir transformá-lo¹⁷. Através da elevação cultural das massas para

¹⁷ Nos cadernos 11 e 22 – Americanismo e Fordismo, quanto nos escritos políticos pré-carcerários, Gramsci explica a importância de conhecer o mundo para conseguir transformá-lo. Porém, ele ressalta que essa é uma ideia pensada por Marx e apontada nas teses sobre Feurbach.

resistir a lógica dominante e construir um projeto político que atenda as demandas das camadas populares a construção de uma sociedade igualitária será possível. Assim, Gramsci destaca a importância do papel do intelectual orgânico. “O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um [...]. [...] uma nova concepção de mundo.” (GRAMSCI, 1988, p. 8),

São orgânicos críticos os intelectuais que conseguem problematizar em sua profissão as inquietações presentes na sociedade em que vive. Não significa simplesmente ter uma boa oratória ou ser considerado um grande estudioso, é importante compreender a sociedade nos seus diversos aspectos. Enquanto o intelectual orgânico da elite se envolve com uma parte que geralmente é privilegiada socialmente, o orgânico crítico se preocupa com o povo, a desigualdade e as injustiças.

Outro modelo são os intelectuais tradicionais que focam no conhecimento erudito, enciclopédico, academicista, mas permanecem estagnados em relação as questões primordiais que regem a sociedade.

Dado que estas várias categorias de intelectuais tradicionais sentem com “espírito de grupo” sua ininterrupta continuidade histórica e sua “qualificação”, eles consideram a si mesmos como sendo autônomos e independentes do grupo social dominante. Esta auto colocação não deixa de ter consequências de grande importância no campo ideológico e político: toda a filosofia idealista pode ser facilmente relacionada com essa posição assumida pelo complexo social dos intelectuais e pode ser definida como a expressão desta utopia social segundo a qual os intelectuais acreditam ser “independentes”, autônomos, revestidos de características próprias, etc. (GRAMSCI, 1989, p. 6).

Os intelectuais tradicionais são aqueles que estão diretamente ligados ao conhecimento, mas são neutros e silenciam diante das problemáticas presentes em seu cotidiano, bem diferente do intelectual orgânico crítico que deseja refletir e contribuir com as lutas políticas das camadas populares por democracia, igualdade de direitos, moradia, entre outras.

Os orgânicos críticos são comprometidos politicamente e potencializam as ações do organismo, ou seja, contribuem para o desenvolvimento social, político e cultural das camadas populares.

Uma das mais marcantes características de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes

quanto mais o grupo em questão elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos. (GRAMSCI, 1988, p.9).

Para Gramsci todo ser humano é criativo e tem uma cultura que está ligada ao contexto em que está inserido. Muitas informações alcançam com facilidade as pessoas. A tecnologia revolucionou a forma como os sujeitos se relacionam entre si e também facilitou a difusão do conhecimento. Interessante destacar que para Gramsci a tecnologia não era pensada de forma negativa. Ele acreditava que o avanço tecnológico poderia ser uma ferramenta utilizada para facilitar o acesso à cultura.

Assim, é interessante perceber a visão de Gramsci (1988) em relação a educação e sua explicação ao definir que os intelectuais orgânicos críticos realizam uma conexão com o trabalho, a política e a cultura. Para ele, todos esses aspectos estão diretamente relacionados. Estudar essas questões foi aumentando a minha decisão em saber mais sobre os intelectuais orgânicos críticos. Então, decidi empreender a investigação com os professores de História da Escola de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra e busquei inspiração nos estudos de Antônio Gramsci. Os docentes escolhidos para essa pesquisa são profissionais da educação e diariamente em suas aulas, ao abordarem o contexto histórico das temáticas falam sobre as questões políticas e culturais do seu tempo, fazendo relações entre o passado e o presente.

Para compreensão da categoria de intelectual é importante ressaltar as principais características dos intelectuais orgânicos críticos para perceber quais as relações desse modelo com os professores de História que escolhi para realizar essa pesquisa.

Começo esclarecendo que para Gramsci os intelectuais orgânicos críticos contribuem para a propagação do conhecimento e a superação do senso comum. Ademais, embasam teoricamente os problemas sociais e contribuem para uma reflexão crítica da sociedade, sabem que o caminho para alcançar a emancipação humana está em conscientizar politicamente as massas e buscar na sua prática cotidiana favorecer isso. Sobre essa questão Mochcovitch (1988) afirmou:

No sentido que lhe dá Gramsci, senso comum é a visão de mundo mais difundida no seio das classes comuns subalternas. O senso comum é tão complexo como a religião, mas é ainda menos homogêneo e estruturado. As representações do mundo que esse senso comum permite são sempre ocasionais e desagregados: são resultado, em grande medida, da banalização de ideologias de épocas históricas anteriores. (MOCHCOVITCH, 1988, pág. 14).

Também fica claro nos escritos de Gramsci que os intelectuais orgânicos críticos apoiam as reivindicações das camadas populares, percebem que a luta por educação de qualidade, moradia digna, hospitais com bom atendimento, transporte público que atenda a demanda populacional, entre outras necessidades básicas do povo, devem ser discutidas pelo coletivo e priorizadas pelo governo.

Assim, as imposições da classe dominante são criticadas, pois os intelectuais orgânicos que possuem uma visão crítica da sociedade, percebem a gravidade de não considerar as demandas sociais do povo. As políticas públicas educacionais tanto para a formação docente como para as questões curriculares, muitas vezes, ficam distantes da realidade do chão da escola.

Nesse sentido, os intelectuais orgânicos críticos aliam a teoria e a prática, por isso sua vivência deve estar diretamente ligada ao discurso. Acreditam que o conhecimento embasa as ações, portanto, devem estar em consonância com o que pensa e defende. O pensar e o agir devem estar em uma afinada sintonia para a superação do senso comum.

Constata-se assim que, para Gramsci, o senso comum se opõe à filosofia, isto é, a uma “ordem intelectual” que é uma “unidade” e uma coerência” na consciência individual, pois não se baseia numa reflexão crítica, numa interrogação. O senso comum caracteriza-se, portanto, em primeiro lugar, pela sua adesão total e sem restrições a uma concepção de mundo elaborada fora dele próprio, que se realiza num conformismo cego e numa obediência irracional a princípios e preceitos indemonstráveis e “não científicos”, funcionando da crença e da fé. (MOCHCOVITCH, 1988, pág. 15).

De modo geral, o ser humano possui uma função social no seu lar, nas instituições que frequenta, a exemplo, na escola, no seu trabalho, entre outros. Muitas pessoas não tem consciência da sua função na sociedade. Mas de acordo com Gramsci, os intelectuais orgânicos críticos se percebem como sujeitos ativos da História e sabem que a estrutura social, cultural e política foi construída pelo homem, por isso ele pode transformá-la.

No cotidiano, esses intelectuais expressam os objetivos sociais do grupo que pertence. Por mais que uns deixem isso mais claro do que outros, é interessante perceber que apesar das distinções na trajetória de vida e de formação, e na escolha do método diferente, os objetivos e o empenho para alcançá-los são comuns. O pensamento político, a posição social e a bagagem cultural movem a ação docente.

Dessa forma, a ação pedagógica dos intelectuais orgânicos críticos é reconhecida por eles como um ato político, sendo fundamental compreender que isso não significa uma doutrinação e menos ainda uma manipulação de ideias, pelo contrário, é o acesso ao conhecimento para a compreensão de mundo, para que os sujeitos entendam a estrutura da sociedade e possam defender seus ideais com uma base científica coerente.

Além disso, Gramsci percebe que das questões mais simples e também as mais complexas possuem uma historicidade, isso pode ser percebido a partir de um olhar para a relação das pessoas com o trabalho, a religião, a família, as práticas alimentares, os hábitos de higiene, entre outros. Dessa forma, os intelectuais orgânicos ligados as camadas populares compreendem as problemáticas sociais e sabem que possuem um sentido histórico que precisa ser discutido e entendido por todos.

2.2 A função política e social dos intelectuais orgânicos críticos

Os professores de História são sujeitos que têm o domínio do conhecimento científico e são ativos na sociedade contemporânea, pesquisam, interpretam, constroem e propagam o saber. Realizam em sala de aula uma ação política e defendem a liberdade crítica na sua práxis. Diante disso, existe alguma relação dos professores de História investigados com o perfil intelectual orgânico pensado por Gramsci?

Nesse contexto, é preciso entender que os intelectuais orgânicos críticos estudados participam do processo de formação de sujeitos que sintam o desejo de refletir sobre a sociedade, pois entendem a importância de contribuir com a percepção dos indivíduos sobre a estrutura social. Dessa forma, desejam despertar a criticidade e contextualizar as ações do homem no tempo e no espaço. Ao analisar o processo de desenvolvimento da espécie humana, fica claro que desde os primórdios o homem utilizou a sua criatividade e foi em busca de conhecimentos para melhorar sua condição de vida. Nesse sentido, as camadas populares da sociedade italiana pensada por Gramsci em 1920 precisavam desnaturalizar o olhar sobre o mundo para perceberem que a sociedade foi construída a partir das ações humanas e através do acesso ao conhecimento o homem pode promover as permanências e as rupturas históricas

Ainda nesse sentido, os intelectuais orgânicos críticos não podem esquecer do vínculo entre o presente e o passado, pois as questões contemporâneas possuem um sentido

para se configurarem dessa forma, por isso a educação política das massas é essencial. A política brasileira passa por uma fase difícil, a pouca credibilidade motivada pelos escândalos de corrupção deixou a população desconfiada. Não bastante, o polêmico processo de *impeachment* da ex presidente Dilma Rousseff, eleita pelo povo, também foi questionado, por não terem provas concretas de que ela cometeu crime de responsabilidade política. Muitos cientistas políticos, historiadores e estudiosos sobre o assunto atribuíram a saída da presidente a um golpe dos setores conservadores mobilizado principalmente pelo PMDB. (PRONER, CITTADINO, TENENBAUM, RAMOS FILHO, 2016).

Os governos de Luís Inácio Lula da Silva e depois de Dilma Rousseff, integrantes do Partido dos Trabalhadores (PT), trouxeram algumas melhorias para a vida das camadas populares. Os movimentos sociais receberam um apoio maior, programas sociais se intensificaram e a renda dos trabalhadores teve um aumento superior à inflação. Apesar desses avanços, os governos considerados de esquerda não conseguiram fazer uma distribuição de renda e além disso se aliaram a partidos conservadores, principalmente o PMDB.

Diante disso, as grandes fortunas permanecem inalcançáveis e mais uma vez o povo sofre as consequências da crise. Aproveitando-se dos problemas econômicos do Brasil, os setores mais conservadores se unem, fazem uma forte campanha e conseguem derrubar a presidente Dilma Rousseff. As massas ficaram em choque ao ver a presidente eleita perder o poder de governar no processo de *impeachment*. Desde então, o Brasil passou a ser governado pela Direita. (PRONER, CITTADINO, TENENBAUM, RAMOS FILHO, 2016).

Nesse cenário político de intensas disputas, os professores de História discutem como se deu o golpe da democracia em 2016 e, alguns fazem uma comparação com o golpe civil militar de 1964, despertam o desenvolvimento da criatividade das camadas populares para que criem estratégias de luta e percebam que educação e política andam de mãos dadas, por isso não tem como atingir uma qualidade na educação sem melhorar as políticas públicas educacionais.

Assim, é necessário superar o senso comum e abrir espaço para a disseminação do conhecimento científico capaz de potencializar a consciência crítica dos sujeitos. A mídia brasileira se posiciona politicamente e muitas vezes exhibe propagandas políticas que induzem o senso comum a pensar e agir de acordo com as notícias que são amplamente divulgadas, mas

a desnaturalização da cultura a partir do olhar crítico, é a chave para romper com o senso comum.

Desse modo, contribuir para ampliar a visão das massas, percebendo as relações que existem entre o campo social, político, econômico e cultural possibilitam observar a totalidade da sociedade, ao invés de olhar para uma parte solta, perceber a conexão existente entre as principais áreas da sociedade favorece o entendimento da estrutura vigente e contribui para a formação do pensamento crítico. Dessa maneira, o contato com o conhecimento promove a elevação cultural das massas, sendo possível romper com esse modelo de escola dual que existia na sociedade Italiana analisada por Gramsci e que ainda permanece nos dias atuais.

A divisão fundamental da escola em clássica e profissional era um esquema racional: a escola profissional destinava-se às classes instrumentais (trabalhadora); ao passo que a clássica destinava-se às classes dominantes e aos intelectuais. (GRAMSCI, 1988, p. 118).

Nesse sentido, é importante entender esse embate entre a escola para o filho do trabalhador, conhecida atualmente como a escola profissionalizante que já insere o estudante em profissões técnicas quando conclui o ensino médio e a escola dos filhos da elite que possibilita o acesso ao conhecimento para o ingresso no ensino superior e o exercício de profissões com uma valorização maior e remuneração valorizada. “A multiplicação de tipos de escola profissional, tende a eternizar as diferenças tradicionais; mas, dado que ela tende, nestas diferenças, criar estratificações internas, faz nascer a impressão de possuir uma tendência democrática.” (GRAMSCI, 1988, p. 137).

O discurso elitista tenta construir uma ideia de democracia ao formar jovens na escola profissionalizante para o mercado de trabalho. O ensino superior exige um tempo de dedicação para os estudos e muitos estudantes precisam trabalhar e exercer profissões técnicas. Aliado a isso, a elite busca propagar o pensamento de que os jovens que trabalham desde cedo podem melhorar a condição de vida da família. Essa problemática acentua ainda mais a desigualdade social, pensando sobre essa questão, Gramsci propõe a criação de uma escola para superar a crise na Itália “...inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual...” (GRAMSCI, 1988, p. 118). Na década de 1920 esse modelo dual de escola já era discutido, e no Brasil

contemporâneo essa divisão ainda permanece e cresce com as novas políticas públicas do governo atual para a educação.

Segundo Gramsci, a elite italiana para dominar a questão econômica interfere nas questões políticas e culturais. Nesse sentido, o Estado é utilizado para garantir os privilégios de uma minoria que busca disseminar a sua religião, a sua ideologia, o seu pensamento, e assim, intervém também nas questões educacionais. Desse modo, a sociedade está organizada pela ideologia dominante e criou uma concepção de mundo desigual e individualista.

Interessante observar que as condutas morais e éticas são construções humanas, a exemplo, uma pessoa está em um ambiente público que faz muito calor, o que ela faz? Se despir para amenizar aquela situação ou suporta por saber que vai quebrar uma norma importante para a sociedade? Dificilmente uma pessoa vai se despir em um lugar público, pois os princípios morais, religiosos, éticos e comportamentais influenciam o comportamento social desde a infância.

Na organização econômica da sociedade, as formas de trabalho também foram baseadas em escolhas humanas. Diante disso, as camadas populares passam a maior parte do seu tempo realizando algum tipo de trabalho alienado, nos manuscritos econômicos Karl Marx (2010) definiu quatro tipos de alienação:

- 1) A primeira se realiza na relação do homem com o produto do trabalho, devido o estranhamento ao objeto, ou seja, o indivíduo vende a sua força de trabalho e perde a relação com aquilo que produz;
- 2) Outro aspecto ressaltado pelo autor é a alienação que acontece no processo de produção marcado pela divisão do trabalho e a aceleração no modo de produção, assim, o trabalhador não escolhe o ritmo, o horário e nem o salário justo pelo seu trabalho, realiza movimentos repetitivos e se sente esgotado nesse processo;
- 3) A terceira ocorre em relação ao gênero humano, quando a mercadoria adquire um valor superior ao indivíduo, nesse sentido, o homem se afasta da sua essência e vai perdendo o sentido de se perceber como um sujeito ativo na História;
- 4) Por fim, destaca a alienação em relação ao outros, quando o homem se torna estranho aos seus semelhantes e na sua leitura de mundo naturaliza a desigualdade social.

Pensando sobre essas problemáticas, Freire (2008) compreende que a estrutura do mundo, possibilita ao homem perceber que pode transformar a natureza e a si mesmo a partir da reflexão e da ação baseada na práxis humana. Ao pensar sobre o papel do trabalhador social no processo de mudança, Freire explica que é fundamental para os sujeitos entenderem as rupturas e as permanências que ocorrem na sociedade, reconhecendo

[...] que a estrutura social é obra dos homens e que, se assim for, a sua transformação também será obra de homens. Isto significa que a sua tarefa fundamental é de serem sujeitos e não objetos de transformação. Tarefa que lhes exige, durante a sua ação sobre a realidade, um aprofundamento da sua tomada de consciência da realidade, objeto de atos contraditórios daqueles que pretendem mantê-la como está e dos que pretendem transformá-la. (FREIRE, 2008, p. 48).

De acordo com Freire, não existe uma hereditariedade do conhecimento, mas uma busca que prepara os sujeitos para pensar, compreender e debater as questões que integram a sua leitura de mundo. Para ele, a educação bancária é um instrumento de opressão para as camadas populares, pois percebe o aluno como um mero receptor de informações. Dessa forma, a elite deseja que as massas permaneçam alienadas para continuar explorando e lucrando com a sociedade capitalista.

Diante disso, Paulo Freire pensa em alternativas para romper com a educação bancária, defende a importância do diálogo, faz críticas ao educador bancário que se acha detentor da verdade absoluta. Segundo ele, o docente deve se reconhecer como educador humanista, respeitando a realidade social dos estudantes, sabendo que os discentes possuem conhecimentos prévios que podem contribuir com as discussões.

O controle dos conteúdos e a manipulação do conhecimento por um grupo homogêneo que escolhe aquilo que deve ser ensinado ou não. A minoria e os excluídos da História, em muitos casos, ficam distantes do processo curricular. Os grupos privilegiados tentam impor sua cultura. As camadas populares, na maioria das vezes, não se sentem pertencentes à escola. Sua cultura parece ser marginalizada diante do referencial imposto pela elite.

Importante perceber também que o governo com as políticas públicas educacionais tenta interferir na autonomia do professor e impor currículos nacionais, sem levar em consideração as particularidades de cada lugar. Nesse sentido, os debates sobre as disciplinas que serão ministradas e os conteúdos que serão trabalhados ajudam a pensar sobre a sociedade

atual e o seu ideal de educação. A escola é um espaço de transformação cultural, onde o currículo deve contemplar a realidade dos discentes e as problemáticas atuais. A sala de aula deve ser um espaço de socialização de ideias e as crianças, os jovens e os adultos precisam se sentir incluídos no planejamento curricular.

Dessa maneira, Gramsci (1988) acredita na transformação da realidade social a partir da ação coletiva e consciente dos homens. Desse modo, a profissão docente se destaca por aliar uma função social e política cotidiana e também alcançar o coração do país, a juventude.

3 PROFESSORES PENSAM E FALAM SOBRE A ESCOLA

Para fundamentar essa pesquisa optei por utilizar uma abordagem etnometodológica. Esse tipo de investigação inspira-se nos estudos de Allan Coulon que no seu livro “Etnometodologia” explica que ao abordar as ações e as falas dos sujeitos através do processo da interpretação é possível entender aquilo que é real, definindo que a investigação etnometodológica “...é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar” (COULON, 1995, p.30). Para ele, algumas atitudes que muitas vezes são tidas como naturais, ao serem problematizadas podem revelar fatos importantes da realidade social.

O autor ressalta ainda que cada ser humano possui uma maneira de olhar, pensar e agir que varia de acordo com o seu lugar social, a sua idade, a sua ideologia, as suas crenças, a sua experiência. Para ele, o pesquisador que observa os fatos sociais não deve limitar-se a apenas descrevê-los, mas empreender uma investigação intensa que possibilite a coleta de dados para a interpretação do fenômeno observado. Diante disso, “a pesquisa qualitativa possui o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; possui caráter descritivo; os significados que as pessoas dão as coisas e a sua vida [...]”. (GODOY, 1995, p.62).

Assim, abordarei a fala dos professores sobre a escola Adauto Bezerra através das ideias de Bardin (1979), referência internacional na interpretação de conteúdos. Nesse sentido, a autora defini a análise de dados da pesquisa como sendo:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1979, p.42).

Dessa forma, busco entender o significado do conteúdo elaborado a partir da reflexão docente. Neste capítulo os professores de História pensam e falam sobre a escola, a ordem das falas dos docentes foi baseada na sequência das entrevistas.

Após a coleta dos dados, realizei a análise e a interpretação das fontes inspirada no procedimento de Bardin (1979) que ressalta a importância de explicar quem emitiu a

mensagem, o contexto em que a mensagem foi emitida e qual o objetivo da mesma. Diante disso, a escola pública em geral e a escola de ensino médio Adauto Bezerra que foi a instituição escolhida para ser lócus da pesquisa foram problematizadas pelos docentes.

3.1 Reflexões sobre a Escola de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra

O decreto de fundação da escola ocorreu em 04 de março de 1976, quando o cenário político brasileiro ainda estava marcado por censuras e perseguições. Importante lembrar que nessa fase, o regime militar ditatorial (1964-1985), durante o governo de Ernesto Geisel (1974 – 1979) deu os primeiros passos para o lento processo de democratização do Brasil com o fim do AI-5 que tornou possível aos acusados políticos solicitarem o *habeas corpus*.

Neste processo de embates, permanências e rupturas, o General Ernesto Geisel indicou José Adauto Bezerra de Menezes para ser o governador do Estado do Ceará. Em março de 1976, o Decreto Lei nº 11.771 foi assinado pelo então governador para a criação da escola e no ano seguinte ela passou a funcionar com o nome de Centro Interescolar de 2º Grau Governador Adauto Bezerra, onde está localizada até hoje, na rua Monsenhor Liberato, nº 1850, Bairro de Fátima.

De acordo com o histórico da escola, nas primeiras décadas de sua criação era oferecida uma educação profissionalizante para os jovens na área de mecânica, eletricidade, contabilidade, administração, crédito e finanças. Atualmente, não possui mais cursos técnicos e seu objetivo principal é favorecer o acesso ao conhecimento para que muitos estudantes ingressem no ensino superior ao invés de serem mão de obra barata para o mercado.

A escola possui 21 salas de aula, um auditório, uma biblioteca, uma quadra coberta, laboratórios de Informática, Química e Biologia, uma cantina, uma sala para os professores com banheiro, diretoria, secretaria, algumas salas individuais para a coordenação, banheiro reservado para os funcionários da escola e banheiro dos estudantes próximo ao pátio. A pintura dos espaços está preservada, ocorreram algumas intervenções durante o período da ocupação da escola por alguns estudantes, mas já foram retiradas. O modelo arquitetônico é problemático, pois a escola foi construída na década de 1970, logo algumas salas ficam expostas ao sol e a acústica não se torna favorável. Todos esses problemas estruturais não têm impedido os professores de História de realizarem um excelente trabalho de reflexão crítica.

Por causa da qualidade no ensino e dos altos índices de aprovação dos estudantes da escola Aduino Bezerra no ENEM, durante o período de matrícula é surpreendente o tamanho da fila que se forma, muitos pais até dormem na quadra da escola para conseguir uma vaga para o filho. De acordo com Libâneo (2003),

A “democratização da escola” tem sido encarada sob diferentes ângulos. Os órgãos oficiais, por exemplo, embora a proclamem, e mesmo favoreçam o acesso à escola das camadas mais pobres da população, na prática não oferecem as condições mínimas que a assegurem (funcionamento da escola, salário dos professores e condições de trabalho, condições de aprendizagem dos alunos, etc.). (LIBÂNEO, 2003, p.11).

Para compreender melhor a realidade escolar do locus da presente pesquisa e discutir sobre as diferenças entre as escolas públicas e privadas, perguntei aos professores de História quais as semelhanças e as diferenças que eles podem apontar nessa reflexão.

O professor Leirton Carneiro ressaltou que a estrutura das escolas públicas são incomparáveis com a das escolas particulares, que fazem altos investimentos nessa área. Na sua visão, também existem diferenças em relação aos estudantes, pois nas escolas privadas em que lecionou, principalmente nas “turmas especiais”, os estudantes que integram essas salas de aula já tem uma base boa e vão focados em passar nos vestibulares e olimpíadas, então ele procura exigir o máximo para que o objetivo dos discentes sejam alcançados. Ao ingressar na escola pública, precisou ter mais cuidado em relação aos conteúdos, pois não adianta simplesmente dar um conteúdo para cumprir sua carga horária, para ele, o mais interessante é que todos entendam o que está sendo explicado. Ao pensar sobre a sua relação recente com a escola pública, disse:

“Para mim está sendo maravilhoso. Parece coisa de menino, eu fui professor, coordenador, diretor de colégio, sócio de cursinho, estudei nas melhores escolas de Fortaleza, mas para mim essa descoberta da escola pública. Eu não imaginava como era tão bom, como é tão participativo, como é tão desafiador fazer parte da escola pública. O desafio, a complexidades das coisas, das pessoas, de infraestrutura, amizades, debates. Tudo isso faz parte desse conceito que me inspirou, me fez renascer, eu me sinto renovado dentro da escola. Eu estava me sentindo um aposentado, agora eu me sinto uma figura renovada dentro da escola pública, por todo esse clima de debate, de discussão, de desafio, de ter uma infraestrutura, de fazer uma greve na educação. Mal entrei no Estado e você tem como gritar contra as coisas que estão acontecendo, contra direitos que querem tirar da gente, então isso é uma coisa fabulosa e me inspira aos velhos tempos do movimento estudantil, me deu vida. Em relação a escola privada e pública a parte de infraestrutura não se compara. Trabalho bastante com as turmas especiais, primeiro, segundo e terceiro ano. Um pessoal pronto para passar nas provas de vestibulares e de olimpíadas. É uma

clientela diferente, que está lá para estudar e a gente explora o que pode e tira o que pode deles para que tenham um futuro garantido. É diferente na escola pública, que nós temos uma clientela muito heterogênea e a gente tem que ir com calma e ir passando degrau por degrau, não de uma hora para outra, para de uma hora para outra você está falando e ninguém está entendendo nada. Você tem que ter muito cuidado, eu acho isso muito interessante. Apesar dos resultados serem maravilhosos aqui na nossa escola, a gente tem que ter muito cuidado em como a gente vai montando a matéria durante o ano. É diferente, na escola particular no segundo ano a gente acabou tudo e o terceiro ano é só revisão e aqui a gente está preparando, vai trabalhando no primeiro, segundo. São diferenças importantíssimas entre a escola particular e a escola pública.”

O professor destacou na sua reflexão diferenças que vão desde a estrutura física até a questão humana. Diante da desigualdade presente na sociedade e perpetuada na escola, o professor Leirton se sente mobilizado para protestar e lutar pela garantia dos direitos individuais e coletivos. Nos momentos de conflito com o governo a organicidade docente parece aflorar e potencializar a união dos professores da escola pública.

De acordo com o professor Airton de Farias, a primeira coisa que percebeu foi a diferença da questão étnica, durante os anos que lecionou em uma das maiores escolas da cidade de Fortaleza percebia que a maioria dos alunos era constituída por brancos, pardos, loiros e tinham os olhos claros. Ao chegar na escola Adauto Bezerra observou que a maioria é composta por estudantes negros e mulatos. A condição econômica também foi sentida a partir das vestimentas dos discentes e dos meios de transporte que utilizam para chegar na escola. A quantidade de homossexuais também chamou a atenção do professor, acredita que na escola particular também existem muitos, porém, a instituição privada por ter um caráter mais conservador, exige uma disciplina maior por parte deles, enquanto a escola pública é um espaço de maior liberdade. Outra questão levantada pelo professor foi em relação a gestão escolar, na escola particular as regras já são impostas e o calendário é feito pela coordenação e a direção, já na escola pública é um processo bem mais democrático, são realizadas reuniões pedagógicas para discutir calendário, conteúdos e propostas de atividades para o ano letivo. Sobre as diferenças, ele apontou:

“O modo de vestir dos alunos, em uma escola privada, eu nunca vi um aluno assistir aula de chinelo e aqui os alunos normalmente assistem, tudo parece uma bobagem, mas para quem está chegando é uma diferença muito grande. Outra coisa que chamou atenção aqui foi a questão da quantidade de homossexuais, que nas escolas privadas também devem ter muitos, não creio que não exista lá, mas como é uma classe média alta, uma instituição que tem um caráter mais conservador, não digo repressora, mas que exige uma conduta do aluno, embora aconteça indisciplinas e tal, mas o pessoal lá é mais na sua, mais calado. E a escola pública com seu espaço

mais de liberdade, como é pública, é de todo mundo e tal, então eu lembro muito como eu fiquei chocado quando eu vi dois alunos homossexuais se beijando na escola, eu nunca tinha visto na realidade, dentro de uma escola, então assim, para mim foi um choque, não diria preconceito, não tenho nada contra, apenas chamou a minha atenção, porque era uma coisa que eu não era acostumado a ver. Outra coisa é a questão de direção, numa escola particular você tem um coordenador e um diretor que estabelecem as regras, é esse aqui o horário, essas aqui são as regras, isso aqui é a prova, cumpra. Embora eu tivesse alguns coordenadores que eu dialogava, talvez por ser professor, conhecido, a gente conseguia negociar algumas coisas e tal. Mas o professor em uma escola particular segue imposições estabelecidas pela coordenação e direção, é isso aqui e acabou a conversa. No Adauto foi muito interessante a experiência, porque de repente no começo do ano a gente foi discutir o calendário, e eu jamais havia participado de uma reunião em que eu ia discutir o calendário sobre o que seria feito ao longo do ano. A eleição para diretor, eu nunca tinha participado, fiquei surpreso com acirramento, muito acirrado, parecia realmente uma eleição dessas de partidos, muito acirrado, surpreso com os ânimos das pessoas, então foram coisas que me chamaram muita atenção, de forma surpreendente, positivada, negativa e a adaptação não foi fácil, no começo eu não consegui me situar bem.”

A avaliação do professor sobre essa questão me ajudou a pensar sobre as diferenças na estrutura e principalmente nas relações humanas entre professores, estudantes, pais, núcleos gestor e funcionários que compõem a escola. Nesse sentido, a escola pública apesar dos problemas na estrutura física e da dificuldade em conseguir alguns recursos, demonstra ser mais aberta ao diálogo.

A professora Anna Karina Cavalcante sentiu muita diferença em relação aos estudantes, e principalmente na comunicação com os gestores. Na escola particular não podia se posicionar criticamente sobre questões importantes, precisava silenciar em muitos casos e já foi até demitida uma vez por chamar a atenção de duas estudantes que conversavam durante a aula. Na escola pública sente liberdade para expressar seu pensamento. Neste sentido, a professora ressaltou as seguintes diferenças:

“Não só em relação aos estudantes, mas em relação, em especial, obvio, aos gestores. Dono de escola te trata de uma maneira que você não pode se pronunciar, e aqui você, na escola pública, a gente tem mais liberdade. Liberdade para ser você mesmo. Não estou dizendo que é uma liberdade plena, não, não existe, é muito trabalho, é muito trabalho. Todos nós temos os nossos limites, mas é diferente, na pública para mim foi bem melhor, em termos de ser eu mesma, de poder verbalizar, muitas vezes é isso que incomoda, a gente conseguir colocar o pensamento crítico, em sala de aula, coisa que na particular não era permitido. E, com relação aos alunos, o tratamento não era diferente. Eu já tive em escola particular em que eu fui posta para fora porque eu chamei a atenção de duas alunas que conversavam bastante, mas que eram muito bem vistas porque eram alunas que tinham irmãos matriculados na escola e que eu pedi para elas se retirarem da minha sala porque estavam conversando, atrapalhando minha sala, as mães foram na escola e disseram: “Ou a minha filha, ou a professora.” Obviamente, ele vai optar pela mensalidade escolar da família. E

aí eu fui colocada para fora nessa época. Então, é assim, os alunos te tratam como um descartável, assim como o dono da escola. O agradar e o agrada é muito relativo, você não vai conseguir agradar todo mundo. O perfil de um professor na escola privada é um professor animador, piadista, que te faça rir, é diferente. Na escola pública não tem essa carência do humor, eles têm outras carências, e são carências muitos parecidas com a maioria dos trabalhadores da educação, então, fui mais realizada na escola pública do que na privada. Mesmo que na privada tenha carteira assinada, eu prefiro a pública.”

Segundo a professora Anna Karina, o sentimento de liberdade em expressar o seu pensamento crítico é bem maior na escola pública, pois nas suas experiências em algumas instituições privadas sentia que demonstrar criticidade poderia ser problemático. Além disso, reconhece que as carências dos estudantes das escolas públicas, muitas vezes estão relacionadas as lutas da classe trabalhadora.

O professor Teófilo Ramos não relatou nenhuma experiência na rede privada de ensino. Quando começou a lecionar em 2005 já foi em uma escola pública. Antes de ser professor trabalhava em uma empresa particular prestando serviços na área de segurança empresarial. Ao falar sobre a escola pública, discorreu sobre a importância do respeito entre os funcionários e na relação aluno-professor, da importância em ter autonomia enquanto integrante do corpo docente e da relevância de uma boa gestão escolar. Sobre o destaque da escola Aduino Bezerra entre as escolas públicas, explicou:

“A localização influencia, mas é muito mais a gestão, a gestão é muito séria, a gestão consegue, conseguiu o respeito dos professores, também dos alunos, e da sociedade em geral. O pessoal hoje tem o Aduino como uma instituição de renome, o pessoal realmente confia. Então é isso, quando se cria esse clima favorável, eu acho que acaba que as coisas acontecem de forma positiva.”

Segundo o professor Teófilo o grande diferencial da escola Aduino Bezerra está na boa organização da gestão que conseguiu construir um clima de estabilidade e motivação na escola e envolveu estudantes e professores. Na visão do docente, a localização da escola e o trabalho coletivo possibilitaram o crescimento da escola tanto no sentido quantitativo como também no qualitativo.

A professora Joana Angélica Bandeira diz valorizar muito a escola pública e o serviço público em geral por que o salário dos funcionários é pago por cidadãos que quitam os seus impostos. Lembra também que veio de uma família humilde, de estratos sociais que não tinham tanto acesso aos serviços públicos, era tudo muito difícil. Além disso, faz críticas atuais

ao funcionalismo público, devido à forma como as pessoas que precisam utilizar esses serviços são tratadas na maioria das vezes, pela questão da acomodação de alguns funcionários e pela falta de cuidado com o que é do coletivo. Ao discorrer sobre a valorização da escola Adauto Bezerra como uma das melhores escolas públicas do Estado, a professora refletiu sobre os caminhos que a escola trilhou para se tornar o que é atualmente e disse:

“Olhe, como eu disse anteriormente, tudo tem uma História, vocês sabem disso. Essa escola não nasceu linda e maravilhosa como ela é hoje, não. Eu cheguei nessa escola aqui em 2004, essa escola tinha 6 turmas do turno da tarde fechadas. E o turno da noite capenga, já para se acabar. A escola era pichada, cadeira quebrada, esse pátio vivia sujo, era lixo para todo o canto. Essa realidade começa a mudar quando ocorre a eleição para diretor no ano de 2004, a primeira eleição que eu participei aqui foi em 2004, e aí mudou a direção. Então quando muda a direção da escola, em um processo muito traumático também, né, a eleição foi traumática também no ano de 2004. E aí, quando o novo diretor assumiu, a primeira coisa que ele começou a direcionar, junto com o núcleo gestor que assumiu com ele: Vamos limpar essa escola. Vamos juntar o lixo dessa escola, vamos limpar essas paredes, vamos arrumar essas portas, vamos arrumar os vasos sanitários, vamos começar a ver, depois disso tudo, muito trabalho, muita insistência, muito empenho, e mais que isso, vamos trazer mais alunos para essa escola. Como é que a gente traz aluno para a escola? Fazendo a escola funcionar. Empenhando esforços para que o menino chegasse aqui 7h10 e só saísse 11h40, porque a gente não tinha sexto tempo ainda. Que esse menino tenha aula a manhã toda. A gente não precisa liberar esses meninos 10h da manhã depois do intervalo. Então a primeira mudança era a questão estrutural. O compromisso com a escola pública, da conservação daquilo que a gente já tinha conseguido e de solidificar aquilo que a gente já conseguiu. Então é um empenho muito grande da equipe, e porque não dizer um desempenho muito grande da direção da escola. No ano que a gente chegou aqui, tinham dois alunos aprovados em universidade. No ano seguinte, 5 alunos. Qual foi o nosso grande feito como escola, como comunidade? Foi quando passaram 12 meninos para a UFC. Foi uma festa nessa escola. 12 alunos do Adauto Bezerra. E aí, na época, nós fizemos uma carta, um e-mail, e mandamos para um colunista do Jornal o Povo, pedindo só que ele desse uma notinha no jornal sobre os nossos 12 heróis. O que foi que ele fez? Ele fez a nota e publicou o nome dos meninos. Gente, eu me arrepio todinha. A grande conquista nossa. 12 meninos em uma universidade. Um orgulho tremendo. E a gente usa como peça de propaganda sim, aí foram melhorando os resultados, foram melhorando, para a gente chegar aonde a gente chegou hoje. Isso é uma conquista de todo mundo, isso é uma conquista da comunidade. Isso não é um trabalho de A, de B ou de C não. Mas rendam-se os créditos sim, aos núcleos gestores que passaram por essa escola. Porque se nós não tivéssemos tido lideranças, nós não teríamos chegado aonde a gente chegou não. Então é bom que se resgate a História dessa escola.”

A professora traz informações importantes sobre a organização da escola, de acordo com a sua avaliação, o trabalho realizado pelo núcleo gestor despertou a comunidade escolar para trabalhar coletivamente e ajudar a escola a se desenvolver nas questões simples e complexas, a exemplo, a limpeza da escola, o compromisso docente com as aulas, a motivação estudantil para o ingresso no ensino superior e a propaganda sobre a qualidade da escola.

O atual coordenador e ex-diretor da escola, Humberto Mendes, também foi entrevistado e explicou como o Adauto Bezerra foi se tornando uma escola conceituada na cidade de Fortaleza. De acordo com a sua visão:

“O Adauto é uma escola central, uma escola que já tem, hoje, 42 anos de fundação, e, nesse período, as escolas de ensino médio eram muito centrais, depois é que houve a difusão das escolas de ensino médio para todos os bairros de Fortaleza. Com essa difusão, houve um esvaziamento das escolas centrais, e isso não aconteceu diferente com o Adauto. O Adauto, de fato, quando eu era professor e antes de assumir a gestão, já passava por uma queda muito grande no número de matrículas, no turno da tarde tínhamos 7 salas já fechadas, e o turno da noite bastante reduzido. Então, o que vinha acontecendo com o Adauto era algo que já vinha acontecendo em grandes escolas. Porque em todos os bairros passou a ser ofertado o ensino médio, coisa que antes não era. A gente sempre entendeu que o estudante que sai de bairros distantes, da periferia da cidade, eles vêm em busca de algo diferente, diferente do que é ofertado nas proximidades de sua casa, isso aí foi, de certo modo, um mote para que a gente tentasse discutir e tentar construir uma proposta pedagógica alternativa, ao que era convencional; convencional sempre foi o que? Que a escola pública deveria, simplesmente, ofertar uma educação que formasse os nossos estudantes para a cidadania. O que é bonito, no entanto, essa história de ‘‘ formar para a cidadania’’ é algo do que a gente começa a visualizar com essa proposta de reforma do ensino médio, ou seja, você formar os estudantes para a mão de obra barata que o mercado requer. Então, isso é uma leitura que acontecia e que a gente também faz, hoje, com essa proposta de reforma de ensino médio. Onde você quer instituir uma formação profissional que anteriormente existia e que negue oportunidade para que os estudantes da rede pública deem prosseguimento aos seus estudos. Então a questão é que no primeiro momento eles nem acreditavam que era possível. Então nem se inscreviam. Aí a gente começou a criar a cultura de você começar a se inscrever, participar do processo, se inteirar do processo, e aí a gente foi começando a criar uma dinâmica em que o estudante de terceiro ano ele deveria, e o propósito central de quem se matriculasse no terceiro ano, aqui nessa escola, era uma preparação para o procedimento do estudo que era entrar em uma universidade. E aí, foi criando essa cultura, e hoje, uns 95% dos estudantes a 98% se inscrevem no ENEM ou nos vestibulares e já colocam isso aí como uma meta a ser alcançada. É, todo esse trabalho não foi uma obra divina ou só de uma pessoa, de maneira nenhuma, foi algo que foi construído coletivamente, porque os próprios professores, que tem uma equipe bastante boa, bastante qualificada. Então, os professores começaram a perceber que era possível eles produzirem o seu próprio material, esses materiais começaram a ser reproduzidos, e os resultados começaram a aparecer. Então pronto, aí nessa linha, se tornou um ciclo, os resultados vão aparecendo, e os professores foram, também, criando uma autoconfiança, no seu trabalho. O material didático é todo produzido pelos professores. Então, a escola produz, não é diferente dessas grandes escolas não.”

O coordenador Humberto Mendes ressaltou a importância da parceria entre direção, professores, pais e estudantes para que a escola conquistasse os objetivos propostos. O bom trabalho da gestão, o empenho dos professores, a motivação dos discentes, a confiança dos pais e o apoio dos demais funcionários foram apontados pelo coordenador como os fatores que mais contribuíram para o crescimento quantitativo e qualitativo da escola.

3.2 A visão dos professores sobre o processo de ocupação que ocorreu na escola

As ocupações de algumas escolas no Brasil representaram um momento de resistência e foram motivadas tanto por questões específicas de cada Estado como também pela luta geral de valorização da educação. No âmbito nacional, o movimento estudantil secundarista que tem como lema “ocupar e resistir” começou em São Paulo e inspirou outros Estados do país, como o Ceará. Diante desse cenário, perguntei aos professores o que eles pensavam do movimento de ocupação que ocorreu durante quatro meses na escola Aduauto Bezerra.

O professor Leirton Carneiro defendeu que é um dos momentos mais revolucionários da História, ressaltando que é muito interessante que os estudantes participem desse processo, deixem o conforto de suas casas para aprender, conviver e mostrar que a educação está nas mãos deles e não nas mãos de alguns legisladores que não entendem nada sobre a escola e só tomam atitudes arbitrárias contra a educação. Sobre essa questão, refletiu:

“Eu ouvi de um determinado político, bem mais velho, que era um dos momentos mais revolucionários da História do Brasil, e eu concordo totalmente. Eu acho que isso na época, no final da ditadura, quando a gente começou, quando eu comecei a me envolver com o movimento estudantil e depois se a gente tivesse a ideia de ocupar naquela época, teria sido maravilhoso. Então eu acho a ocupação uma verdadeira revolução, para muita gente é sair do capricho de casa e vir viver uma realidade totalmente diferente, aprender, conviver e mostrar que a educação está nas mãos dos estudantes e não de alguns legisladores que não entendem nada de educação, que não sabem nada e que tomam só atitudes arbitrárias contra a educação.”

Assim, o professor demonstrou que apoia o movimento e reconhece que a participação dos estudantes nesse momento de luta foi importante, pois a partir dos debates coletivos, das estratégias de resistência e da divisão de roupas, comidas e coisas básicas, os estudantes perceberam sua força política e foram à luta.

O professor Airton de Farias reflete que é uma tentativa de conter o prevalecimento das ideias conservadoras, e como os partidos e os sindicatos estão em crise, mais uma vez os estudantes puxam esse movimento, como aconteceu, por exemplo, nos protestos contra a ditadura militar em 1968, nas manifestações para as Diretas Já e nas passeatas Fora Collor. Em relação as ocupações, ele discorreu:

“Assim, não há em política lacunas, não há vácuo, então, no instante que essa esquerda institucional passa por uma crise enorme você vai abrir brechas para grupos conservadores apoiarem-se, crescerem, como cresceram os protestos do passado, isso é muito claro, deste ano também, os protestos, e você vai abrir também brechas para uma reação. Então, eu vejo, nesse momento, uma tentativa, de seguimentos mais populares, mais esquerda, de reagirem a essa onda, a esse grupo, a esse prevalecimento de ideias conservadoras, e os estudantes seriam, como os partidos estão em crise, como há sindicatos em crise, os professores no nosso sindicato foi uma derrota humilhante, então, quem acabou ocupando esse espaço? Os estudantes. Como houve, por exemplo, nas “Diretas Já”, também, no movimento “Fora Collor”. Essa juventude está voltando. Comete erros? Todo mundo comete erros. É o andar, também, que se aprende ao marchar, vão vendo, revendo, os equívocos, os acertos. Porque história é um caminho aberto, não tem fórmula pronta.”

O docente avalia o movimento de forma positiva, como sendo um sopro de esperança em um momento delicado para o país, como em outros períodos problemáticos na História da política brasileira, a juventude ganha as ruas, ocupa os espaços e resiste.

A professora Anna Karina Cavalcante afirma que é um processo de formação política para os estudantes, por que apesar de ter sido uma experiência precipitada, eles passaram por momentos bons e ruins, tiveram que viver coletivamente, dividir o alimento e, em algumas vezes, faltava dinheiro para a comida, o gás, os produtos de higiene. Isso muito contribuiu para a formação social e humana desse grupo, pois nessa experiência viveram coisas que, até então a maioria nunca tinha vivido. Diante disso, esclareceu:

“Antes das ocupações ocorrerem no Estado do Ceará, logo na primeira semana da greve, eu fiz uma fala no ginásio, após a assembleia dos professores em que alguns estudantes foram, e, terminado a assembleia, os estudantes se reuniram lá fora, no ginásio, e eu pedi a fala, na reunião deles, e eu coloquei a necessidade de ter a ocupação, porque era o que estava acontecendo em outros lugares do país, em especial em São Paulo, e para a gente ter um apoio e reforçar a luta, a greve, já que não é uma bandeira específica da categoria professor, mas é uma bandeira específica da Educação. E eles, por serem parte do processo de educação, os alunos, nada mais justo deles levantarem essa bandeira também, essa ferramenta que é a ocupação, então assim, antes dela acontecer, eu fui uma das professoras que primeiro apoiou o processo de ocupação, inclusive alguns gestores de algumas escolas já discutiram entre si, ‘Ah, a ocupação é culpa dela!’”, o que é terrível, como se os meninos não fossem capazes de pensar politicamente, de agir sozinho politicamente, tanto é que durante o processo de ocupação, eu apoiei as ocupações, fazia fala de apoio, visitava as ocupações, mas na medida do possível, quando eu via algo de errado, eu também chegava pra eles e dizia: - Isso está errado, não é dessa forma, ocupação é um espaço político e não deve se fazer dessa forma, porque o que acontecer de ruim na ocupação será de ruim para o movimento todo.”

De acordo com a professora, o movimento apresentou fragilidades, porém foi um processo de muitos aprendizados e conquistas. Os estudantes tiveram suas lutas visibilizadas, organizaram debates, fóruns, promoveram diálogos entre as escolas, compartilharam alimentos e produtos de higiene, demonstraram coragem para resistir as medidas arbitrárias do governo.

O professor Teófilo Ramos explicou que é sempre bom que o estudante participe dos protestos e lute pela garantia dos seus direitos para que desde cedo tenha consciência da sua função política dentro da sociedade. O professor achou muito interessante a ocupação que aconteceu na escola e disse:

“É uma coisa que a gente não via em anos anteriores, acho que assim, a coisa aconteceu de forma muito, a gente já via que os alunos do Adauto tinham, assim, sempre tiveram, uma autonomia, e eram incentivados a ter essa autonomia, mas assim, acho que agora chegou mesmo o momento mais agudo dessas atividades, e eu vejo com bons olhos, que é sempre interessante que o aluno tenha essa participação, que seja consciente da sua função dentro da sociedade, seja mais vigilante com essa questão política, que tenham alguma ação, diante das mudanças aí da política, que possa se propor a fazer coisas, e não apenas ficar observando, ter uma ideia e colocá-la em prática. Então isso aí foi muito interessante, e eu espero que sempre tenha essa participação. E que os professores também possam, não só ajudar, mas contar também com a ajuda dos alunos. Porque eu percebo que daqui para frente virão vários desafios.”

Diante das mudanças políticas, ressaltou em sua fala a relevância da ação dos estudantes no cenário atual, levando em consideração que a maioria dos discentes ainda não pode votar, mas pode sim fazer manifestações para reivindicar os seus direitos.

A professora Joana Angélica Bandeira diz que inicialmente os estudantes conquistaram o apoio da maioria dos professores, mas depois de alguns ocorridos a ocupação foi perdendo o objetivo principal e os docentes foram se afastando. Nesse sentido, ela relatou:

“Eu devo dizer a você que quando os meninos, a ocupação aqui começou na quadra, em uma assembleia de estudantes, eu participei dessa assembleia, acompanhei, e os meninos, na assembleia, resolveram a ocupação. Antes disso, houve uma reunião aqui falando das ocupações no Bom Jardim, em outras escolas de Fortaleza, e os meninos do Grêmio, do Adauto Bezerra, juntamente a outros alunos, de terceiro ano e de primeiro, reivindicaram, também, que houvesse a ocupação do Adauto Bezerra. A direção foi reticente a essa ideia, colocou que não era o momento, que não era apropriado para aquele momento, e eu fui uma das professoras que, sim, apoiei, porque se fazia a propaganda, show de bola, que estava ocupado a outra escola, e a gente apoiava as outras escolas ocupadas, mas não apoiava a ocupação aqui, o que seria um contrassenso, e houve a ocupação, nós ajudamos no começo da ocupação, trazendo alimentos, trazendo material de limpeza, visitando os meninos, eu mesma vim e fiz isso aqui na escola, mas o que é que complicou a situação? Quando a

ocupação deixou de ser uma questão de reivindicação para a melhoria das escolas, em um modo geral, e passou a ser um braço de tendências políticas partidárias. ”

Segundo a professora, alguns integrantes de partidos políticos, movimentos sociais, queriam se infiltrar no movimento, pessoas que não estudavam na escola queriam circular livremente pelos espaços escolares fazendo coisas indevidas, ocorreram pichações no santuário que já está na escola há muitos anos, dentre outros problemas. Tudo isso contribuiu para que o movimento fosse perdendo forças. Para a professora Joana Angélica, a grande questão atualmente é avaliar o que ocorreu durante e depois desse processo, por que a ocupação terminou, mas nada do que aconteceu foi discutido e as desavenças motivadas por isso continuam acontecendo na escola.

O coordenador Humberto Mendes comenta sobre as dificuldades que a escola teve em administrar esse processo porque a ocupação foi organizada por adolescentes e, em alguns momentos a gestão escolar percebia a influência de tendências políticas dentro do movimento, porém, ressalta que foi uma relação de muito respeito entre a gestão e os ocupantes. Sobre essa questão, relatou:

“Olha, a gente sempre teve uma relação de muito respeito com os movimentos sociais. Inclusive, a nossa visão é essa: de que a gente cumpre um papel social a partir do nosso trabalho como gestor e enquanto professor. O nosso público, na sua maioria, são estudantes que vêm de uma camada carente, são meninos que passam dificuldades, não só na educação, mas também dificuldades sociais. Eu acho que é uma obrigação a gente trazer essa reflexão a esse debate aqui para dentro da escola. Está certo? E eu acho que a escola cumpre um papel muito importante nesses processos, devemos continuar a cumprir, não tendo desilusão de que em um contingente de 100 professores, 2000 estudantes existem uniformidade de pensamento, isso não existe e nem vai existir, nunca. No entanto, a gente entende que a gente cumpre um papel muito grande, e eu acho que a gente deve trazer esse debate, a escola não deve ser submetida a um sistema que reprime, um sistema que quer impedir você de pensar, impedir você de ousar pedagogicamente. Então, se você começar a se submeter a isso, que vem do Ministério de Educação, a se submeter a isso que vem da Secretaria de Educação, ou achar que tudo que esses caras estão fazendo nos gabinetes é correto, então, estamos ferrados. Nós enquanto gestores enfrentamos uma dificuldade muito grande, muito grande dentro do sistema, e dentro da própria escola mesmo, existem pessoas com visão altamente conservadora, que acham que essa proposta que a gente defende é algo que não constrói, é algo deturpador, mas a gente vem mostrando que a gente consegue fazer um debate e consegue também mostrar o resultado da autonomia. É um ciclo, porque eu tenho certeza que se a gente tivesse submetido, desde o princípio, ao que é imposto pela Secretaria de Educação, o que é imposto pelo MEC, não teria nem a metade desse resultado, que é o que acontece com a maioria das escolas, de não fazer, de não ousar, de não tentar arriscar e errar, com medo do sistema, de ser chamado a atenção, de receber uma notificação por isso e por aquilo, e nós aqui não temos medo disso não. Se for preciso ir à Secretaria de Educação para cobrar, se for preciso

mobilizar, se for preciso ir à rua, a gente vai; porque a gente entende que o respeito e a autonomia escolar têm que está vinculado em todas essas lutas. A nossa relação como movimento estudantil, sempre foi de muito respeito. Existem várias tendências políticas no movimento estudantil, não é obrigado a gente concordar, e a gente não concordar com muitas, mas a gente procura administrar e, principalmente, garantir o espaço, para que, independente da linha, independente da tendência política e da entidade, que ela possa atuar sem causar grandes transtornos ao funcionamento da escola. ”

O coordenador relatou que ficou preocupado por causa da idade dos estudantes, levando em consideração que a maioria dos ocupantes eram menores de 18 anos e ainda não tinham participado de algo assim, era tudo novo para eles. Além disso, algumas tendências políticas tentaram se infiltrar no movimento e a ocupação foi perdendo o apoio de alguns professores. Apesar dessas divergências, o gestor reconhece os objetivos do movimento estudantil e defende que a escola deve ser bastante ativa e permanecer se atualizando nos debates políticos e educacionais.

3.3 O movimento da escola sem partido na visão docente

O projeto educacional do movimento escola sem partido, propõe que o professor seja imparcial na escola, evite discutir questões polêmicas ou políticas, e não se posicione em relação aos acontecimentos da atualidade. Segundo o projeto, alguns professores tentam doutrinar os estudantes, levando para a sala de aula seus ideais políticos, culturais ou religiosos, por isso o projeto propõe a exclusão de debates sobre essas questões na escola. Nesse sentido, perguntei aos docentes o que eles pensam em relação a essa proposta.

O professor Leirton Carneiro avalia o projeto escola sem partido como negativo e esclarece que o docente tem a função de promover um processo de conscientização nos discentes, não de doutrinação. Ao refletir sobre o movimento, o professor disse:

“Eu acho isso um absurdo. Até porque uma das funções da escola, principalmente do professor, que faz a linha direta com os alunos, é tentar promover um processo de conscientização, não de doutrinação, mas de conscientização do que está acontecendo, para que os alunos também aprendam a se posicionar e se posicionem, tomem atitude, que tenham atitude, porque isso é importante para seu desenvolvimento pessoal. ”

Para ele, faz parte da essência do magistério trabalhar a realidade política, econômica e social. Acredita que a escola precisa preparar os estudantes para se posicionarem criticamente

e também para tomarem atitudes conscientes. Sendo assim, ver a escola sem uma discussão política é um verdadeiro retrocesso.

O professor Airton de Farias define esse projeto como uma das coisas mais ridículas que já viu. No seu relato faz críticas aos indivíduos que fazem uma leitura de mundo limitada, desconsiderando a pluralidade de sujeitos e de modos de vida, baseando-se muitas vezes, em ideias religiosas, dogmáticas ou preconceituosas. Ao pensar sobre esse movimento, discorreu:

“Assim, uma das coisas mais patéticas que eu vi em minha vida. Porque o cara que fala uma coisa dessas ele não tem a mínima noção de como é que se produz conhecimento, não tem conhecimento imparcial, nem nas ciências exatas, biológicas tem conhecimento imparcial. O problema, algumas vezes, é que alguns colegas, e eu faço a minha culpa, eles querem partidizar a aula, aí é complicado. Mas o aluno não é alguém ingênuo, ‘‘ Ah, o coitadinho do aluno’’; na verdade, você é politizado de várias formas, você é politizado na escola, sim, mas também no trabalho, em casa, na igreja, com o namorado, não sei com quem, você é bombardeado com várias concepções políticas ao mesmo tempo, no fundo você vai escolher a sua concepção. Muitas vezes você tem pessoas que tem concepções totalmente contraditórias, o cara defende uma coisa e ao mesmo tempo outra coisa, em termos de lógicas partidárias seria uma coisa absurda, porquê? Porque você vai colhendo frutos e vai formando tua cesta. Então dizer que o professor é o cara que vai manipular o aluno, que vai tornar o aluno coitadinho, nenhum receptor é assim, ele faz uma leitura. ‘‘ Ah, a televisão manipula’’, não é bem assim. ‘‘ O professor manipula’’, não é bem assim.”

Segundo o docente Airton de Farias, os professores podem até potencializar uma reflexão utilizando uma abordagem com o ponto de vista diferente dos estudantes, mas dizer que os discentes serão manipulados pelos professores, é um absurdo, pois cada sujeito de acordo com as suas experiências faz a sua própria leitura de mundo.

A professora Anna Karina Cavalcante comenta sobre a tentativa desse projeto de acabar com a liberdade de expressão do professor com o objetivo de não debater temas importantes para que a mão de obra seja a mais alienada possível. Sobre essa questão a docente relatou:

“Eu estive em um debate quinta feira, em um debate muito caloroso, mas ao mesmo tempo muito preocupante, porque pelo que eu percebi da exposição do palestrante, ele não falou uma vírgula do projeto escola sem partido, toda a exposição dele foi colocar mensagens de Facebook de professor, mensagens que as pessoas colocaram em seu perfil sobre Fora Temer, e opiniões políticas e, assim, é um absurdo. Então o professor não pode se expressar politicamente no Facebook, nem em sala de aula. Nem no Facebook, pessoal? Então, a gente viu, de forma bem clara e objetiva, que é um cerceamento da liberdade de expressão. O projeto de escola sem partido é exatamente isso, tirar a liberdade de expressão. Que o professor não se pronuncie, de forma nenhuma, nem na sala de aula, nem nas suas redes sociais.”

Nessa fala, a professora demonstra sua preocupação com a proposta, dizendo que é uma tentativa de controlar a vida profissional e social dos professores, tratando-se de um projeto conservador que deseja afastar os professores e os estudantes dos debates sobre questões atuais que são fundamentais para a compreensão da sociedade contemporânea.

O professor Teófilo Ramos diz que a liberdade de expressão é uma conquista fundamental para a discussão dos temas que são trabalhados em sala de aula, principalmente nas Ciências Humanas que englobam as disciplinas que discutem as questões econômicas, sociais, culturais e políticas do Brasil e do mundo. Sobre essa pergunta, ele refletiu:

“Muito embora eu tenha, assim, um certo cuidado de me manifestar em termos politicamente e tal, eu sou contra esse tipo de, vamos dizer assim, de proposta, eu acho sim que a escola deve tratar desses assuntos, que a gente deve ter essa liberdade, de discutir de debater, certo? Eu não sou a favor de que exista sempre uma, vamos dizer assim, de que não possa se calar. Principalmente as ciências humanas, elas tem que ter esse papel de discutir e tratar desses assuntos aí, não pode deixar que a coisa passe sem ter comentários. Agora, eu acho assim, que os alunos sempre têm que ser levados a pensarem por si, tentar formar, eles mesmos, a mentalidade deles, que não haja imposição, que pode ser prejudicial, o cara acabar ceifando essa autonomia, o professor ceifar a autonomia que está nascendo no aluno, que está ali latente, e aí ele, muitas vezes, acaba fazendo por alguma coisa, por algum ato, por uma coisa mal interpretada, por uma coisa mal colocada, acabar tirando o incentivo, ou incentivando de forma indevida. Não sei se eu estou me fazendo compreender. Eu acho que o principal papel do professor é, realmente, discutir, mas, no final, o professor tem que criar as oportunidades para que os alunos possam, eles mesmos, descobrirem o que eles querem, saibam fazer as escolhas.”

Nesse sentido, o professor ressaltou em sua fala a importância de debater as problemáticas atuais durante as aulas e deixar que os alunos tenham autonomia para escolher a vertente que mais se identificam.

Ainda sobre essa questão, a professora Joana Angélica Bandeira explicou que é muito complicado querer amordaçar o professor, pois assumindo ou não, as pessoas em geral têm os seus partidos, as suas crenças e as suas ideologias. Diante disso, ela argumentou:

“Qual é o grande ‘porém’ da escola sem partido? É que todos nós temos um partido. Nós, querendo ou não, tomamos partido, e você querer institucionalizar isso é complicado. Você querer amordaçar o professor é complicado. Então, todos nós temos sim nossas opiniões, elas devem ser colocadas, mas ouvindo o contraditório também. O grande problema, que eu acho, dentro da escola não é só a questão do partido político, é você colocar uma posição política e desconsiderar as demais. Isso repercute aqui dentro do Adauto Bezerra até hoje. Então, não tem como você ter uma escola sem partido. Pode ter uma escola sem partido político, mas uma escola sem posicionamento político. Impossível, não tem como. O que você fala, a maneira como você se expressa, já está mostrando qual corrente partidária você tem mais afinidade,

tem como fazer isso não. Essa semana, não sei se você viu, só aproveitando essa questão de escola sem partido, foi colocado, aqui no quadro de avisos, dos terceiros anos nosso, convite para uma palestra cujo o título é: Capitalismo em favor dos pobres. Que um grupo de alunos partidários, logicamente, colocou e convocou. O que foi que aconteceu depois? O cartaz sumiu. O cartaz foi arrancado. E um grupo de professores já jogando isso na discussão no Facebook aqui na comunidade de estudantes. Quer dizer, eu posso ouvir a pessoa que vem do PSTU, a crítica radical, mas eu não posso abrir o debate na escola para quem vem do PMDB, do PSDB. Eu posso abrir a discussão para quem defende o partido dos trabalhadores, a quem é conta o Impeachment da presidente Dilma, mas eu não vou escutar quem defende as ideias do Bolsonaro, ou do Aécio Neves. Que escola é essa? Essa escola é com partido, ou sem partido? Quando eu patrocino uma camisa de terceiro ano que está escrita nela: Temer Jamais. Quando eu estou atrelando isso ao Fora Temer, eu estou ou não estou tomando partido na escola? A escola tem partido? Aqui na última reeleição da presidente Dilma foi tirado uma foto, lá embaixo, com um grupo de professores e de alunos, com uma faixa aberta na frente da escola apoiando a reeleição da presidente Dilma. Isso é uma escola sem partido? Quer dizer que só é sem partido quando eu defendo uma posição contrária? Então esse é um negócio meio danado, sabe? Danado de você discutir dentro da escola. Quando eu sou o professor e eu vou para a sala de aula divulgar as passeatas, não sei o que, ou que eu vou dizer que eu sou ateu, tenho todo o direito de dizer que sou Ateu, mas eu tenho o direito de desfazer o menino que vai para a missa todo o domingo, o menino que vai para o culto, que vai celebrar, que recebe a hóstia, ou que o pai que é pastor, e eu desqualificar esse aluno por conta dele ter uma crença religiosa, enquanto eu me auto declaro ateu. Isso é ter ou não ter partido, cara? Então eu discuto muito essas questões porque a gente perde essa capacidade de botar a mão na consciência. Que escola é essa que nós estamos vendo, que cidadão é esse que eu dou logo a ele a vertente que ele tem que acreditar, que ele tem que defender, ele não vai questionar, para não ser taxado de direita, de conservador e outras coisas? É isso que eu questiono dentro da escola, sabe? E muito. ”

No seu relato, a professora destacou que o mais importante é entender que cada indivíduo deve ter a liberdade de expressar a opinião sobre questões políticas, sociais e culturais, seja semelhante ou diferente da maioria, deve ser respeitada.

Além na visão dos professores de História, também achei importante saber qual é o pensamento da gestão escolar sobre essa questão. Sendo assim, perguntei ao coordenador Humberto Mendes e ele esclareceu:

“Na verdade, a gente está vendo o avanço de uma onda conservadora muito grande em vários aspectos, não é só no aspecto econômico, mas envolve questões sociais, envolve a questão de gênero. Então é algo muito preocupante o que está acontecendo. A gente entende que essa proposta da escola sem partido está querendo é que vocês, principalmente que são da área de humanas, passem a ter uma dificuldade muito grande, porque você pode de uma forma técnica, fazer uma contextualização histórica e isso pode ser interpretado, ou pelo pai, pelo estudante, de que você está tendendo para um lado e para outro, porque até hoje quando vocês vão dar uma aula de História, dependendo da visão do estudante, ou daquela linha familiar, ou da religiosa mesmo, eles discordam e podem achar que você está dando a interpretação errada. Então, isso é algo muito sério, então eu acho que a gente tem que lutar com unhas e dentes contra essa proposta, certo? Não devemos nos submeter a isso, jamais.

Nós temos que ter a liberdade, sim, de discussão, e de trazer o debate para as escolas.
”

O coordenador avaliou o projeto como negativo para a escola e disse que essa proposta dificulta o trabalho docente, principalmente no caso das disciplinas que integram as Ciências Humanas, pois precisam realizar uma reflexão do contexto histórico relacionando as diferentes temporalidades, abordando também as questões do presente.

3.4 Escola Aداuto Bezerra e os desafios da atualidade

A escola pública apresenta muitos desafios que vão desde os problemas estruturais até as políticas públicas para a educação. Para compreender melhor essa questão, fui em busca de saber o que pensam os professores de História da escola Aداuto Bezerra que estão inseridos na cultura escolar e, portanto, podem observar e evidenciar de uma forma mais clara essa problemática. Segundo Libâneo (2003),

Valorizar a escola pública não é, apenas, reivindicá-la para todos, mas realizar nela um trabalho diferenciado em termos pedagógico-didáticos. Democratizar o ensino é ajudar os alunos a se expressarem bem, a se comunicarem de diversas formas, a desenvolverem o gosto pelo estudo, a dominarem o saber escolar; é ajuda-los na formação de sua personalidade social, na sua organização enquanto coletividade. Trata-se, enfim, de proporcionar-lhes o saber e o saber-fazer críticos como pré-condição para sua participação em outras instâncias da vida social, inclusive para a melhoria de suas condições de vida. (LIBÂNEO, 2003, p.12).

De acordo com o professor Leirton Carneiro, o maior desafio da escola Aداuto Bezerra é melhorar a infraestrutura e manter o processo democrático de levar os estudantes da escola pública para a universidade. Nesse sentido, afirmou:

“Além do desafio da questão da infraestrutura, é importante que a escola mantenha esse momento de ser um processo democrático, de levar os alunos a Universidade, que continue assim, que isso cresça cada vez mais, e que não seja apenas uma ou duas escolas, mas que seja a maioria e tenha esse processo e essa forma democrática de levar os alunos para dentro da universidade.”

Para ele, não apenas a escola Aداuto Bezerra, mas as escolas públicas em geral devem ter essa função de contribuir para que o estudante acredite no seu potencial e sonhe com o ensino superior.

O professor Airton de Farias apontou que a escola tem deficiências visíveis na estrutura, observa que a acústica das salas de aula é péssima, os ares-condicionados são velhos e a forma como as salas estão posicionadas com a frente para o sol faz com que fiquem ainda mais quentes. Ao ser questionado sobre os desafios da escola, o professor relatou:

“É uma escola que foi construída e tem um erro enorme de engenharia, ali em cima, na sala o sol bate contra a sala, diretamente, o cara que fez aquilo ali é um péssimo engenheiro, era para ter sido o contrário, o corredor do lado direito, a sala do lado esquerdo, ele fez o inverso. Talvez nos anos 1970 a cidade fosse mais fria, não sei, mais ventilada, então, essa é uma questão muito séria de estrutura. Nós temos professores, algumas vezes, que eu não vou dizer o nome, que você tem que se remotivar, como fala o pessoal, você tem que ter um tesão pedagógico, você não pode ir com as derrotas, com as frustrações. Então, uma dificuldade é você manter a motivação dos professores. A quantidade de professores que estão doentes, estresse emocional, físico. Então você tem ainda alguns problemas, a questão de infraestrutura deficitária, uma escola que tem professores desmotivados, doença, muitos colegas afastados por conta de doenças, frustração com a carreira, muitas vezes, então assim, não é à toa a quantidade de professores que faltam, que é uma questão muito séria, que acontece em toda a rede pública, especialmente por questão da saúde, o cansaço dos professores é muito grande. Então é uma escola que tem recursos limitados, os recursos não são tão vastos, fartos, e agora o projeto passa por uma, com essa possível revisão do ENEM, com essa mudança do ensino médio, isso vai ter uma grande repercussão aqui dentro, porque se teme, com a reforma do governo, que as escolas públicas passem para educação profissionalizante, o que é um velho sonho do governo: as camadas pobres virarem profissionais técnicos, deixando a universidade, segmentos mais afastados para a classe média, isso, ao meu ver, é uma possibilidade que essa reforma pode trazer. Então, o Aduino vai contra a maré, o Aduino, exatamente, é uma escola pública, que visa levar alunos carentes a uma universidade. Então, como é que ficará o Aduino com essas reformas? Isso é uma questão séria. Isso passa, ano que vem, pela eleição. Vai ter eleição para diretor para escola de novo. Então essa discussão ela tem que está muito presente no governo: Que tipo de escola o Aduino vai ser nessa reforma educacional? Vai manter esse modelo? Mas ele tem como sobreviver dentro desse modelo que o governo deseja como reforma educacional? Então eu acho que esse é o grande desafio para o Aduino Bezerra, para os próximos anos. Como esse modelo, que ao meu ver, mesmo com seus percalços, seus erros, é vitorioso, os dados, as estatísticas, mostram a quantidade de alunos que chegaram a universidade. Mas o problema agora é em como manter esse modelo, em uma nova realidade que se desenha do país.”

Além dos problemas estruturais, a motivação profissional é outra questão levantada pelo professor, pois muitos colegas se afastam por desgaste emocional e físico. Para ele, o maior desafio da escola Aduino Bezerra é manter o modelo democrático que construiu atualmente.

Na visão da professora Anna Karina Cavalcante, os maiores desafios estão relacionados aos poucos recursos financeiros e tecnológicos, e ao excesso de trabalho. Ao pensar sobre essa questão, a docente ressaltou:

“Eu acho que os recursos, a questão do excesso de trabalho ainda, apesar da gente ter conquistado 1/3 para planejamento, mas ainda é muito corrido, e a gente vai cansando, eu lembro que eu já trabalhei até 2014 na pública, 200 horas, e na privada, 100 horas. Então é um ritmo muito louco, muito celerado. A partir do momento em que eu entrei, no final de 2014, como professora efetiva, na rede pública, eu abandonei a privada, fiquei somente na pública com 200 horas. Teoricamente, o ritmo era para ter desacelerado. Mas eu não consigo desacelerar e o corpo cansa, então eu não consigo mais planejar durante a noite, dá 22h eu não consigo mais. E também é injusto a gente ficar até tarde da noite planejando. Pois é, mesmo tendo 1/3, a gente ainda leva trabalho para casa, a gente não conseguiu, de forma efetiva, conquistar algo que pudesse transformar o trabalho da sala de aula a ser realizado sem medo, sem adoecimento. Vejo muitos colegas de sala com depressão, os problemas sociais são muito grandes, eu vejo muitos colegas com problemas de garganta, então assim, tem muita coisa ainda a ser feita para que a gente não pague com a saúde para um sistema educacional que não investe, não é investido no professor.”

Segundo ela, muitos professores ficam com problemas na garganta, depressão, estafa, entre outras doenças, por causa dos poucos investimentos para a valorização da profissão docente.

O professor Teófilo Ramos relata que a docência é um caminho espinhoso e as vezes se sente frustrado por perceber que a sua profissão é tão desvalorizada pelo governo. Ao refletir sobre os desafios da escola, discorreu:

“Assim, em alguns momentos é um pouco frustrante, porque você vê que não tem muita valorização por parte do governo. A gente fica meio assim, os alunos têm respeito pelo nosso trabalho, mas no final quem decide realmente, infelizmente, são pessoas que não tem conhecimento e convívio nessa área, e aí, muitas vezes a educação é vista como uma mercadoria, como uma coisa que não deve ser tratada com verdadeira seriedade que ela requer. Aí, muitas vezes o que frustra é isso. E também tem algumas pessoas que, vamos dizer assim, não entendem. Porque você poder até tolerar, alguns estudantes pela imaturidade, acabam não valorizando o trabalho, mas quando você vê o governo, o que ele deveria valorizar mais. Ele (o governo) não tem nenhuma política para valorizar a classe de trabalhadores, ou para melhorar a situação, aí você fica, realmente, mais chateado ainda com essa situação, com a condição.”

Para ele, o governo não valoriza e nem tenta melhorar a situação do magistério no país. Tanto em âmbito nacional como local, o professor Teófilo Ramos percebe o descaso com a profissão docente. Na proposta da medida provisória 746/2016 pela reforma do ensino médio, o governo justifica a contratação de pessoas que demonstrem possuir “notório saber” para exercer a docência, mesmo que não tenham uma formação na área.

A professora Joana Angélica Bandeira fez uma análise mais geral da escola pública, apontou a importância de uma boa gestão escolar, do compromisso que os funcionários públicos

devem ter nas suas funções, das verbas para o funcionamento adequado da escola e principalmente da valorização social e financeira da profissão docente. Desse modo, a professora destacou:

“Olha, eu digo o seguinte, que a escola pública é muito diversa. Não existe um Adauto Bezerra em cada bairro de Fortaleza, não. Não existe um Adauto Bezerra em cada município do interior do Ceará, não. Então eu acho um grande desafio é a questão da gestão, e o principal desafio que eu acho é o compromisso do profissional de educação com essas escolas. Os últimos concursos foram muito sérios, eles foram de uma natureza de cobrança profissional elevado para entrar na rede pública estadual. E eu achei isso muito benéfico, aquela história do curso, da aula prática, eu achei sensacional, porque a peneira foi grande. E aí entraram muitos bons profissionais sim nas escolas públicas. Eu acho que o maior desafio da escola pública é a gente continuar desenvolvendo essa noção de que isso é público, de que isso aqui não é nosso, e que nós temos, como profissionais de ensino, compromisso com essas escolas. Tem o desafio também da questão das verbas dentro das escolas, para a manutenção. Até para comprar papel, para consertar uma impressora, para comprar pincel, para ter lousa, quadro branco nas escolas, para as escolas se manterem limpas, organizadas, para ter merenda de qualidade para esses meninos, para ter material didático de um modo geral, eu acho que o grande desafio é esse. E o principal, é valorizar o profissional que atua nessas escolas, seja do ponto de vista social e financeiro. Embora eu seja de uma posição política que diga o seguinte: há profissionais no serviço público, não só na escola pública que você pode pagar a ele um salário de um Deputado, de um Senador e ele não vai fazer o trabalho que tem que fazer. Não é só uma questão de dinheiro. É uma questão de compromisso social com aquilo que você faz. O grande desafio é esse. Principalmente porque a gente é moldado, como eu disse anteriormente, pelo ENEM. E esse ENEM agora, pela reforma, pelas propostas, ele vai perder muito daquilo para o qual ele foi pensado. Como é que a gente vai se estruturar a partir daqui? Eu não sei. Eu acho que isso vai ser uma discussão, que eu espero que aconteça, nas próximas reuniões pedagógicas”

No caso específico da escola Adauto Bezerra, a professora acredita que o maior desafio é manter a qualidade e não perder o caráter de contribuir com o ingresso dos estudantes na universidade pública.

Para o coordenador Humberto Mendes, o maior desafio da escola Adauto Bezerra atualmente é despertar em cada estudante que faz a matrícula o verdadeiro potencial que cada um carrega. Sobre essa questão, ele disse:

“A gente fica muito triste em constatar que temos muitos estudantes que estão deixando o tempo passar, não estão aproveitando devidamente o que a escola pode oferecer para eles, na formação deles, em termos de perspectiva futura. Então, isso nos entristece um pouco. Mas eu acho que o grande o desafio que o Adauto ainda tem é ousar, mais ainda, nesses projetos pedagógicos inovadores, como o parque tecnológico, ou seja, na parte pedagógica. Acho que a gente tem que continuar ousando. O nosso sonho é que todos os nossos estudantes de terceiro ano ingressem, integralmente, na universidade. Que todo mundo venha para cá sabendo que aqui ele tem essa perspectiva ampliada, de entrar em uma universidade, mas acreditar que

isso vai ser possível sem gastar um tostão. O nosso grande desafio é esse, de 100% dos nossos estudantes do terceiro ano possam dar prosseguimento aos estudos no ensino superior gratuito, e, principalmente, saiam daqui com uma visão crítica de mundo, e que tenham uma visão social, mais comprometida com o bem estar, uma visão mais humanista, ecológica, uma visão mais de respeito, e que jamais esqueçam de suas origens, de escola pública ou de bairro.”

Nesse sentido, o trabalho motivacional realizado na escola é intenso e mais de 50% dos estudantes do 3º ano conseguem ingressar no ensino superior. Tanto os professores de História como o gestor entrevistado ressaltam que esse resultado positivo só é possível por causa dos projetos que são discutidos e elaborados coletivamente.

4 PROFESSORES REFLETEM SOBRE A SUA PRÁTICA

No transcorrer desse capítulo, dou ênfase à fala dos professores de História sobre a formação e a práxis docente. Busco entender o pensar, o agir, o sentir e as estratégias de resistência dos docentes diante das problemáticas atuais. Continuo utilizando a etnometodologia para compreender e interpretar o discurso docente. Nessa perspectiva de análise

Parte-se assim de dados brutos para dados típicos partindo-se, do concreto abstrato para o concreto pensado em direção ao concreto real. De aspectos apenas sensíveis e gerais, para dados científica e racionalmente elaborados, através do que poderíamos chamar de tratamento interpretativo. (RIBEIRO, 1996, p.46)

Dessa forma, busco estudar o cotidiano dos professores de História a partir das suas falas. O discurso dos professores possibilita uma maior compreensão em relação ao pensamento, a fala e as ações políticas e pedagógicas durante as aulas de História. Cada narrador discorreu da sua maneira e forneceu dados importantes para a reflexão de problemas contemporâneos que envolvem a educação brasileira.

Nesse sentido, todos são professores de História, mas possuem experiências singulares de vida e formação e escolheram métodos diferentes para ensinar. Mesmo com as diferenças, o que parecia oposto, durante a análise dos dados parece se cruzar, fica claro que existem as contradições, os pontos de discordância, as rupturas, mas também têm espaço para a aproximação, a harmonia e o trabalho coletivo.

4.1 A formação inicial e contínua dos professores de História

Para compreender a práxis docente, penso que é importante saber como se deu o processo de formação inicial e contínua dos cinco professores participantes dessa pesquisa. Por isso na entrevista perguntei aos docentes sobre a sua formação, especificando o período de duração e a instituição onde cursou o ensino superior.

O professor Leirton Carneiro é formado em Filosofia, História e Sociologia pela UECE. Sua formação nos cursos de licenciatura se deu na década de 1980. Possui trinta anos de experiência em escolas da rede privada, nesse período já foi professor na área de Ciências

Humanas, principalmente da disciplina de História. Além disso, já trabalhou nas funções de coordenador, diretor de escolas e cursinhos. Faz dois anos que passou no concurso público para professor de História na Escola de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra. Possui especialização em Educação e Gestão ambiental e, no presente momento, está em processo de aposentadoria da rede privada, depois que se aposentar, pretende ter mais tempo para fazer outras especializações. Sobre a sua formação, disse:

“Preparei-me mesmo para ser professor, me preparei nas três disciplinas para trabalhar mesmo na área. Passei a maior parte do meu tempo na escola particular, mas nesses últimos dois anos eu vim para escola pública. Passei no concurso e vim para escola pública, onde para mim está sendo uma descoberta fora de sério, não imaginava que a escola pública incentivava tanto a criar e trabalhar. Mas são realidades totalmente diferentes. São trinta anos na escola particular em um contexto totalmente diferente do que é a escola pública.”

A partir da sua fala fica claro que já ingressou no ensino superior com a pretensão de ser professor, formado em três licenciaturas na área de ciências humanas, demonstra seu prazer em ensinar e percebe que existem profundas diferenças entre a cultura escolar da rede pública em comparação com a rede privada.

O professor Airton de Farias é formado em Direito pela UFC e História pela UECE. Sua formação inicial foi na década de 1990. Começou a lecionar em 1994 e tem vinte e dois anos de experiência. Ensinou nas grandes escolas particulares da cidade de Fortaleza e, desde 2010 é professor da Escola de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra. Mestre em História pela UFC e doutorando na mesma área na Universidade Federal Fluminense (UFF). Já escreveu mais de vinte obras, dentre elas, História do Ceará, História das Copas do Mundo, História das Olimpíadas, Biografia do Senador Alencar, Delmiro Gouveia, entre outras. Em 1998, lançou o livro “História do Ceará” onde abriu espaço para que ficasse conhecido nas principais escolas e em cursinhos da cidade de Fortaleza. Atualmente, o livro é referência nas escolas que abordam a História do Ceará. Ao refletir sobre a sua formação, relatou:

“Eu nunca pensei que ia ser professor não, sabe. Eu era bom aluno e tal, minha primeira formação foi em Direito, passei no vestibular para Direito na UFC, e a família tinha aquele negócio todo, o Direito é uma carreira mais fácil, pelo menos mais rentável. Só que eu fiz Direito e não me encontrei. É um curso muito conservador, não me adaptei, o curso era muito factual, muito “decoreba” mesmo e como eu era mais crítico, não me adaptei. Nessa época eu era universitário, sem dinheiro, comecei a dar aula como um bico. E dar aula tem muito de paixão, me

encontrei em sala de aula, achava legal. Então comecei a dar aula, me apaixonei pelo magistério e fiz de novo o vestibular para História na UECE, passei também na UECE e aí na História me encontrei. Então durante muito tempo cursei as duas faculdades, História e Direito, terminei o Direito, mas acabei ficando mesmo com a História. Foi a época que lancei o livro também, lancei o livro em 1998 e o livro me deu uma certa projeção em Fortaleza, nos cursinhos. Então o livro que me leva para o GEO, o GEO criou uma geração de professores, porque antes a educação no Ceará, as escolas tratavam professor com salário atrasado, uma coisa muito engessada, você não podia, por exemplo, usar um vídeo, na época videocassete, uma aula com música era impossível, era uma forma muito tradicional nesse sentido. Então o GEO no final dos anos 80, começo dos anos 90 a escola encontra com isso, pois alguns professores de cursinho que criam o GEO, e como a ideia do cursinho é aquela coisa mais dinâmica, a aula era mais eclética, então, por exemplo, aula de História com violão, aulas com vídeo, aulas de campo, para época isso é uma coisa absurda, muito inovadora. O GEO me forma como professor. ”

Diante dessa fala, percebi que para o professor a formação inicial na UECE foi importante, porém, deixa claro que foi na prática docente, na escola GEO, que ele se sentiu mais seguro para se afastar da metodologia tradicional e lecionar de forma mais dinâmica.

A professora Anna Karina Cavalcante é formada em História pela UECE, seu processo de formação inicial se deu nos últimos anos da década de 1990 e a conclusão do curso foi em 2001. Foi uma colação especial, pois seu filho nasceu e ela prorrogou um pouco o processo para concluir a sua monografia. Em 1998, casou e iniciou na docência, portanto, são dezoito anos de experiência. Chegou à Escola Governador Adauto Bezerra em 2011. Fez especialização em Docência no Ensino Superior e outra em História da África. Ao pensar sobre a sua formação, explicou:

“A História me escolheu. Porque assim, eu lembro que na época do Ensino Médio, eu queria muito Geologia, porque eu queria estudar terra e tal, porque eu gostava de pré-história e tudo, e, Geologia eu passei na primeira fase da UFC, nos anos 1990, 1994, o vestibular era aberto na segunda fase, e a específica era Matemática e Física, que era o meu fraco, aí eu passei na primeira fase, mas na segunda que era eu acho que Química e Física, em Física eu não fiz o perfil, ou seja, sobrou vagas. Não entrou nenhuma mulher na época, ainda lembro. Aí um professor de História, percebia que eu gostava muito da disciplina dele, aí disse: Por que você não vai para História? Aí eu: Não, não quero ser professora. Aí ele: Mas faz, porque tu gostas. Aí eu pensei: É, eu gosto. Então, enquanto você não consegue passar em Geologia, porque falta um pouco, faz uma coisa que te agrada. Nesse agrada, eu fiquei. Na universidade eu tive poucos professores motivadores, a maioria dos professores motivadores eram de outras áreas, era da Antropologia, era da Sociologia, eu buscava fazer cadeira no curso de Letras, no curso de Geografia, no curso de Sociologia, onde tivessem as disciplinas necessárias para a formação em História em outros cursos, eu ia para sentir os outros cursos. Isso me fez enxergar outras maneiras, outras visões, além da História, e eu gostei mais dos professores da área de Sociologia e Antropologia do que de História. Acho que era porque os de História entraram na época da ditadura

militar e eram muitos senhores já, os de Antropologia eram mais novos, a gente fazia aula de campo. Metodologia diferente. A gente sentia mais prazer nas aulas. ”

O curso de História não foi à primeira opção da professora Anna Karina, mas se sentiu motivada por um professor e decidiu seguir a profissão docente. Criticou a metodologia tradicional dos professores de História da UECE durante a sua formação inicial e relatou que, em alguns momentos foi fazer disciplinas em outros cursos para ter contato com outras formas de ensinar.

O professor Teófilo Ramos fazia o curso de História, mas não seguia a profissão docente. Trabalhava na área de segurança empresarial e, por isso demorou alguns anos para concluir a sua formação inicial. Somente em 2005 decidiu se dedicar ao magistério. Possui onze anos de experiência em escolas pública da cidade de Fortaleza e faz quatro anos que leciona na Escola Governador Adauto Bezerra. Na entrevista, relatou como foi sua formação e o que o motivou a mudar de profissão:

“Eu entrei na UECE em 1993 e só fui terminar em 2010. Porque assim, eu tranquei, tinha greve, algumas cadeiras que eu não ia muito. É como eu falei para você, fiz como hobby, aí quando não me agradava, quando não me agradava o professor, quando não me agradava a forma da aula, eu trancava, entendeu? Aí depois, assim, já do meio para o final, foi que eu fui perceber a importância, foi que eu fui me encontrar. Mas no início foi difícil, eu não simpatizava muito com o curso não, eu até cheguei a fazer outros vestibulares para outros cursos, aí eu não passei a acabei ficando mesmo na História. Trabalhava na área de segurança empresarial, aí quando eu saí, surgiram outras oportunidades de continuar nesse ramo, mas eu percebi assim, não, vou tentar arriscar o ramo do magistério, área do magistério porque eu acho que é uma coisa mais tranquila, porque de repente esse negócio de segurança, ocorreram alguns episódios lá que foram até assim meio violentos, a gente fazia um monitoramento de regiões aqui próximas de Fortaleza que estavam sendo alvo de roubo de cabo, não chamo nem roubo, é furto, o nome mais adequado é furto, aí o pessoal estava coibindo, as vezes, com muita violência, e aí eu percebi o seguinte: isso aqui não é pra mim. Na época eu já tinha um filho, estava casado, eu tive que me estabilizar mais. Bem, aí eu acabei deslançando nessa área da educação, aí eu passei em um concurso. ”

A insatisfação do docente com a profissão que exercia no ramo da segurança empresarial contribuiu para que ele despertasse para a docência. Ele teve dificuldades para concluir sua formação, passou aproximadamente dezessete anos na UECE, no curso de História, apesar desse longo processo de formação inicial e os momentos de indecisão, o professor Teófilo demonstrou se sentir bem com a escolha do magistério. Interessante que ele também

ressaltou a questão da metodologia, quando não gostava de algum professor ou da forma como ensinava, não conseguia concluir a disciplina.

A professora Joana Angélica Bandeira ingressou na UECE no curso de Estudos Sociais, devido algumas mudanças curriculares, o curso foi dividido em Geografia e História, diante das duas possibilidades, a professora optou pela disciplina de História. O marido da professora foi transferido para Recife e ela o acompanhou, concluindo a sua licenciatura em História na UFPE. Ensinou dois anos em escola particular e desde 1998 está na rede pública, já são 20 anos de experiência docente. A professora falou sobre sua trajetória universitária:

“Entrei na UECE em 1987. No tempo que ainda existia o curso de Estudos Sociais. Então, eu fiz a licenciatura curta em Estudos Sociais, foi no mesmo período em que o curso acabou, faz tempo, na UECE, e a gente teve que escolher entre ir para Geografia e ir para História, para continuar, para fazer a plena, para planificar, para fazer dois anos, só tinha mais dois. E aí, quando eu comecei a plena na UECE, com pouco tempo eu fiquei grávida, e aí quando a minha filha nasceu, ela não tinha nem um ano de idade, meu marido foi transferido para Recife e aí eu transferei meu curso para UFPE. E aí quando eu cheguei na UFPE, o mapa curricular deles era bem diverso do da UECE, da federal de lá né, e eu tive que me adequar ao novo mapa curricular da UFPE, e isso me acrescentou mais um ano de faculdade. E aí eu terminei, terminei em Pernambuco, em 1994, se eu não me engano, e aí, com pouco tempo que eu terminei em Pernambuco, meu marido foi transferido de novo, aí veio aqui para o interior do Ceará, veio para Juazeiro, a gente foi morar em Juazeiro. E aí, nesse período, em 1997 eu fiz o concurso do Estado, aí eu passei no concurso do Estado e eu comecei a lecionar, na realidade, em 1998, mas eu já tinha tido uma experiência aqui, em escola particular, quando eu ainda fazia UECE, e tive outra experiência lá em Pernambuco. São 18 de Estado e mais 2 em escola particular. ”

A formação dela ocorreu na UECE e na UFPE, sentiu a diferença nas disciplinas e na metodologia dos docentes das duas instituições, essa experiência contribuiu para uma visão mais ampla sobre a didática no ensino História. De acordo com os saberes docentes discutidos por Maurice Tardif (2002) cada professor constrói a sua prática docente ao mobilizar os saberes profissionais, curriculares, disciplinares e experienciais que adquire ao longo da sua vivência.

4.2 Os professores de História falam sobre a prática docente

Os professores falam sobre as motivações para escolher a docência e apontam fatores que contribuem para a sua prática nos dias atuais. Durante as entrevistas todos demonstraram sentir prazer em colaborar com o ingresso dos estudantes da escola Aduauto Bezerra no ensino superior.

O professor Leirton Carneiro diz que gosta de ajudar os alunos a ascenderem na vida, se sente bem ao vê-los conseguindo a aprovação no vestibular, fazendo mestrado, doutorado, ganhando espaço profissional e evoluindo como pessoa. Sobre a sua prática em sala de aula, o professor discorreu:

“Eu acho que antes de mais nada, está em cada pessoa. Eu me sinto bem, eu sinto prazer em ajudar os alunos a compreenderem melhor os fatos históricos, a filosofia, a sociologia e ajudar para que esses alunos ascendam na vida, ganhem seus espaços e que evoluam. Eu torço muito, por exemplo, quando vejo um aluno fazendo mestrado ou doutorado, eu fico muito feliz. Apesar de não ter entrado nisso aí por questões muito familiares, ter que segurar a barra mesmo familiar. E na época que eu terminei, o mestrado mais próximo era em Minas Gerais, então não tinha como abandonar as obrigações familiares para me dedicar, naquele momento, só ao mestrado. E o tempo foi passando, fui me envolvendo muito com a escola particular, mas ainda fico muito feliz quando vejo meus alunos empolgados com mestrado, doutorado, ser professor de universidade.”

Apesar de não ter seguido a carreira acadêmica em um curso de pós-graduação por questões familiares e por causa da dificuldade em ter que se deslocar para outro Estado, o professor relatou que fica contente ao ver um estudante chegando a um nível de formação superior elevado.

O professor Airton de Farias relata que já teve oportunidade de mudar de profissão, já foi convidado para ocupar cargos burocráticos, mas nunca aceitou por que gosta de lecionar. Percebe uma função social muito grande no seu trabalho por saber que contribui na formação dos estudantes, onde muitos vêm de famílias com um poder aquisitivo baixo, conseguem chegar à universidade. Ao falar sobre a sua prática docente, relatou:

“Assim, eu continuo dando aula porque gosto. Em vários momentos eu tive opção de sair de sala de aula, convites pra ocupar cargos burocrático, e eu realmente nunca quis, aqui mesmo na escola, PCA, coordenação, eu não aceitei, nunca aceitei, porque eu gosto de está em sala de aula. Eu vejo, aqui no Aduato, especialmente, uma função social muito grande, porque, muito desses meninos aqui, serão o primeiro membro da família a chegar em um curso superior. Então assim, isso é muito importante. Então talvez a grande revolução que a gente imaginava, ela passa pela escola pública também. Que é levar as pessoas pobres, as pessoas de menor condição social a um curso superior, a cursos, muitas vezes, bons aí como Medicina, Administração, que abre para essas famílias uma outra perspectiva que os pais não tiveram. Então, eu acho que essa continua sendo a motivação, para mim, um professor de escola pública, um professor de cursinho, contribuir, de alguma forma, minimamente, contribuir para que as coisas, as opções apareçam. Então o encanto, é lógico, é difícil, é um momento complicado, os salários são baixos, há enormes dificuldades, não é fácil, mas ensinar continua sendo para mim uma função social, especialmente nesse momento da minha carreira, de permitir que essas pessoas, essas pessoas de menor

poder aquisitivo consigam uma vaga em um curso superior, isso para mim é um presente, quando eu vejo algum aluno conseguir uma vaga. ”

Apesar das problemáticas relacionadas ao magistério, o professor Airton de Farias encontra motivação no seu ofício por ver estudantes que viviam em condições econômicas e sociais complicadas, chegando ao ensino superior e melhorando a condição de vida da família.

A professora Anna Karina Cavalcante explica que ensina História para que os estudantes estejam bem informados com o que acontece no Brasil e no mundo, se optar em ter uma posição de Direita que tenha pelo menos uma compreensão do papel da Direita na História política e se for de Esquerda que também tenha consciência do que está defendendo. Para ela, formar consciência é muito mais importante do que formar mão de obra. Nesse sentido, ela disse:

“Ensinar História é tentar fazer a leitura do passado, compreender mesmo, eles até repetem isso, nos livros eles repetem isso, compreender a nossa História, a História do povo brasileiro é muito rica, muito rica e muito desvalorizada. Então, compreender a História do Brasil de uma maneira como peça de um contexto maior, que é a conjuntura internacional. O que é muito difícil, muito difícil para quem é formado fazer esse link, imagina para estudante do ensino médio. Então tratar as duas coisas, História geral, História do Brasil e Atualidades, são três coisas que não são tão fáceis de fazer, mas eu gostaria muito que eles saíssem bem informados como pessoas. Se é para ser de Direita, que tenha pelo menos uma compreensão do que a Direita representa na vida dele, uma opção consciente, não uma opção alienada. Se é para ser de Esquerda que seja também de uma forma consciente. Então eu acho que é mais formar consciência do que, propriamente, preparar mão de obra domesticada para o mercado de trabalho. Eu tento evitar problematizar questões políticas, eu tento evitar para que, assim, eu não seja a polarizadora do debate a pessoa que está puxando. Mas, por exemplo, quando a gente tem um ato nacional, um dia de ato nacional, em que eu me envolvo, eu tenho que justificar minha ausência e eu digo: “Ó gente, eu não vou vir amanhã, eu levo falta, recupero depois, porém, amanhã vai ser um dia de luta” e aí acabo falando da conjuntura, e outra coisa, como é que a gente dá aula de História sem falar de conjuntura. Como é que eu vou explicar a passagem da mão de obra escrava para mão de obra assalariada sem falar do trabalho escravo que existe nos dias de hoje? Como é que eu vou falar da república de 1889, o golpe que foi a República de 1889, sem falar da crise que a gente está vivendo nesse país, da crise política? Então assim, é muito complicado, não dá para dar aula de História sem falar da atualidade. ”

A partir dessa fala a professora esclarece que para que os estudantes compreendam temáticas relacionadas ao contexto histórico do passado é preciso relacionar com as problemáticas do presente. Apesar de ser um trabalho difícil, a professora ressaltou a relevância em relacionar as questões nacionais com a conjuntura internacional.

O professor Teófilo Ramos relata que é importante o professor se adaptar as novas tecnologias para aperfeiçoar a prática, tornar a aula mais atrativa para o estudante, facilitando sua compreensão sobre o conteúdo estudado. Ao analisar a prática docente na atualidade, apontou:

“Tentar adaptar-se às novas tecnologias, não pode mais ficar só naquela questão ali da sala de aula, do quadro, acho que cada vez a gente tem que tentar equipar melhor, com aulas diferente, com recursos diferentes. Acho que o principal é essa introdução, porque, o que os alunos encontram fora da sala de aula acaba, muitas vezes, sendo mais atrativo, do que a própria aula, acaba sendo uma coisa ali, um confinamento. Eu acho que o grande desafio é deixar a aula mais aceitável, adaptar mais a realidade dos alunos, e as vezes a gente não consegue, tem essa dificuldade de fazer isso aí. E também essa questão dos professores serem mais respeitados, quanto classe, terem mais benefícios, dos governos, talvez o principal seja esse, para poder desenvolver e ter uma estrutura favorável ao ensino.”

Além de apontar a questão da formação continuada para a boa utilização dos recursos tecnológicos na sociedade contemporânea, também ressaltou a questão da valorização docente, defendendo a criação de maiores benefícios para a classe dos professores.

A professora Joana Angélica Bandeira discorre sobre a relevância de ensinar História para fazer as conexões entre o passado e o presente, compreendendo que existem sujeitos plurais em uma sala de aula, cada um com uma experiência de vida singular, estrutura familiar diferente, crenças diversas, ideias plurais, e isso deve ser respeitado. Assim, a professora explicou:

“Eu tenho que levar em consideração aquilo que foi produzido ao longo da História, aquilo que está nos livros, é fruto do trabalho de alguém, não deve ser desprezado. Mas não é a única coisa que a gente deve levar em diante. Eu acho que ensinar História hoje é fazer as conexões entre passado e presente, entre o que a gente vive em nosso dia a dia e dessa perspectiva de que teve um passado que não ficou lá, ainda se reflete aqui no presente. É a gente saber de onde nós viemos e o fato da gente saber de onde nós viemos o que é que isso impacta a nossa vivência hoje. Para mim, a História não está morta dentro do livro. Eu costumo dizer para os meninos, que as vezes eles vêm odiando História do ensino fundamental, porque ele pegou um professor, uma professora, que reproduz o que está no livro em uma prova e passa de ano. Eu fiquei horrorizada, ontem quando estava dando uma aula sobre igreja medieval, sobre as noções de pecado, na idade média e depois para entrar nas cruzadas, e eles ficaram horrorizados quando descobriram o que é sodomia, porque é que a igreja condena a sodomia. ‘Professora, o que é sodomia?’’. Tem umas coisas, uns conceitos básicos, assim, que eu fico horrorizada como é que os meninos não dominam certos conceitos, e aí, hoje, eles estudando as cruzadas nos últimos dias, aí eles vão assim: ‘Ah, agora eu começo a entender o porquê o Ocidente demoniza o Islamismo. Porque é que, dentre outras coisas, porque é que os judeus foram tão perseguidos na segunda guerra. Porque é que os cristãos perseguiram os judeus?’”

Porque é que a gente tem a noção que o judeu é mão de vaca, ele é um herege, porque é que o judeu explora, só quer saber de dinheiro? Porque essa visão do judeu hoje? Porque é que a gente tem a visão do Islamismo hoje?” Então, é um negócio assim, é uma História, que a gente tem que estar sempre tentando fazer essas conexões, que não é fácil. Não é uma coisa fácil de fazer, eu confesso a você. Não me é fácil, como eu acho que não deva ser para nenhum professor de História fazer isso. E o mais importante que isso, é você não se deixar contaminar tanto por aquilo que você acredita. É não tentar passar para os meninos uma verdade absoluta. ”

A professora ressaltou que não busca incentivar os estudantes a memorizarem o maior número de datas e fatos, pois a função da História vai bem além disso, tem o objetivo de perceber que a sociedade se configura da forma que é por causa das ações humanas no tempo e no espaço, portanto, é interessante que os discentes se reconheçam como sujeitos ativos da História.

4.3 O Exame Nacional do Ensino Médio e sua repercussão no ensino de História

Em 2010, as Universidades Federais brasileiras passaram a utilizar a nota do ENEM como critério para o ingresso nos cursos superiores, as questões do Exame Nacional possuem um caráter diferente dos vestibulares convencionais, geralmente problematizam uma fonte que ajuda o estudante a mobilizar competências e habilidades para escolher a resposta. Diante disso, perguntei aos professores se eles perceberam algum impacto no ensino de História após a mudança no processo de avaliação.

O professor Leirton Carneiro esclarece que estava trabalhando apenas nas escolas particulares quando o ENEM se tornou o processo de avaliação nacional para o ingresso nas Universidades Federais e relatou:

“Sem dúvida foi um choque. Inclusive, nesse momento eu estava só na escola particular e financeiramente foi terrível para os professores, basicamente acabaram os cursinhos, porque o ENEM não exige que o aluno tenha que fazer cursinho, dá para você fazer uma prova tranquilamente e isso fez com que muita gente perdesse. Alguns colégios tiveram que reduzir a equipe de professores, muita gente perdeu o emprego, perdeu dinheiro. Por esse lado aí o ENEM não foi bom, mas por outro lado o ENEM trouxe uma perspectiva gigantesca de colocar na faculdade também os alunos da escola pública e aí não tem quem tire isso, esse lado democrático. Então por um lado a gente perdeu, nós da escola particular, o lado financeiro, mas o ENEM trouxe a escola pública para dentro da universidade. Sem dúvida de uma forma nunca vista na história desse país, é um momento mais democrático de acesso à universidade, quando implantaram o ENEM como critério de entrar em uma universidade. E outro fator negativo que correspondente ao ENEM, que não foi só a História, mas a Literatura regional, estadual, também foram abandonadas. Eu especificamente quando trabalho a História do Brasil, eu adoro trabalhar a História

do Brasil, faço um contexto direto com a questão de História do Ceará. Até muitas vezes os alunos perguntam: “Professor como você consegue fazer isso?”. Mas é porque a História do Ceará está dentro da História do Brasil, faz parte da História do Brasil. Então em vários momentos eu coloco no mesmo contexto os acontecimentos da História do Brasil com os acontecimentos da História do Ceará, fazendo uma alusão direta entre o que estava acontecendo no Brasil e o que estava acontecendo no Ceará. ”

Segundo a fala do professor, financeiramente foi muito ruim para os professores que se dedicavam a trabalhar nos cursinhos preparatórios para o vestibular, mas para as camadas populares, foi uma mudança muito positiva, por ampliar o acesso aos estudantes da escola pública para o ensino superior.

O professor Airton de Farias relata que os professores de cursinhos ficaram muito preocupados, ouviam falar sobre a transversalidade da prova do ENEM, mas não sabiam ao certo como seria. Segundo ele, alguns professores conseguiram se adaptar à nova estrutura da avaliação que trabalha muito com fontes, outros tiveram mais dificuldades. Além disso, os vestibulares abordavam pelo menos uma questão sobre a História local e com o ENEM todas as questões são fundamentadas na História nacional. Ao pensar sobre essas problemáticas, o professor refletiu:

“Eu, pessoalmente, me adaptei bem. Porque eu sempre gostei de cultura, pela minha formação com Thompson, aí, de novo, a ideia da formação do professor, trabalhar com cultura, com arte, literatura, tudo isso me ajudou durante a aula. Tanto que durante a aula, você via algumas vezes, que eu falava muito de cantor, por exemplo, alguns filmes, isso ajudou na minha formação. Mas alguns colegas não se adaptaram, não conseguiram se adaptar, e acabaram ficando a margem do processo, aquele marxismo muito reducionista, muito mecanicista, esse tipo de abordagem o ENEM não foca. Então, o ENEM tem esse impacto, ele leva o professor a formação. O problema do ENEM é a morte do regionalismo. Porque é o seguinte: porque que História de São Paulo é a História do Brasil? Porque História do Ceará é a História regional? É uma coisa para a gente questionar. A universidade acabou, de certo modo, se omitindo a esse debate. Não sei por qual motivo. Talvez a universidade possa falar melhor sobre isso. ”

Nessa fala, o professor demonstra preocupação em saber que uma geração de pessoas chegará a universidade sem conhecer a História do Ceará. Para ele, não compreender a História do local onde se vive é uma questão séria de formação. Ele também questiona a valorização em relação à História do Sul e do Sudeste que são abordadas na maioria dos livros didáticos e nas questões do ENEM.

A professora Anna Karina Cavalcante comenta sobre a importância de trabalhar com a História local, mesmo que não seja contemplada no ENEM. Segundo a professora, os estudantes precisam saber sobre a História do lugar em que vivem. Sobre essa problemática, ela disse:

“Eu já estava na escola pública, eu já tinha saído da privada, eu saí da iniciativa privada em 2003/2004, em que eu coloquei a escola no ministério do trabalho, mas enfim. A diferença que eu via é que na privada é muito voltada para o vestibular, então era um ritmo muito acelerado de questões de vestibular, questões de vestibular, e eu dava aula no ensino médio já no começo de 2000. 2009, eu já estava na escola pública, é bem relativo, porque vai ter escola pública que não vai está preocupada com isso, que não vai priorizar isso, até porque vê o aluno incapaz de passar em uma universidade, as escolas públicas têm um perfil bem de achar que a mão de obra é para, aliás, os estudantes são para formar a mão de obra mesmo e ponto final. Não uma mão de obra tão especializada como uma universidade. Até porque a maioria dos alunos de escolas públicas é carente, e, muitos, nem chegam a concluir o ensino médio. Então a diferença não foi nem, com certeza teve diferença, assim, de você preparar apenas para uma universidade, eu lembro que a gente focava muito na UFC, UFC cai muito, a gente buscava, eu buscava muito, os temas que mais caíam na UFC, eu fazia esse trabalho, agora com o ENEM, ele é uma caixinha de surpresa, e até 2016 é uma surpresa que vinha bastante positiva, aparentemente, pelo menos no caderno de humanas, tirando Filosofia, em minha opinião, o restante é bem crítico, eu acho, tanto de História, Geografia, quanto Sociologia, pega uma abordagem em questões bem críticas, é uma preparação mais gostosa porque a gente consegue fazer abordagem histórica e fazer a leitura da atualidade, eu acho isso bacana e necessário. Então, eu vim sentir mais essa preparação para o ENEM aqui no Adauto Bezerra, em outras escolas públicas que eu trabalhei eu não senti nem um pouco a diferença no vestibular, na mudança de vestibular para o ENEM.”

Nas turmas de 1º ano do ensino médio, durante o 1º semestre, os professores decidiram trabalhar História do Ceará para proporcionar aos estudantes momentos de discussão sobre o lugar onde vivem. Muitas vezes os discentes conhecem a História das cidades europeias e asiáticas, mas não tem conhecimento sobre a formação da cidade que habitam.

O professor Teófilo Ramos aponta que o nível das questões do ENEM melhorou consideravelmente. O processo de ingresso nas Universidades Federais ficou mais democrático, o ponto que o preocupa é a falta de referência regional. Nesse sentido, ele disse:

“Olha, na época, eu me lembro que eu fiquei assim, eu senti de outros professores uma preocupação, pelo fato do temor, de não poder tratar temas regionais, a História do Ceará. E também como, acho que outras áreas, como a Geografia. Acho que também ficou um pouco defasada a Geografia do Ceará. Porque eu acho importante você compreender um pouco a tua cultura, a tua História, porque, muitas vezes, você acaba conhecendo mais sobre a História da Europa, do que a própria, não estou dizendo que não seja importante, é muito importante, é uma referência, mas você também tem que ter aquela referência regional. E eu sinto que, apesar de ter sido interessante, no ponto de vista didático, melhorou muito a qualidade das questões, as

questões têm um nível muito melhor do que era antigamente, mais opções para os candidatos, para os alunos poderem fazer cursos. Porque, por exemplo, como eu falei para você, eu tinha a vontade de fazer Arquitetura, eu só tinha uma opção: UFC e pronto. Hoje, se alguém quiser fazer tem várias faculdades. Olha como a coisa melhorou, não digo só pelo ENEM, mas pelo desenvolvimento mesmo da educação, pelos incentivos. Mas se você for pegar, exclusivamente, o ENEM, você pode fazer na federal, você pode fazer em outra faculdade, particular, pelo PROUNI, ou em outra faculdade pública, em outro Estado, outra região. Então, há essa possibilidade, se você realmente, quiser fazer isso aí. E na minha época não tinha, ou fazia, ou passava e se não passasse pronto, tinha que se conformar com outro curso, de outra faculdade, como foi o meu caso, ainda bem que no meu caso deu certo. Então assim, nós percebemos vários ganhos, vários avanços, mas a gente sente que o maior revés, foi essa questão do regionalismo. ”

Durante a sua fala, o professor lembrou da dificuldade que teve no período em que fez o vestibular e percebeu que o processo de ingresso avançou agora, os estudantes podem escolher dois cursos e concorrer a vagas em outros Estados. Porém, demonstrou preocupação com o debate das questões regionais.

A professora Joana Angélica Bandeira explica que o ENEM pautou o que ia ser ministrado em sala de aula. Segundo ela, os professores deixaram de trabalhar em função da escola e passaram a trabalhar em função do ENEM. Ressalta que os livros didáticos são pouco utilizados e as provas são baseadas nas questões do ENEM e dos vestibulares. Sobre essa questão, ela discorreu:

“Olha, eu falo especificamente porque eu trabalho com os primeiros anos, mas nas séries, segundo e terceiro, a gente viu, ao longo desses anos aí que o ENEM pautou o que é que ia ser ministrado em sala de aula. Ele pautou, por exemplo, como é que você vai trabalhar determinadas questões sempre voltadas para o ENEM. As escolas, desde que o ENEM se tornou a porta de entrada para as universidades públicas, através do SISU, elas foram direcionadas. Então praticamente você não vê o uso de livros didáticos, porém para os terceiros anos, praticamente você não usa os livros didáticos do terceiro ano, embora tenham livros didáticos do terceiro, porque a metodologia é todinha voltada para o ENEM. No caso da gente que trabalha com os primeiros, a gente fica mais à vontade para trabalhar as questões que têm nos livros, para trabalhar os textos que têm no livro, mas as provas, por exemplo, elas são sempre provas que a gente copia e cola de questões de vestibulares, questões de ENEM anteriores que já estejam, logicamente, disponíveis. Mas no caso do mapa curricular do primeiro ano, por exemplo, o que é que de primeiro ano ainda é abordado no ENEM? Praticamente só Roma, ou Grécia, algumas questões sobre Democracia. Mas aquela parte toda da História antiga, você sabe que elas não são mais abordadas em vestibular. ”

A professora gosta de trabalhar no 1º ano por sentir que tem uma certa autonomia na escolha dos temas e na forma de ensinar, diferente dos docentes que lecionam nas turmas de 2º e 3º ano que segundo ela são mais influenciados pelas avaliações externas.

O coordenador Humberto Mendes diz que apesar de todas as críticas ao governo da época, não tem como negar que o ENEM foi fundamental para que um número maior de estudantes da rede pública de ensino ingressasse nas universidades. Diante disso, ele destacou:

“Não tem como você negar, independentemente de você ter crítica ou não ao governo que assumiu na época, que era do Lula e depois da Dilma, mas é inegável, esses programas sociais foram peça fundamental nesse processo da acessibilidade do estudante na rede pública, a política de cotas, o ENEM, ele democratizou, porque muitos estudantes que teriam, e vocês conhecem como é que é o sistema, você teria que se deslocar para outra cidade para fazer a prova lá, quando era o sistema antigo, e hoje você faz a inscrição aqui e concorre em vários locais ao mesmo tempo. Isso foi algo bastante positivo. E os dados estão, para provar né, os dados das próprias universidades, que esse acesso a universidade foi bastante ampliado. E a gente deu um salto imenso, para você ter uma ideia, o último vestibular, o último processo de 2015, a gente teve 365 aprovações, quando a gente, em 2004, era cinco ou seis. É interessante que desde 2009, o parâmetro que a gente usou sempre foi aprovações, porque se passasse em duas universidades, então conseguiu duas aprovações, a gente considera que foram duas vitórias, duas conquistas, e a gente usou sempre o mesmo parâmetro, claro que aqui dos 365, talvez a gente tenha uns 250, 270 estudantes. Mas é algo espetacular, você ter mais da metade dos estudantes de terceiro ano tendo acesso ao ensino superior gratuito.”

Na visão do coordenador, a avaliação em âmbito nacional foi positiva no sentido de abrir mais espaços para o ensino superior com os programas SISU e PROUNI. A escola possui uma estratégia de marketing de colocar na entrada um painel com a foto dos estudantes aprovados nas universidades e embaixo o nome do curso. É impressionante o número de estudantes da escola Adauto Bezerra que conseguem ingressar no ensino superior.

4.4 Os professores de História e a escolha da sua metodologia

A experiência dos docentes em sala de aula é ampla, todos possuem no mínimo dez anos de magistério, diante disso, decidi perguntar aos professores sobre a escolha metodológica que fizeram e, como procuram trabalhar essa metodologia em sala de aula.

O professor Leirton Carneiro defendeu que a melhor metodologia é a construção do tema. Dialogar com os estudantes para que eles participem ativamente da aula, saber o que eles sabem previamente do assunto e depois aprofundar a reflexão sobre o conteúdo. Nesse sentido, ele disse:

“Procuro fazer História e memória. Eu acho muito interessante que a gente compreenda os processos históricos, mas que a gente também se aproxime das memórias, já que as memórias elas são reais. A História é muito relativa, mas a memória é uma coisa concreta, são fatos que a gente deve levar em consideração, são fatos que nos aproximam da verdadeira história, daquilo que está acontecendo no cotidiano e eu respeito muito a memória dentro do processo histórico. Eu acho que a melhor metodologia é a construção do Tema. Você levar com os alunos a escreverem no quadro aquilo que os alunos vão falando. O feedback com os alunos é importante na construção de uma aula. Não vale nada eu falar sobre um assunto, quando eu falo sozinho, quando não tem debate, quando não tem participação. Eu acho que a aula, ela nasceu assim, ela deve se processar dessa maneira, de uma forma da construção dos conteúdos, de uma forma bem de feedback entre professor e aluno. Aquela coisa pronta, acabada, eu acho uma coisa sacal, com uma coisa você não aguenta os alunos e nem os alunos te aguentam. ”

De acordo com o professor, uma aula em que apenas o docente fala é cansativa tanto para o aluno como também para ele, por isso ressalta que é interessante suscitar um diálogo que envolva os que estão presentes na sala de aula com o tema que está sendo trabalhado.

O professor Airton de Farias explicou que antes era muito engraçadinho, fazia umas piadas de humor misturadas com ironia, mas quando se aprofundou nos estudos, o tempo começou a voar, então precisa terminar o conteúdo proposto no mesmo dia, por que se deixasse para a próxima semana, a aula ficava chata. Diante disso, relatou:

“Houve uma época que eu era muito engraçadinho, hoje, eu sou muito menos engraçado, tinha umas piadas de humor, embora seja irônico. A ironia faz parte do meu perfil, sou muito irônico, às vezes as pessoas nem entendem as ironias que eu falo; as sacadas bem irônicas. Mas no começo eu era muito mais, principalmente professor no cursinho, muito engraçado. Só que algumas vezes, quando você começa a estudar, algumas vezes eu tenho dificuldade em terminar o assunto em uma aula, porque eu tenho que dar aula diante de um ENEM, um vestibular, tenho um conteúdo a ser cumprido, então eu preciso terminar, dar o conteúdo naquela aula, não pode deixar conteúdo para a aula seguinte, senão vira um caos, uma coisa que o professor tem que saber é que tem que dar aula naquele dia, se ele deixar uma ponta para aula seguinte, não vai conseguir retomar essa aula, e o conteúdo, e a aula fica muito chata, então, se pedem pauta tem que terminar o conteúdo no dia. Então, quando você começa, qual a dificuldade do professor? Ele não tem tanto conteúdo, então, parece que a aula nunca acaba, você fala, parece que você se esgoela, e o relógio não anda. Quando você começa a ter experiência de sala de aula é ao contrário, o tempo voa, e você não consegue, algumas vezes, dar o conteúdo naquele intervalo de 50 minutos. Então, no começo é algo mais engraçado, realmente, talvez, como era começo de carreira, não tivesse tanto conteúdo, o humor era uma forma de preencher essa minha deficiência. Não sei tanto o conteúdo, então vou tirar um tempo aqui da aula para fazer zoação, para brincar, o que descontra a aula e tal, mas é uma deficiência sim, você tem uma deficiência como professor. A medida em que você começa a ter mais conteúdo, então você não vai perder tanto tempo com piadinha. Se tu chegar em uma sala de aula e não souber o conteúdo, o aluno sabe, o aluno é bicho esperto, ele

entende que o professor não sabe o conteúdo, isso é fácil perceber: quando o cara está enrolando. Eu sempre me preparei para dar aula, não há uma aula minha que eu não estude, o que o aluno requer hoje do professor é conhecimento. ”

Na sua fala, o professor explica que hoje é um professor mais sério, procura focar realmente na História, segundo ele, fazer muitas piadinhas pode ser legal, mas também pode passar a ideia para o aluno de que a História é uma grande piada e o que o aluno quer do professor é conhecimento.

A professora Anna Karina Cavalcante diz que não se considera distante do tradicional, mesmo sabendo que tem um senso crítico sobre as questões políticas, confessa que é muito difícil fazer diferente da formação que recebeu durante a vida escolar na década de 1980 e acadêmica durante a década de 1990. Sobre a sua metodologia, disse:

“A minha formação é tradicional, nos anos 1990, meus anos 1980 de escola, é muito difícil você ser diferente do que você foi formada. Meu curso de História não foi um curso crítico, foi um curso que, boa parte dos professores, entraram na época da Ditadura Militar. Eu usava apostila do exército, então não era uma metodologia positivista, então eu não me vejo, apesar de ter um senso crítico, politicamente falando, mas eu não me vejo como uma professora que possa, que muda a metodologia. Inclusive, quando eu fui fazer a minha monografia da graduação, que foi sobre o livro didático, que, até isso, eu não podia fugir demais, tinha que ser algo que, como eu estava no mundo do trabalho, já era casada, já tinha um bebê, então eu não podia escolher algo que fosse muito distante, uma pesquisa, nos anos 1990, no meu curso de História, eu trabalhei muito com os Índios Tremembés, com os Canindé de Aratuba, e eu adoraria ter feito um trabalho nessa linha, mas aí exige visita de campo, um acompanhamento por perto, aí eu: não, tenho que trabalhar com algo real do meu mundo de trabalho, no dia a dia, que não necessite eu me deslocar, não fazer um trabalho de pesquisa tão profundo assim. Aí eu peguei o livro didático. E eu lembro que teve uma corrente, eu estudei muito pouco correntes históricas no ensino, meus professores realmente não acrescentaram grande coisa não, o que realmente me acrescentou na graduação foi o movimento estudantil. Eu lembro de uma corrente que eu gostei muito que foi História Temática, mas eu não me vejo, até mesmo porque História temática exige muito tempo para pesquisa, e a gente não tem tempo para pesquisa. Mudar a metodologia não é uma tarefa fácil, é um giro muito difícil. Eu não me considero diferente do tradicional, não. ”

A professora ressaltou que gosta bastante da História temática, mas reconhece que trabalhar nessa vertente exige tempo de pesquisa e, no momento não tem como se dedicar para abordar os conteúdos com essa metodologia.

O professor Teófilo Ramos esclarece que aprendeu muito com a prática, mesmo que tenha lido muitos livros teóricos, encontrou o seu estilo dentro da prática. Definiu que sua metodologia é a prática do respeito, procura agir sempre com dignidade e respeitar a visão dos estudantes sobre o tema abordado na aula. Diante disso, refletiu:

“Assim, tem muita coisa que a gente aprendeu mais na prática mesmo, embora a gente tenha lido vários teóricos e tal, mas a gente procurou buscar um estilo dentro da nossa prática. Procuramos mais a prática do respeito, agir sempre com dignidade em relação ao aluno, respeitar sempre o ponto de vista do aluno. Logicamente, que às vezes acaba sendo meio autoritário, ou meio não, às vezes até muito autoritário, mas a gente percebe que cada vez mais, com a maturidade, você tenta ter um diálogo, que acaba você sendo mais ouvido, mais entendido, do que propriamente impor. Porque eu ainda vejo muitos casos, situações, em que há imposição, em que há o desrespeito mesmo em relação ao aluno, que acaba sendo prejudicada aquela relação, uma coisa que tem que ser feita, que tem que ser tratada de uma forma bem harmoniosa, senão você perde aquele respeito e aquela relação, e aí você não consegue desenvolver direito aquele trabalho, aquela reposta. Eu vejo muito assim por esse lado. ”

Para ele, o respeito entre os docentes e discentes deve ser valorizado, pois facilita o diálogo com os alunos e a compreensão dos conteúdos. Assim, os estudantes se sentem mais instigados em participar e a aula se torna mais interessante.

A professora Joana Angélica Bandeira relatou que trabalha na perspectiva de que existem posicionamentos diferentes sobre o mesmo fato, mas não sabe se é marxista, positivista ou da escola nova. Ao pensar sobre a sua metodologia, ressaltou:

“Olha, eu sou muito sincera, quando as pessoas perguntam para mim: Qual a corrente historiográfica que você segue? Eu não sei! Eu não sei. Eu não sei se eu ainda estou lá no século XIX com os positivistas, eu acho que aí eu não estou não, isso aí eu tenho consciência, positivista eu não sou, eu vou me defender. ‘‘Você é Marxista? ’’, ‘‘Você é da Escola Nova?’’, eu sei lá o que diabo é que eu sou. A minha formação foi muito assim, muito diversa? Fiz aqui, fiz em Pernambuco. E meus professores, todos eram marxistas. Eu sou do período da universidade Marxista, dominada pelo Marxismo. E uma das coisas que eu não tolerava da linha Marxista, e não tolero até hoje, era essa aversão as questões da natureza mortal e até da sua prática religiosa. Porque eu militei em um movimento aqui dentro que a Igreja estava dentro, eram os padres chamados Padres Vermelho, os padres, os barbudinhos, como eles chamavam determinados padres aqui, que depois foram enquadrados pelo papa João Paulo II; eu gostava muito da linha do Leonardo Boff, eu tenho um cunhado que é padre casado, e militava nesses movimentos sociais também, que não era marxista ao pé da letra. Se você me perguntar qual é acorrente que eu sigo, eu não sei. Eu gosto muito de dizer para os meninos que a minha metodologia de trabalho, a minha orientação, vamos dizer assim, ideológica, é daquelas de dizer sempre: Não existe verdade absoluta. Todo fato histórico, toda noção de narrativa histórica, ela tem, pelo menos, duas versões. Eu trabalho com meus alunos na perspectiva de discussão de que existem posicionamentos diferentes sobre o mesmo fato. Que não necessariamente um está correto e outro está errado. Mas que daquele embate, daquelas ideias, você pode, você mesmo, tirar daquilo uma conclusão sua. E outra coisa, o ensinar, o trabalhar, é um ato político. Quando você está em uma sala de aula, está dando a sua aula, até o equipamento que você usa, os vídeos que você usa, aquilo ali é seu, é uma escola política sua, aquilo ali não está livre de ideologia. Então, eu sempre tentei trabalhar com os meninos, sempre nessa direção, de trabalhar você vendo mais de uma visão sobre aquilo. ”

Para ela, a metodologia mais importante é reconhecer a diversidade e esclarecer que na História não existe uma verdade absoluta, portanto, é possível encontrar uma variedade de fontes e versões sobre um mesmo fato. Diante disso, ressalta que a escolha do tema, do recorte temporal, do método e dos recursos utilizados que integram o planejamento pedagógico está diretamente relacionada aos objetivos que o docente deseja alcançar, por isso considera que ensinar é um ato político.

4.5 O pensamento dos professores de História sobre a política brasileira

O cenário político brasileiro na atualidade enfrenta um processo de instabilidade. O *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff aprovado pela Câmara dos Deputados e, em seguida pelo Senado Federal acirrou os embates entre o governo legitimamente eleito com 54,5 milhões de votos e a posse do atual Presidente. A instabilidade política fragilizou ainda mais a economia brasileira. Diante da crise, o governo atual propôs algumas mudanças através da Proposta de Emenda Constitucional PEC 241, que foi aprovada pelos Deputados e em seguida pelos Senadores como PEC 55, o principal objetivo dessa Emenda é modificar o teto dos gastos públicos, dessa forma, o orçamento ficaria congelado por 20 anos. Além disso, o novo governo propôs a Medida Provisória 746/2016 que deseja promover uma Reforma no Ensino Médio, no intuito de que as escolas funcionem em tempo integral, retirando algumas disciplinas do currículo obrigatório, como História e Geografia. Ainda possibilita a contratação de pessoas que tenham um “saber notório” para serem professores, sem ser preciso uma formação nos cursos de licenciatura. Diante desse cenário, é importante refletir sobre o que os professores pensam da política brasileira nos dias atuais.

O que mais preocupa o professor Leirton Carneiro no cenário político atual é a tentativa do governo de profissionalizar a educação. Sobre essa questão ele disse:

“Eu tenho muito medo que se retorne um processo educacional que existiu na época da ditadura, que era a história da profissionalização da educação. Formar profissionais de segunda ou terceira categoria, porque não se ensina mesmo as profissões a nível de ensino médio, é uma coisa muito rudimentar, muito por cima. Na época da ditadura, a gente chegava a absurdos de receber um diploma de técnico em administração sem nunca ter assistido uma aula de administração, porque os caras queriam profissionalizar de qualquer maneira, que era a solução para o

emprego no país e tudo. Tenho muito medo que isso retorne e principalmente para penalizar as escolas públicas, que evoluíram muito nesses anos, e que isso na minha opinião, deve existir, mas como uma coisa a mais, não como o processo geral, porque vai impedir desses alunos acessarem a universidade. Então eu tenho uma preocupação hoje com essa história, esse momento aí de profissionalizar de qualquer maneira o ensino médio, o que vai penalizar a escola pública porque a escola particular não vai se submeter a isso. Eu procuro sempre está próximo dos meninos que estão fazendo mestrado, doutorado e eles me indicam livros, como o professor Airton de Farias, por exemplo, que me indica muita coisa a respeito do contexto nacional, do contexto estadual. E essas leituras fazem a gente entender porque o estado é tão atacado. O meu mundo é outro, o meu mundo é o da escola particular, mas a gente vai entendendo os processos, os meninos que estão na luta a mais tempo. Aí a gente vai adquirindo conhecimentos do que já existia, dos direitos que eram não só dos alunos, mas também dos professores e que estão sendo retirados na época das autoridades estatais. ”

Segundo ele, profissionalizar o ensino médio de forma aligeirada, sem diálogo com os profissionais da educação, vai trazer muitos prejuízos para a escola pública, principalmente para os estudantes que sonham em ingressar no ensino superior.

O professor Airton de Farias compara a situação atual da política brasileira ao que ocorreu após a queda do muro de Berlim, observa que os brasileiros estão sem perspectiva, não sabem o que vai acontecer nos próximos meses. Nesse cenário, a Direita está querendo fazer mudanças que afetam profundamente as camadas populares e a Esquerda está queimada, perdeu a credibilidade e vai demorar um tempo até conseguir se reencontrar. Nesse sentido, o professor explicou:

“Bom, em termos gerais, o governo Lula fez um governo de conciliação, não um governo de ruptura, nunca propôs romper com o capital, com os empresários, isso é muito claro na famosa Carta ao Brasileiros, então, o governo deixou muito claro que ele ia distribuir renda, não ia desconcentrar; no caso, o governo começou com os programas sociais que tem uma importância, ao meu ver, muito grande, porque ele passou a dar recursos aos mais pobres. Acontece em 2008, então, a pedra no meio do caminho, 2008 é uma época de enorme crise no capitalismo, na Europa e nos Estados Unidos, e essa crise, ela vai provocar uma retração dos mercados, óbvio, isso é normal, e os países centrais vão transferir essa crise para a periferia. Então, a marolinha virou uma onda quando chegou na periferia. E aí o governo Lula cometeu alguns equívocos. Primeiro foi, não diria equívocos, mas os propósitos do próprio governo, ele não se preocupou em politizar as pessoas, achava que bastava o consumo. Só que acabou a essa onda, chegou a onda da crise aqui, como o governo não preparou as pessoas, não fez as reformas gerais, reforma agrária, coisa que ninguém nem fala mais, reformas estruturais, educação e tal, a população começou a reivindicar a manutenção, a concessão de novos direitos, o que o governo não tinha como conceder, porque não tinha recursos, porque não tinha preparado as pessoas para o embate, porque se você vai desconcentrar renda, você vai ter o embate com seguimentos dominantes, isso é óbvio. E aí, em 2013, isso é muito claro, os protestos de 2013, são protestos iniciados por grupos anarquistas, comunistas, são grupos radicais, que iniciam os protestos, depois a direita se aproveitou, depois os grupos

conservadores começaram a ir para esses protestos e então virou um grande carnaval de posições, muitas vezes conflitantes e tal e tal. Naquele 2013, o governo, não assinou as reformas que a população desejava, principalmente esses grupos mais da esquerda, não fez nada, como o movimento acabou sendo apropriado pelos grupos dos mais conservadores, esses grupos tiveram uma grande frustração que não foi ganhar a eleição de 2013, 2014, aliás, eles contavam ganhar, Aécio estava a frente da apuração, Dilma era a última do boletim, então no governo, há uma divisão de sociedade muito clara. O governo de Dilma adotou uma política que parecia muito com a política que Aécio defendia, perdeu o apoio dos seguimentos populares, e não ganhou apoio dos grupos dominantes, consequência: fragilizou-se e caiu, foi uma derrota grande, vendo historicamente foi uma derrota enorme, uma derrota não só para o PT, uma derrota para as esquerdas, Eu comparo muito com o que houve após o muro de Berlim, foi um murro nas ventas, você ficou perdidão, sem saber para onde ir depois. Então, vendo ao longo da história, não tem nenhuma surpresa prática o que o PT praticou, e isso tem um fator sim que contribui, uma imprensa que teve um comportamento, a justiça, a meu ver, claramente, partidária, mas a imprensa e o judiciário estão ligadas, no Brasil, aos grupos dominantes. Então, é um momento muito difícil para quem defende uma cidade menos injusta, mais igualitária. É um momento de reflexão. ”

Na sua reflexão, o docente ressaltou que a mídia brasileira demonstra claramente que escolheu um dos lados. O professor Airton de Farias também observou que algumas pessoas do judiciário não estão sendo imparciais e decidiram dar informações confidenciais para a mídia, potencializando o momento delicado em que se encontra o país.

A professora Anna Karina Cavalcante acredita que estamos caminhando para um acirramento de classes cada vez maior, na sua visão os embates entre conservadores e radicais estão se intensificando. Ao analisar o momento político atual, refletiu:

“Bom, houve uma onda conservadora depois do golpe, já vinha existindo com a permissão, na minha opinião, do governo, do governo do PT, Dilma, fez aliança com setores bastante conservadores, quando ela lançou no primeiro mandato: a Carta ao povo de Deus, que colocava para baixo as bandeiras de caráter feminista, que tem a ver com a violência doméstica, abrindo mão de um debate sobre a questão da legalização do aborto. Então ela se aliou, desde o início, com um setor bem conservador. E aí depois do golpe, agora em 2016, essa onda conservadora está dominando todo o judiciário, que já era bem conservador, mas agora eles estão mais assanhados, digamos assim, o Judiciário, o Congresso, o Parlamento, acho que a gente não teve nenhum Parlamento, muitas pessoas disseram isso depois das eleições de dois anos atrás, a gente nunca teve um parlamento tão conservador pós-golpe militar, na verdade, após a ditadura militar, como a gente está vivendo. Então a gente está sentindo isso na pele agora, essa onda conservadora cada vez maior e acaba que a gente sente isso na sala de aula, o aumento dos alunos de escola pública, que são alunos carentes, contra cotas, contra bolsas, contra, inclusive, à própria escola pública, eles defendem a iniciativa privada, o liberalismo de uma maneira bem contraditória. São usuários do serviço público, como a escola pública, e defendem a bandeira do liberalismo. Ontem eu tive um debate com um aluno, ele estava dizendo que não era nem para ter a secretaria de cultura porque a cultura não presta para nada, aí, ou seja, não tem nem ideia do que é a cultura e, enfim, o que faz a secretaria de cultura. Preocupante viu, muito preocupante a atual conjuntura. Acho que a gente

caminha para um acirramento de classes cada vez maior, cada vez mais acentuado, e isso me preocupa muito, porque a gente não tem uma, a gente não vê uma luz no fim do túnel, só o crescimento da extrema direita. ”

Segundo a professora, a esquerda que estava no poder fez alianças perigosas com os conservadores e sofreu o *impeachment*, a maioria dos membros que integram o judiciário, o congresso e o parlamento são conservadores, o executivo atualmente é muito conservador, portanto, a política brasileira está vivendo um processo de crescimento acelerado da extrema direita.

O professor Teófilo Ramos tem uma visão diferenciada dos outros docentes, apontou o lado positivo no acirramento das disputas políticas, segundo ele, o eleitor brasileiro está amadurecendo e cobrando mais dos políticos. Ao pensar sobre essa questão, discorreu:

“Eu me lembro que quando eu entrei aqui, quando eu era professor temporário, eu entrava com mais facilidade, eu fazia proposição de debates, e eles, realmente, aderiam, entendia sabe, não tinha esse negócio de não. As vezes eu fazia aulas e aulas de debate e tal, pegava o conteúdo e a gente debatia, e era um negócio legal, o pessoal gostava. E aí eu quis fazer isso em outros colégios e eu não consegui, e quando eu voltei para cá, eu não sei o que foi que aconteceu que ficou um pouco, né, eu travei um pouco, logicamente que vai ter geração que vai ter mais facilidade, outras não, mas eu já sinto um clima muito propício para isso aí. Não precisa nem eu dizer que a coisa está muito conturbada. Fica até difícil você perceber uma melhora, imaginar, como que isso vai se resolver, eu só sei que, logicamente, que vai se resolver, mas eu só espero que haja uma maturidade. Eu vejo, com otimismo, assim, um amadurecimento do eleitor brasileiro, que hoje ele está mais vigilante, está mais exigente com os políticos, coisa que, há algum tempo atrás não era assim, geralmente as pessoas aceitavam. Hoje, a imprensa brasileira está mais, apesar da Globo e tal, mas a gente percebe que alguns setores da imprensa cobram mais, estão mais observadores, conseguem fazer, em alguns casos, um jornalismo de denúncias, de questionamentos, as vezes nem tanto de debates, mas que está ali a tentar, realmente, informar o povo, coisa que, muitas vezes, não acontecia, ou a coisa não era contada. Eu sei que logicamente ainda existe um grande buraco para se transpor, mas que realmente tem evoluído, tem amadurecido, a impressão que eu tenho é essa. Eu vejo a coisa de forma positiva. Logicamente que perdemos, tivemos alguns, e vamos ter, alguns retrocessos, tudo que indica é isso aí, mas pelo menos estamos mais maduros para poder enfrentar essa dificuldade, a gente não aceitar com muita facilidade algumas imposições. ”

Para ele, as pessoas estão mais atentas ao que está acontecendo, ficaram mais exigentes e apesar dos retrocessos que estão ocorrendo, o povo brasileiro está mais preparado para enfrentar as dificuldades e resistir às medidas arbitrárias da elite.

A professora Joana Angélica Bandeira, afirma que toda ação gera uma reação, assim como nas leis da Física, na política também é assim. Considera que as problemáticas que

envolvem a política brasileira são resultantes da disputa de forças políticas antagônicas. Nesse sentido, relatou:

“Na política não existem santos, todo mundo sabe disso. Tudo é um jogo de interesses. Então, essa situação política que a gente está vivendo hoje é consequência do que foi feito anteriormente. Das alianças, de interesse em nome do negócio chamado governabilidade, de fechar os olhos para o que Fernando Henrique fez, a privatização tucana, quando assume o governo, o Lula faz o que? Vamos mexer nisso não. Nós temos que governar. Como é que a gente governa? Nos aliando a antiga elite política que sempre governou esse país representada pelo PMDB. A gente parece que não vê isso. A gente não analisa o que está por trás da situação que a gente vive hoje. A culpa é toda do Mouro, ele inventou isso tudo? Embora eu tenho muitas restrições a esse tipo de ação que está sendo colocada a partir da “Lava-Jato”, mas tem que analisar a coisa mais para trás. Eu vou acreditar piamente que essa situação que estamos vivendo hoje do Fora Temer é o povo brasileiro? Cadê a militância das comunidades eclesiais de base? Cadê os padres que iam para as periferias? Cadê a militância do PT como tinha no meu bairro na favela que eu morava e organizava os movimentos de base? Tem mais não. Os caras se encastelaram no poder e esqueceram isso aí, sabe? Esqueceram as origens, esqueceram de onde é que a gente veio. E é isso que eu digo, ó, perdeu o apoio da base popular. Se você disser que as manifestações aqui em Brasília foi o povo que fez, foi o povo coisa nenhuma, o povo está é trabalhando, ralando, para manter o emprego, não é em passeata não. Quem é que vai botar o pé dentro da favela hoje em dia, só os caras que estão na época da política, inclusive, os caras que dizem ser de esquerda. Só sabe que pobre existe quando precisa do voto. Faz a mesma prática da direita. A dita esquerda esqueceu das suas bases. ”

Para ela, o ponto que mais agravou essa crise política foi a Esquerda reproduzir a mesma prática da Direita, só lembrar do pobre no período das eleições, dessa forma, esqueceu das suas bases e perdeu o apoio popular.

5 INTELLECTUAIS ORGÂNICOS CRÍTICOS

As observações realizadas na escola Adauto Bezerra, em especial nas aulas de História, revelam saberes docente e ajudam a entender a principal questão desse trabalho, investigar se os professores de História são intelectuais¹⁸ orgânicos críticos da atualidade. A pesquisa de campo foi baseada na vontade de responder essa questão, mas sem controlar o que é observado. Entendo a importância de ter cuidado para não olhar o espaço e os participantes da pesquisa de forma determinista, sendo fundamental perceber através da sensibilidade o que tantas vezes parece natural.

Nesse sentido, inspirada no compromisso ético, busquei observar e registrar no caderno de campo as aulas de História dos cinco professores que já possuem mais de dez anos de experiência docente, apesar de todos terem uma formação inicial no curso de História da Universidade Estadual do Ceará, observei que existem peculiaridades na prática de cada um.

Após a análise dos dados da observação, percebi que os professores possuem semelhanças em sua formação e na prática docente, alguns aspectos se repetem como a tentativa de relacionar o conteúdo trabalhado com o cotidiano dos discentes e a utilização de fontes históricas como recurso para favorecer uma aprendizagem satisfatória. Porém, cada um se destacou de uma forma específica. Diante disso, diferenciei em cinco modelos¹⁹ para explicar as características e a escolha metodológica deles quando estão exercendo a docência, porém, não desejo enquadrar os docentes em um modelo fixo, mas pensar sobre as características mais marcantes da práxis docente dos professores investigados,

Dessa forma, caracterizei o professor Leirton Carneiro como intelectual crítico dialógico, pois em suas aulas demonstrou interesse em saber o conhecimento prévio dos estudantes sobre o assunto. Utilizava os seus próprios relatos de memória como fonte para a discussão do contexto histórico do período estudado. O diálogo com os estudantes acontecia com frequência e ele respondia com clareza as perguntas feitas pelos discentes. As

¹⁸ Entre as funções dos intelectuais está também, para nós, a função crítica. (LE GOFF, 2006, p. 111)

¹⁹ [...] Partindo desse modelo, é possível analisar diversos fatos reais como desvios do ideal: tais construções [...] permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo construído teoricamente. Sob esse aspecto, a construção é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas (WEBER, apud BARBOSA; QUINTANEIRO, 2002, p. 113).

problemáticas atuais estiveram presentes na aula e o professor buscava favorecer o pensamento crítico dos estudantes, às vezes o sinal do intervalo tocava e eles permaneciam atentos as narrativas envolventes do docente sobre o período que foi integrante do movimento estudantil e se posicionava contra as medidas autoritárias do regime ditatorial.

Nessa perspectiva de análise, defini a partir das observações que o aspecto mais presente nas aulas do professor Airton de Farias era o conhecimento histórico, por isso será chamado de intelectual crítico do conhecimento. O professor Airton de Farias em apenas cinquenta minutos conseguia fazer uma contextualização geral do tema de uma forma impressionante. Lecionou em cursinhos durante muitos anos e, em suas aulas ficou visível que sua maior preocupação era conseguir trabalhar bem o conteúdo planejado. Nas aulas do professor não havia tempo para brincadeiras ou conversas, os estudantes ficavam atentos na explanação do docente que no final da aula abria espaço para que os estudantes fizessem perguntas.

Sendo assim, a característica que mais se destacou nas aulas da professora Anna Karina foi o seu pensamento político. Diante das mudanças propostas pelo governo atual quando assumiu a presidência do Brasil, a professora realizou importantes reflexões com os estudantes sobre as consequências que a mudança em algumas políticas públicas pode trazer para a sociedade brasileira. Durante as aulas, ela explicou que as disputas pelo poder político marcam a História em diferentes épocas e sociedades, deixou claro que nas rupturas e permanências históricas a elite luta até os dias atuais para continuar no poder e garantir os privilégios de sua classe. Por causa das discussões relacionadas ao campo político presentes em todas as aulas da professora e devido ao seu posicionamento crítico diante das problemáticas nesse campo, a docente Anna Karina Cavalcante é pensada como a intelectual crítica política.

Na análise de dados também percebi que para o professor Teófilo Ramos, o diálogo, o conhecimento e a reflexão política são subsídios importantes em uma aula de História, entretanto, o que mais o mobiliza em sala de aula é a afetividade. Ele prioriza o respeito e sabe da importância de entender que cada sujeito possui uma realidade diferente. Abordou em suas aulas a importância da tolerância religiosa, política e de gênero, por priorizar a questão humana e ser sempre muito afetivo com os estudantes caracterizei-o como intelectual crítico afetivo.

Ainda nessa perspectiva de análise, defini a professora Joana Angélica Bandeira como intelectual crítica tecnológica, levei em consideração a utilização dos recursos

tecnológicos em todas as aulas que observei, imagens, filmes e fragmentos de textos foram bem trabalhados durante as aulas. Interessante ressaltar que a docente possui seu próprio projetor de imagens, notebook e caixa de som, o que facilita o uso dessas ferramentas em suas aulas. A professora Anna Karina Cavalcante e o professor Teófilo Ramos gostavam de utilizar os recursos tecnológicos, mas tinham dificuldades, pois além da concorrência na escola para reservar o equipamento, às vezes faltava algum fio ou caixa, o que atrasava o início da aula.

Após a análise dos dados da observação, percebi que a maneira de ensinar História é bem diversificada, principalmente em relação ao método e as atividades desenvolvidas em sala de aula, porém, existe algo em comum na ação cotidiana dos docentes, destaco o compromisso profissional, o conhecimento histórico e a criticidade. Para facilitar a compreensão das aulas que observei e das temáticas que foram abordadas nesse processo, no início dos subtópicos fiz um quadro explicativo com os dias, horários, turmas, número aproximado de estudantes e conteúdo de cada aula.

5.1 Intelectual crítico dialógico

O professor Leirton Carneiro tem aproximadamente 50 anos, professor das turmas de terceiro ano do ensino médio, muito querido e respeitado pelos estudantes. Conhecido como “Dino”, o homem da pré-história, apelido atribuído pelos próprios estudantes pela forma envolvente como ele narra os fatos históricos. Os estudantes comentam “parece até que ele viveu nesse tempo e viu tudo isso”. Durante os meses que observei a sua prática o professor abordou os temas relacionados à História do Brasil.

O tema das aulas do professor Leirton Carneiro foram do governo populista de Getúlio Vargas até o último presidente da ditadura civil-militar brasileira. O recorte do professor era baseado na política, caracterizou a economia e os principais acontecimentos que marcaram o governo de Vargas, Castelo Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel e João Figueiredo.

Como já relatei a escola Adauto Bezerra realiza um trabalho muito focado na preparação para a aprovação no ENEM. As turmas de terceiro ano foram unidas de acordo com a área de interesse de estudo de cada aluno. Na T1 ficavam os estudantes que tinham maior

afinidade com as Ciências da Natureza, na T2 Ciências Humanas, na T3 Linguagens e Códigos e na T4 Ciências Exatas.

Acompanhei as aulas do professor Leirton Carneiro em turmas variadas. As aulas aconteceram em um período de grande efervescência política. O processo polêmico de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff estava em pauta nesse período, a mídia bombardeava a todo instante os meios de comunicação, não era difícil escutar nos corredores da escola conversas relacionadas a essa questão. O professor relacionava em suas aulas as problemáticas políticas do passado com os acontecimentos do presente, realizando a principal função do historiador, de acordo com Hobsbawm.

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca no fim do segundo milênio. (Hobsbawm, 1995, p.13).

Nesse sentido, no final do século XX e ainda nos primeiros anos do XXI a função dos historiadores permanece relevante na sociedade atual. Refletir sobre o governo de alguns presidentes brasileiros e se distanciar do que estava ocorrendo na política atual era quase impossível. Portanto, frequentemente as problemáticas contemporâneas relacionadas à instabilidade política, econômica e cultural eram pensadas. Em alguns momentos os próprios estudantes questionavam o professor perguntando: “Como eram os protestos no período do regime ditatorial? Eram parecidas com as manifestações de hoje?”. O professor Leirton Carneiro de uma forma bem interessante, sem cometer anacronismo²⁰, explicou que cada período histórico foi marcado por uma luta diferente, durante a ditadura civil militar as bandeiras de luta eram mais voltadas para liberdade de expressão, o feminismo, a igualdade social, nos primeiros anos do século XXI as lutas são contra a corrupção, o respeito aos homossexuais, a tolerância religiosa, entre outras. As aulas foram marcadas por narrativas memorialísticas ligadas ao conteúdo. O conhecimento, o diálogo e a criticidade estiveram presentes em todas as aulas observadas do professor. A seguir, relato com uma maior riqueza de detalhes as observações que fiz das aulas.

²⁰ Atribuir a uma época ou personagem, valores ou sentimentos que são de outra época.

Quadro 1 – Dados das observações das aulas do professor Leirton Carneiro

<i>Dia</i>	<i>Horário</i>	<i>Turma</i>	<i>Estudantes (aproximadamente)</i>	<i>Conteúdo</i>
28/08/2016	15:00/15:50	3º ano – Ciências Exatas	70	Os governos populistas no Brasil
05/09/2016	07:10/08:00	3º ano – Ciências da Natureza	30	Contexto geral da ditadura militar (1964 – 1985)
12/09/2016	10:00/10:50	3º ano – Ciências Humanas	50	Contexto geral da ditadura militar (1964 – 1985)
19/09/2016	15:00/15:50	3º ano – Ciências Exatas	80	O governo de Castelo Branco (1964-1967) e Costa e Silva (1967 – 1969).

26/09/2016	10:00/10:50	3º ano – Ciências Humanas	45	O governo de Médici (1969-1974), Geisel (1974-1979) e Figueiredo (1979-1985).
03/10/2016	07:10/08:00	3º ano – Ciências da Natureza	35	O lento processo de abertura política

Fonte: Relatório de pesquisa

Na primeira aula que acompanhei do professor Leirton Carneiro, procurei ser discreta, sentei nas últimas cadeiras para ter uma visão mais ampla do auditório, havia cerca de setenta estudantes. As turmas de 3º ano do ensino regular estavam misturadas, essa era a sala dos estudantes que escolheram cursos ligados à área de ciências exatas. O professor distribuiu uma atividade com questões de vestibulares sobre os governos brasileiros que foram populistas. Antes de ler as questões o professor fez uma contextualização sobre o assunto para facilitar a compreensão dos estudantes no momento da resolução. Os estudantes sentem segurança em perguntar as dúvidas ao professor, que fica atento as indagações e responde com exemplos claros cada questionamento feito. O professor comentou sobre o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), Café Filho (1954-1955), Juscelino Kubitschek (1956-1961) e João Goulart (1961-1964), interessante que ao refletir sobre o processo político desse período narra os acontecimentos como se estivesse presente. A explicação deixa a turma empolgada e eles ficam concentrados na aula. Depois de uns 30 minutos do início da aula, o professor Leirton percebe que alguns alunos estão conversando, chama a atenção deles e logo os que estavam desatentos, voltam a se concentrar.

A segunda aula foi na turma dos estudantes que tinham mais interesse na área de ciências da natureza, o tema foi ditadura militar (1964-1985), inicialmente o professor lançou perguntas, a exemplo, o que motivou o golpe? Como foram os anos de chumbo? As respostas para a primeira indagação foram: crise política e econômica. Na segunda eles apontaram várias características, como a censura, a tortura, a perseguição e o exílio. A narrativa do docente sobre os acontecimentos que marcaram o regime ditatorial deixou os estudantes envolvidos e alguns perguntaram: como era a vida dos jovens? O que podiam fazer? Eram muito perseguidos? O professor explica que quem não se posicionasse criticamente vivia normalmente, mas aqueles que eram contra o governo e demonstravam a insatisfação eram perseguidos, às vezes torturado ou até mesmo morto. Contou aos estudantes que era do movimento estudantil nessa época e disse: “Meu pai era militar e eu saí de casa com 17 anos para não prejudicar a vida da nossa família.” O professor fez um contexto histórico sobre o tema e ao falar do governo de Costa e Silva, mais precisamente sobre os Atos Institucionais, ressaltou: “Antes o presidente cassava o congresso e agora o congresso cassa o presidente.” O docente se referiu a votação para o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff que ocorreu na Câmara dos Deputados no dia 17 de abril de 2016 e depois seguiu para o Senado que votou no dia 31 de agosto do mesmo ano para afastar a presidente do seu cargo político, dando ao vice Michel Temer o poder de governar o Brasil até o final de 2018. Também lembrou: “Mais uma vez a direita encontrar uma maneira de tomar o poder sem ser preciso dar um único tiro para isso.” Relacionou o golpe da ditadura militar ao golpe para derrubar a presidente Dilma Rousseff. Também discorreu sobre as estratégias de alguns partidos políticos para chegar ao poder e falou: “É a terceira vez que o PMDB coloca no poder um presidente que não foi eleito pelo povo, primeiro Jose Sarney, depois Itamar Franco e agora Michel Temer.”

O terceiro encontro foi na turma de ciências humanas e o tema também foi ditadura militar. O professor perguntou aos estudantes se eles sabiam o que motivou o golpe em 1964, eles responderam: a crise econômica e as disputas entre capitalismo e socialismo. O professor Leirton prosseguiu explicando mais alguns fatores internos e externos que contribuíram para a implantação do regime ditatorial no Brasil. Explicou a denominação “ditadura civil militar”, ressaltando que muitas pessoas apoiaram o golpe, mas depois mudaram de ideia por causa da tortura, dos desaparecimentos, da repressão, entre outros fatores. Lembrou que Dilma Rousseff, ex-presidente do Brasil, foi presa pelo exército e pela marinha, e sofreu tortura física e

psicológica por ser contra o governo vigente no período. Relatou que a ditadura no Brasil foi a maior da América Latina, durou 21 anos, depois da decretação do AI5, o *habeas corpus* foi extinto e a polícia não precisava de mandato de segurança para fazer busca na casa das pessoas. O professor narra a sua história de vida, lembra da resistência do movimento estudantil, conta da sua experiência no curso de Filosofia nos últimos anos do sistema ditatorial, discorre sobre o dia em que uma colega da Filosofia foi capturada, espancada e quase morreu porque fez um discurso no pátio da UECE contra o governo. O sino da escola toca, mas todos os estudantes permanecem concentrados, parecem meio hipnotizados com as narrativas do professor.

A quarta aula que observei foi na turma dos estudantes que escolheram cursos na área de ciências exatas. O governo de Castelo Branco (1964-1967) e Costa e Silva (1967 – 1969) foi o tema escolhido pelo professor. Ele abordou os Atos Institucionais e, ao falar sobre o bipartidarismo (Arena x MDB) explicou que o antigo MDB é o atual PMDB. Lembrou que esse partido político utiliza estratégias perigosas para se manter no poder, por isso a aliança que o PT fez com o PMDB gerou tantos problemas. O docente ressaltou que os presidentes do Brasil filiados ao PMDB, José Sarney e Itamar Franco eram vice-presidentes que devido às polêmicas presidenciais chegaram a ocupar o cargo político. O professor destacou na aula que era muito difícil o PMDB eleger um presidente através do voto popular. Ainda abordando as questões políticas, ao discutir sobre o governo de Costa e Silva, as manifestações populares foram ressaltadas pelo professor, apontando a contribuição dos estudantes e das ligas camponesas para o movimento de resistência ao regime ditatorial.

O quinto encontro foi na turma de ciências humanas, o professor refletiu sobre o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), Ernesto Geisel (1974-1979) e João Figueiredo (1979-1985). No governo de Emílio Médici, o professor ressaltou que foi um dos momentos mais repressivos da ditadura militar por ter sido o auge do AI5, explicou que foi decretado no final do governo de Costa e Silva, mas sua aplicação se deu principalmente no governo de Médici, que foi marcado pela censura, repressão DOI-CODI, exílio e cassação, por isso esse período ficou conhecido como anos de chumbo. No governo de Ernesto Geisel, abordou a crise econômica por causa da crise mundial do petróleo e o processo de abertura política com a revogação do AI5. Questiona os estudantes se diante disso a repressão chegou ao fim. Eles pensam alguns segundos e responderam que não. O professor disse que ocorreu um sigilo maior nas torturas durante esse período, mas as perseguições políticas ainda estavam

presentes. No governo de João Figueiredo, o docente falou que o processo de abertura política se intensificou, foi decretada a Lei da Anistia em 1979 e o povo tomou as ruas com o movimento das “Diretas já”. Comentou sobre os vários setores que foram entregues as privatizações e questionou: “Por que o Brasil não tem refinaria? Por que o Brasil não fabrica o seu próprio gás.” Esclareceu que Brasil é dependente de recursos estrangeiros e paga bilhões para consegui-los.

A sexta aula foi na turma de ciências da natureza e problematizou o processo de abertura política, contextualizando a Lei da Anistia, a campanha das “Diretas já” e o *impeachment* de Fernando Collor de Mello. As eleições para governador em 1982 foram diretas e para prefeito em 1985 também. Porém, para Presidente da República as eleições permaneceram indiretas e o congresso escolheu Tancredo Neves. Os brasileiros passaram quase trinta anos sem votar para presidente. A última votação nesse processo foi em 1960 com a eleição de Jânio Quadros e esse direito só retornou em 1989 na eleição de Collor. As denúncias de corrupção e a péssima credibilidade do governo instigaram o povo a ganhar as ruas para protestas e pedir o afastamento do presidente, o movimento ficou conhecido como “caras pintadas.”

Diante das aulas observadas, percebi que o professor intelectual crítico dialético é motivado por tendências políticas de contestação e possui um compromisso com o bem estar social. Demonstra na práxis docente ser antenado com seu tempo, comprometido com sua atuação profissional e social. Também contextualiza os assuntos abordados nas aulas de História e se preocupa com os processos de ensino-aprendizagem dos estudantes.

5.2 Intelectual crítico do conhecimento

O professor Airton de Farias geralmente é sério em sala de aula, muito focado no conteúdo e no comportamento dos estudantes, às vezes chama a atenção de alguns discentes quando estão conversando. Quando entrava na sala ou no auditório esperava os estudantes ficarem em silêncio para iniciar. Não utilizava o livro didático, preferia escrever na lousa os pontos principais sobre o tema abordado e era impressionante a quantidade de conhecimento que o professor explanava durante aproximadamente cinquenta minutos. Observava se os alunos estavam copiando os pontos que ele escrevia no quadro, caso alguém não estivesse

copiando, o professor chamava a atenção do discente para que copiasse. Às vezes bastava ele olhar para os que estavam conversando que logo eles percebiam e paravam.

Observei aulas do professor em turma de 3º e em uma turma de 2º ano, como o docente só tinha uma turma de 2º, escolhi focar nas suas aulas no 3º ano. Os temas abordados foram: Café – século XIX; Revolução Francesa; Governo de Napoleão Bonaparte; Revolução Industrial; Revolução Russa; Crise de 1929 e a grande depressão mundial e Fascismo. As turmas eram bem numerosas e o professor sempre utilizava o microfone. Certa vez comentou que, além da grande quantidade de alunos, a acústica da sala era péssima, por isso decidiu utilizar o recurso do microfone.

O professor não levou nenhuma fonte histórica para ser discutida durante as aulas, mas ele geralmente citava o nome de filmes, músicas e livros que ajudavam a compreender as questões históricas estudadas. A forma como sugeria o contato dos estudantes com as fontes históricas remetia a nova tendência historiográfica que não vê apenas os documentos oficiais como fonte para a construção da História, mas entende que os vestígios que o homem deixa no tempo e no espaço a partir do olhar do historiador podem dar o embasamento necessário para a escrita da História.

A história nova ampliou o campo de documento histórico; ela substitui a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada em uma multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen de fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem. (LE GOFF, 1993, p.28).

O professor de História também produz conhecimento, portanto, é fundamental compreender e dominar o método de produção historiográfica. Apesar de não ter levado fontes para que os estudantes visualizassem e problematizassem, o professor Airton de Farias apontou a relevância dos vestígios humanos para a compreensão histórica, deixando claro que o homem constrói a História através do seu pensamento e das suas ações.

Quadro 2 – Dados das observações das aulas do professor Airton de Farias

<i>Dia</i>	<i>Horário</i>	<i>Turma</i>	<i>Estudantes (Aproximadamente)</i>	<i>Conteúdo</i>
13/09/2016	13:10/14:00	3º ano – Ciências Exatas	90	A economia do café no século XIX
13/09/2016	10:00/10:50	3º ano – Ciências Humanas	60	Idade Moderna (a passagem do feudalismo para o capitalismo)
20/09/2016	13:10/14:00	3º ano – Ciências Exatas	70	Revolução Francesa
27/09/2016	10:00/10:50	3º ano – Ciências Humanas	45	Revolução Industrial
04/10/2016	10:00/10:50	3º ano – Ciências Humanas	50	Revolução Russa
11/10/2016	13:10/14:00	3º ano – Ciências Exatas	70	Crise de 1929 e a Grande Depressão Mundial

20/10/2016	10:00/10:50	3º ano – Ciências Humanas	50	Os regimes fascistas
------------	-------------	---------------------------------	----	----------------------

Fonte: Relatório de pesquisa

A primeira aula que observei foi na turma que tem interesse em cursar o ensino superior na área de ciências exatas, o conteúdo abordado foi a economia do café no século XIX, ressaltando como influenciou na configuração política e social do período. O professor também fez uma reflexão sobre o contexto histórico da expansão comercial brasileira, a estrutura de *plantation* (latifúndio, monocultura e escravidão), o abolicionismo, os primeiros anos da República, a chegada dos imigrantes como um desejo de suprir a mão de obra e também de embranquecer a pele da população. Os problemas brasileiros relacionados à questão racial possuem uma historicidade, por isso é importante perceber que a escravidão dos negros durante muitos anos nas lavouras de café e no exercício de outras atividades deixou marcas na sociedade brasileira que são sentidas ainda hoje através de atitudes racistas.

A segunda aula foi sobre a Idade Moderna, na turma de ciências humanas, o professor Airton de Farias destacou o processo de transição do feudalismo para o capitalismo, a formação das monarquias absolutista, o mercantilismo, a expansão marítima, a reforma protestante e o iluminismo. Ao abordar as ideias iluministas relacionadas ao racionalismo, individualismo, igualdade diante das leis e separação de poderes, o professor explicou a divisão dos poderes no Brasil, falando das funções dos cargos políticos em âmbito municipal, estadual e nacional. Após essa reflexão, o professor ressaltou: “Nós somos tão despolitizados que muitas vezes não sabemos a que instância recorrer, existe uma confusão em relação aos cargos políticos e as funções que cada um deve exercer, é importante compreender essas questões para saber reivindicar os seus direitos a quem compete resolver.”

A terceira aula foi na turma de ciências exatas, o professor discorreu sobre o governo de Napoleão Bonaparte, esclareceu como ocorreu a consolidação da Revolução Francesa e a propagação dos ideais revolucionários. Explanou as principais características do governo de Napoleão no período do Consulado (1799 – 1815) dentre elas: o desejo de estabilizar a política e a economia e ter uma boa relação com os países vizinhos e a Igreja (Paz de Amiens com a Inglaterra e concordata com a Igreja Católica). Também ressaltou a criação

do código civil napoleônico, a intensificação das propagandas políticas e a perseguição aos que eram contrários ao seu governo. Explicou que Napoleão Bonaparte alcançou a simpatia popular por suas conquistas territoriais e suas estratégias para estabilizar a França economicamente e politicamente. Em 1804, através de um plebiscito, Napoleão foi aclamado Imperador da França. O professor Airton de Farias disse que o sucesso do governo de Bonaparte se deu por ser um líder forte e estrategista, mas principalmente por seu conhecimento histórico. *“Se você sabe política, mas não conhece a História, dificilmente será bem sucedido nesse ramo. Para saber política é preciso entender a História. Não conheço nenhum líder mundial que tenha chegado ao poder sem saber História.”* Nesse sentido, o professor defende que para compreender as relações de poder hoje, é importante conhecer os processos históricos.

A quarta aula que observei foi sobre a Revolução Industrial, na turma de ciências humanas. O professor explicou os motivos que possibilitaram o pioneirismo inglês na primeira fase e em seguida discorreu sobre a expansão da industrialização para a Europa, os Estados Unidos e o Japão. Esclareceu que o processo técnico científico mudou radicalmente a vida humana e contribuiu para a consolidação do capitalismo, o Estado ficou a serviço da burguesia que conseguiu ascensão no cenário social e político da modernidade. O professor Airton de Farias ressaltou que na idade média o trabalho era visto como desgastante, enfadonho e só era realizado pelas camadas populares, mas na idade moderna a mentalidade em relação ao trabalho mudou, pois a burguesia vai investir na valorização do trabalho propagando a ideia de que é um meio digno para alcançar a ascensão social com o objetivo de ampliar o mercado consumidor. Na sociedade feudal, que marcou a idade média, quase não existia mobilidade social, porém, na sociedade capitalista, propagada e defendida principalmente pelos burgueses, a ascensão social é possível a partir da meritocracia. De acordo com o professor Airton de Farias, a meritocracia é utilizada para justificar a desigualdade, sendo assim, o indivíduo é responsabilizado por seu sucesso ou fracasso social.

A Revolução Russa foi o tema da quinta aula que foi observada na turma de ciências humanas. O professor explicou que para Marx, a Revolução Socialista só seria vitoriosa se ocorresse em um lugar onde o capitalismo fosse desenvolvido. Comentou sobre o contexto histórico e o massacre do exército russo na 1ª Guerra Mundial (1914 – 1918). O povo clamava por pão, paz e terra, o cenário de fome se espalhava pelo solo russo. A Guerra Civil entre exército vermelho (comunista) e o exército branco (tzarista e tropas estrangeiras) foi intensa,

mas os vermelhos saíram vitoriosos nessa disputa de poder. O docente também explicou as principais divergências entre a ideologia capitalista e socialista, esclareceu que segundo Marx a revolução deveria ser guiada pelos operários, diferente do que aconteceu na Rússia, um movimento revolucionário conduzido principalmente pelos camponeses.

A sexta aula foi na turma de ciências exatas, o tema foi a crise de 1929 e a grande depressão mundial de 1930. O professor explicou a ascensão dos Estados Unidos como potência mundial, esclarecendo que a ajuda financeira para a reconstrução dos países que estavam fragilizados após a 1ª guerra mundial favoreceu o destaque econômico dos EUA e facilitou as suas relações comerciais com o exterior. Ressaltou que a especulação nas bolsas de valores, a crise na superprodução industrial e agrícola, e a concentração de renda gerou uma grande produção que não foi acompanhada pelo mercado consumidor. Tudo isso contribuiu para a quebra da bolsa de valores de Nova York e o dia 24/10/1929 ficou conhecido como a quinta-feira negra, por causa do alto número de empresas falidas e o grande número de desempregados. O professor Airton de Farias também esclareceu que a crise se espalhou pelos países capitalistas, mas os países socialistas não foram afetados. O medo de disseminação das ideias socialistas nesse momento se alastrou e muitos países implantaram regimes fascistas. O Estado, para proteger o mercado, intervém na oferta de crédito e nos salários. Apesar da crise que se alastrou pelos países capitalistas, o sistema econômico conseguiu se restabelecer e ainda permanece em vigor perpetuando à competição, o individualismo, a exploração do trabalhador, a desigualdade e as mazelas sociais.

O sétimo encontro foi na turma de ciências humanas, o professor abordou os regimes políticos de extrema-direita pós 1ª guerra mundial, frutos da crise do capitalismo liberal e também do temor em relação a disseminação das ideias socialistas. O professor Airton de Farias ressaltou que o nacionalismo, a defesa da intervenção do Estado na economia, à distância da democracia, o totalitarismo, o imperialismo e o militarismo eram as principais características dos regimes fascistas. No caso da Alemanha, além do controle dos mercados e da política, o fascismo também promoveu a eliminação de pessoas consideradas “impuras”, afetando profundamente o modo de vida dos deficientes, homossexuais, comunistas, idosos doentes, negros, judeus, entre outros, que foram expulsos do país ou explorados e mortos nos campos de concentração. Esses acontecimentos históricos não podem ser esquecidos e devem ser

discutidos para que as pessoas entendam a força das ações humanas na construção da sociedade contemporânea.

Diante do que foi observado, percebi que o professor intelectual crítico do conhecimento demonstra compreender o peso das políticas educacionais atuais. A sua práxis docente é comprometida com a necessidade dos estudantes, pois ele compreende a importância do conhecimento para a transformação social. Nas suas aulas realiza uma ótima contextualização dos conteúdos e possui uma leitura mais voltada para o cognitivismo.

5.3 Intelectual crítico político

A professora Anna Karina Cavalcante ensina História nas turmas de 1º e 2º anos. A professora tem uma forte relação com os movimentos sociais, nos corredores era parada por alguns estudantes que a cumprimentavam e abraçavam. Durante as aulas gostava de levantar questionamentos sobre o tema para que os estudantes refletissem e participassem das discussões. Nas turmas de 1º ano os estudantes demonstravam mais curiosidade e, às vezes eles que faziam perguntas que eram respondidas de forma clara pela professora.

Na maioria das aulas a professora utilizava o microfone. Outras vezes levava fragmentos de texto sobre o assunto abordado para ler e discutir com os alunos, em alguns momentos utilizou o livro didático. Os temas das aulas nos 1º foram: a ordem jesuítica no Ceará; Índios no Ceará e Negros no Ceará. Nos 2º foram: Independência na América Portuguesa e Espanhola; Revolução no Haiti; Revoltas na América Portuguesa e a Chegada da Família Real no Brasil.

Independente da temática da aula, o recorte político foi abordado em todas as aulas que acompanhei, diante disso, busquei embasamento no pensamento de Hannah Arendt que ao pensar no sentido da política, explicou que “existe uma resposta tão simples e tão contundente em si que se poderiam achar outras respostas dispensáveis por completo. Tal resposta seria: o sentido da política é a liberdade.” (ARENDR, 1999, p. 38).

Durante muitos anos no Brasil o direito político foi reprimido através de censura, tortura, perseguições e até mesmo mortes, a liberdade de expressar o sentimento político e defender aquilo que acredita é uma conquista recente dos brasileiros após os vinte e um anos

de ditadura militar. Atualmente a população sai às ruas, luta por seus direitos e demonstra a sua insatisfação com o governo.

No contexto da educação, segundo Paulo Freire educar é “um ato político, não de extensão, pois a comunicação implica reciprocidade que não pode ser corrompida. Comunicação é diálogo, à medida que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 2001, p.69).

Nesse sentido, a educação é uma ação política que muitas vezes esteve a serviço da elite formando os trabalhadores e seus filhos para serem mão de obra barata, entretanto, o compromisso dos intelectuais orgânicos da classe trabalhadora com o pensamento crítico fundamenta o seu pensar e o seu agir em busca da emancipação humana.

Quadro 3 – Dados das observações das aulas da professora Anna Karina Cavalcante

<i>Dia</i>	<i>Horário</i>	<i>Turma</i>	<i>Estudantes</i> <i>(Aproximadamente)</i>	<i>Conteúdo</i>
05/09/2016	08:00/8:50	1º ano G	35	A ordem jesuítica no Ceará
05/09/2016	08:50/09:40	2º ano H	45	O processo de independência na América portuguesa e espanhola
12/09/2016	10:50/12:30	2º ano G	40	Revolução do Haiti

12/09/2016	08:50/09:40	2º ano H	50	Revolução do Haiti
26/09/2016	08:00/8:50	1º ano G	30	Negros no Ceará
17/10/2016	10:50/12:30	2º ano G	40	A família real no Brasil

Fonte: Relatório de pesquisa

A primeira aula que observei foi sobre a ordem jesuítica no Ceará. A professora falou sobre o genocídio²¹ e o etnocídio²², dos atritos entre os jesuítas e os colonizadores, os rituais religiosos dos indígenas, a atividade econômica que contribuiu para a colonização do Ceará e a expulsão dos jesuítas quando Marquês de Pombal se tornou o primeiro ministro do Brasil. Conhecer a História do Ceará e perceber as trocas culturais entre os colonizadores e os nativos facilita a compreensão de algumas tradições contemporâneas.

No segundo encontro a professora abordou o processo de independência na América portuguesa e espanhola. Refletiu sobre as revoltas da independência, em especial, a Inconfidência Mineira, Conjuração Baiana e Inconfidência no Rio de Janeiro. Explicou as relações de poder, as disputas entre crioulos²³ e chapetones²⁴ e o despertar do sentimento nacionalista. A professora questionou os alunos “rico consegue ficar sem querer mandar?” Alguns estudantes responderam balançando a cabeça que não, outros falaram que não. A professora Anna Karina Cavalcante então ressaltou que a mentalidade da elite é pensar que o trabalhador pode comer com uma mão e trabalhar com a outra. A professora também fez o

²¹ Ação de assassinar uma comunidade, o genocídio aconteceu principalmente no contato entre populações diferentes, como no caso dos europeus com as comunidades indígenas.

²² Destruição cultural que ocorre no contato entre comunidades diferentes.

²³ Descendente de europeu que nasceu na América espanhola.

²⁴ Colonos nascidos na Espanha que ocupavam os melhores cargos burocráticos, militares e religiosos.

seguinte desabafo: “Eu tenho quarenta e dois anos, sinto dor na coluna e tenho esporão de galo no pé, tudo isso porque trabalho muitas horas por dia em pé.” Faltavam quinze minutos para o fim da aula e uma estudante pediu licença para sair, pois precisava pegar o ônibus para não chegar atrasada no trabalho. A docente respondeu que é justamente isso que o governo Temer quer - formar na escola pública a mão de obra barata para as empresas.

A terceira aula foi sobre a revolução no Haiti, a professora esclareceu que a maioria da população era negra e vivia sendo explorada pela minoria branca, relatou que as plantações dos nativos foram queimadas para a intensificação da plantação do açúcar. Ressaltou que atualmente o Haiti é o país mais pobre da América e ainda sofre com os prejuízos deixados pelo processo colonizador.

A quarta aula permaneceu com o mesmo tema, a revolução do Haiti, a docente levou um documentário para discutir em sala, mas ocorreu uma série de problemas, primeiramente faltou um cabo, depois uma caixa de som. A professora perdeu vinte minutos tentando resolver esses problemas técnicos, quando viu que não daria tempo de conseguir outra caixa, decidiu iniciar sem o áudio mesmo. Todos ficam em silêncio lendo as legendas. Em alguns momentos a professora fazia alguns comentários, explicou que a produção no Haiti é enorme e o problema está em administrar bem o país, além disso, lembrou que o Haiti foi boicotado e obrigado a pagar uma alta indenização para a França.

Na quinta aula a docente discutiu a questão dos negros no Ceará, ressaltou a resistência negra, o movimento e as leis abolicionistas e o pioneirismo do Ceará na libertação dos escravos. Ao entrar na questão racial, a professora Anna Karina Cavalcante disse que não existe uma raça pura, a única que existe é a humana. Sendo assim, os diferentes tons de pele não devem ser critérios para dizer que uma pessoa é superior à outra.

No sexto encontro a aula foi sobre a chegada da família real ao Brasil, no início uma estudante perguntou porque a professora não utilizava *slides* para a aula ficar mais atrativa e ela respondeu que é muito frustrante preparar o material, levar o projetor de imagens e não funcionar por falta de fios ou caixa de som. Prosseguiu com a aula explicando que os museus, os teatros e as escolas que foram construídos com a chegada da família real eram utilizados apenas pela elite, no caso, os funcionários da coroa, os proprietários de terra, os traficantes de escravos e os comerciantes. O coordenador entrou na sala durante a aula para dar um aviso da escola e aproveitou para fazer uma reflexão sobre as propostas do atual governo para o ensino

médio. Fez críticas e chamou a proposta de “canetada”, pois os políticos não podem simplesmente assinar um documento sem conhecer a realidade das escolas, sem saber das experiências escolares, sem consultar os professores, gestores e pesquisadores.

Ao observar as aulas da professora intelectual crítica e política percebi que ela reconhece a importância em atuar a partir de um compromisso social mais amplo. Além disso, observei que a docente tem iniciativa e um certo destemor, ainda que mantenha a prudência política ao abordar as problemáticas atuais. A professora Anna Karina Cavalcante luta por garantir o livre direito de expressão individual e percebe seu papel mais amplo junto à sociedade enquanto docente.

5.4 Intelectual crítico afetivo

O professor Teófilo Ramos ensina nas turmas de 1º ano. Nas aulas em que observei sempre foi muito simpático com os estudantes, apesar da agitação das turmas de 1º ano, não alterou seu tom de voz, apenas chamava a atenção dos discentes. Em todas as turmas corrigia as atividades das aulas anteriores e marcava no diário uma pontuação para os que entregaram.

Percebi que as turmas de 1º ano são mais movimentadas em relação a conversas, namorinhos, cuidados com maquiagem e perfumes, talvez por estarem em um processo de transição do ensino fundamental para o médio. Em alguns momentos estudantes cochilavam, perdiam a atenção na aula, mas o professor calmamente alertava-os sobre a importância de ficar atento ao conteúdo.

Os temas abordados durante as aulas foram: Bandeirantes no Ceará; Jesuítas no Ceará; Escravidão e Abolicionismo no Ceará; Religiosidade no Ceará; Índios no Ceará; Roma; Civilizações da África antiga e Impérios da África Subsaariana. O professor utilizou *slides*, documentários e filmes durante as aulas para refletir sobre as temáticas das aulas.

Interessante ressaltar que a paciência do professor aliada à sua prática afetiva facilitava a sua relação com os estudantes. De acordo com Sales, “o saber é o sentir, pensar, agir das pessoas, grupos, categorias, classes sociais. O saber inclui, portanto, a dimensão intelectual, a dimensão afetiva e a dimensão prática.” (SALES, 1999, p.111). Nesse sentido, o professor demonstrou mobilizar as três dimensões do saber.

Quadro 4 – Dados das observações das aulas do professor Teófilo Ramos

<i>Dia</i>	<i>Horário</i>	<i>Turma</i>	<i>Estudantes (Aproximadamente)</i>	<i>Conteúdo</i>
06/09/2016	08:50/09:40	1° C	35	Bandeirantes x Jesuítas
06/09/2016	10:00/10:50	1°H	20	Roma Antiga – República
20/09/2016	10:00/10:50	1° H	22	Roma Antiga – Império
20/09/2016	04:00/04:50	1° F	30	Escravidão e abolicionismo no Ceará
27/09/2016	04:00/04:50	1° F	25	Religiosidade no Ceará Colonial
27/09/2016	08:50/09:40	1° C	30	A cultura indígena brasileira

11/10/2016	04:00/04:50	1º F	30	Civilizações da África Antiga
------------	-------------	------	----	----------------------------------

Fonte: Relatório de pesquisa

Na primeira aula o professor Teófilo Ramos levou o filme “As missões” e explicou para os estudantes que o seu objetivo era mostrar como se deu o processo de catequização dos jesuítas e mesmo que o filme retrate a região dos “Sete Povos e Missões” no atual Rio Grande do Sul, alguns pontos podem ser discutidos a partir dessa abordagem, a exemplo, o objetivo dos jesuítas, o relacionamento dos jesuítas com os índios, as divergências entre os costumes indígenas e o padrão cristão europeu. A compreensão de que a formação cultural do Brasil se deu nesse processo de trocas entre tradições indígenas, africanas e europeias facilitou o entendimento dos estudantes sobre alguns costumes cearenses, como dormir de rede, comer tapioca e feijoada, jogar capoeira, usar sapatos e chapéus, entre outras tradições culturais herdadas dessa mistura.

No segundo encontro a aula foi sobre Roma, em especial, o Senado Romano. O professor utilizou *slides* e explicou que a desigualdade já estava presente na sociedade romana na divisão social. Esclareceu que as camadas populares não tinham direito político e durante muito tempo foi proibido o casamento entre patrícios e plebeus, assim, a sociedade na Roma antiga ficou marcada pelas diferenças sociais e essas problemáticas só foram amenizadas após intensos conflitos entre classes pela conquista de direitos políticos e sociais.

A terceira aula foi sobre o Império Romano, o professor utilizou slides com texto longos e imagens pequenas o que dificultou a boa visualização. Ao refletir sobre a “política do pão e circo” lembrou a estratégias políticas para conter as insatisfações do povo. Nessa aula o professor Teófilo Ramos ressaltou que os candidatos aos cargos políticos se aproximam do povo durante as eleições e quando alcançam os seus objetivos, a maioria esquece as propostas que fez, muitas vezes criam projetos para promover entretenimento para o povo, como show em praça pública, distribuição de cestas básicas, medidas que apenas camuflam os problemas e tentam agradar uma parcela da população, mas não contribuem de nenhuma forma para acabar com as mazelas da sociedade.

O tema da quarta aula foi escravidão e abolicionismo no Ceará, o professor leu e discutiu um trecho do livro “História do Ceará” do professor Airton de Farias. Abordou a resistência escrava e o pioneirismo do Ceará na abolição da escravatura. O professor Teófilo Ramos explicou que a libertação dos escravos no Ceará foi um processo lento e se deu a partir de muita luta, não apenas por parte dos integrantes do movimento abolicionista, mas também das estratégias utilizadas pelos escravos como as fugas, os suicídios, a simulação de doenças ou até mesmo maneiras de sabotar as plantações.

O quinto encontro foi sobre a religiosidade no Ceará colonial, refletiu sobre a propagação do catolicismo na província e as práticas religiosas dos indígenas, apontando as principais diferenças entre elas. Demonstrou que essa relação entre a crença europeia em um único Deus e a adoração indígena aos deuses da natureza foi bem conflituosa. A tentativa portuguesa de catequizar os índios para que eles rompessem com os seus rituais religiosos de veneração aos deuses da natureza foi um verdadeiro choque cultural no modo de vida das tribos cearenses.

Na sexta aula que observei, o professor levou o documentário “O povo brasileiro, matriz tupi”, antes explicou a importância para os estudantes de entenderem os rituais indígenas, as formas de habitação, a organização política, os costumes e a culinária. A questão do genocídio e do etnocídio também foram abordadas pelo professor, que explicou o choque cultural entre os costumes indígenas e europeus.

A sétima aula foi sobre as civilizações da África antiga. Falou sobre os costumes dos negros que viviam no reino de Gana, abordou a escravidão e ao tratar das tradições negras no Brasil, lembrou as comidas, a religião, as danças, entre outros. Essa temática foi muito interessante para questionar a ideia de que a cultura europeia é superior e mais desenvolvida do que em outros países. É importante que os estudantes compreendam que não existe uma civilização superior a outra, todas possuem a sua devida importância cultural, política e social. No desejo de entender melhor a História local e como se organizavam as tribos africanas antes do contato com o Brasil, o professor esclareceu que no primeiro semestre os estudantes têm uma aula por semana sobre a História do Ceará e no segundo semestre sobre a História da África.

Nesse sentido, o professor intelectual crítico afetivo demonstra um respeito histórico com as conquistas realizadas pelo coletivo. Reconhece o papel dos estudantes nas

transformações sociais necessárias e acredita no potencial de autonomia e criatividade dos discentes. Destaca nas suas aulas a relação entre cultura e política, enquanto ação transformadora. Reafirma na sua práxis docente o respeito aos estudantes e o aprendizado contínuo como professor comprometido socialmente.

5.5 Intelectual crítico tecnológico

A professora Joana Angélica Bandeira ensina nas turmas de 1º ano, tem o seu próprio projetor de imagens, utilizando *slides* e filmes relacionados ao tema abordado. Mesmo com uma formação na década de 90, a professora utiliza muito bem os recursos tecnológicos e as fontes históricas, pois não apresenta as imagens como mera ilustração objetivando deixar os *slides* esteticamente bonitos, mas problematiza as imagens e discute com os estudantes para que eles respondam a partir do que compreenderam da fonte. Relaciona com clareza os assuntos da História Antiga com o cotidiano dos discentes.

A História Nova preocupa-se também com os acontecimentos do cotidiano da vida humana, ligados à vida das famílias, às festas, às formas de ensinar e aprender. A história nova ocupa-se de tudo aquilo que homens e mulheres fizeram no passado e também fazem no tempo presente. Ela reconhece que há várias formas de marcar e viver o tempo. Os vários tempos convivem e o homem usa vários calendários. Portanto, a história nova não estuda apenas os fatos passados de forma linear, mas a história em diversos ritmos, tempo e espaço. (FONSECA, 2008, p.42).

Nesse sentido, a professora Joana Angélica Bandeira relacionava com muita propriedade e criticidade o conteúdo trabalhado com a realidade dos discentes. Tanto as questões sociais, como também as políticas e culturais de Roma, encontravam uma profunda conexão com as experiências de hoje, o que deixava claro que o objetivo da História não é entender as ações do homem de maneira linear. A visão da História baseada nos grandes acontecimentos e feitos heroicos parece ter sido superada nos dias atuais. Assim, na prática cotidiana da docente e dos outros professores de História investigados ficou claro que a verdadeira função da ciência histórica na escola Aduino Bezerra é possibilitar a compreensão de como a sociedade se organiza.

Como já relatei, as turmas de 1º ano são bem agitadas, e geralmente a professora chamava a atenção dos que estavam desatentos e fazia uma reflexão em cima disso, lembrando

a dificuldade de conseguir uma vaga para estudar na escola e dizendo que não adiantava lutar nas ruas por melhoria na educação e ficar em sala desrespeitando o direito dos colegas de se concentrarem nas aulas.

Quadro 5 – Dados das observações das aulas da professora Joana Angélica Bandeira

<i>Dia</i>	<i>Horário</i>	<i>Turma</i>	<i>Estudantes</i> <i>(Aproximadamente)</i>	<i>Conteúdo</i>
05/09/2016	14:00/15:40	1° H	25	Roma Antiga – República
05/09/2016	16:00/16:50	1° E	35	Roma Antiga – República
19/09/2016	14:00/15:40	1° H	25	Roma Antiga – Império
26/09/2016	14:00/15:40	1° H	25	Roma Antiga – Império
26/09/2016	16:00/16:50	1° E	30	Roma Antiga – Império
10/10/2016	14:00/15:40	1° H	25	Roma Antiga – Império

Fonte: Relatório de pesquisa

A primeira aula que observei foi sobre Roma antiga. A professora buscava utilizar palavras do cotidiano dos estudantes e relacionava a política romana com a atualidade brasileira. Ao falar do período em que o exército romano desejava chegar ao poder, lembrou de um candidato à prefeitura de Fortaleza que associava a candidatura política a sua profissão. Além de utilizar *slides* na aula, a professora também levou um trecho do filme “Cleópatra” e foi tecendo comentários sobre as relações de poder a partir das cenas exibidas.

No segundo dia de observação a aula foi sobre a República Romana. A professora Joana Angélica Bandeira refletiu sobre as conquistas romanas e a crise na república. A

professora levou mapas e imagens da cultura romana e questionou os estudantes sobre o que eles percebiam ao observá-las. Ao mostrar o mapa da Península Itálica a professora perguntou: “*O que chama a atenção no mapa?*” e um estudante respondeu: “*Parece muito com uma bota.*” Em uma imagem da cidade romana, a professora questionou: “*Onde está o coliseu?*”. Alguns estudantes identificaram e assim ela foi dialogando a partir das imagens projetadas através do recurso tecnológico. Interessante que ao explicar quem eram os plebeus e o seu desejo de conquistar a igualdade política, social e cultural, alguns estudantes perguntaram: “*então nós somos plebeus?*” e a docente falou que a nossa sociedade herdou alguns traços da cultura romana e provavelmente eles seriam mesmo plebeus nesse período estudado. E um estudante ressaltou: “Legal, o Brasil aprendeu muito com Roma”.

A terceira aula foi sobre o Império Romano. A professora abordou a organização da sociedade romana e explicou que a posição social era baseada na renda de cada indivíduo. O voto era censitário, ou seja, somente quem tinha poder econômico poderia exercer o direito político de votar. A professora Joana Angélica Bandeira também ressaltou a política do “pão e circo” que era praticada na Roma Antiga e ainda repercute nos dias atuais. A professora faz críticas a essa postura política do governo de tentar manipular as massas com migalhas, sem resolver os problemas reais da sociedade.

O tema da quarta aula também foi o Império Romano, em especial, a cultura romana nesse período. A professora discutiu a influência dos etruscos, gregos, egípcios e persas nas tradições romanas. Como exemplo, citou a literatura e os diferentes gêneros como a poesia, o drama, a sátira e a comédia, que foram influenciadas pelos gregos. No momento da explicação, o coordenador pediu licença para dar algumas informações, parabenizou a turma pela feira cultural que aconteceu na escola e aproveitou para levantar uma reflexão sobre as mudanças radicais propostas pelo governo atual. Após o discurso do coordenador, a professora concluiu dizendo: “No meu tempo não tinha História e nem Filosofia nas escolas, as universidades públicas eram formadas por estudantes da rede privada, por que os estudantes da escola pública iam para o mercado de trabalho, era raro algum aluno da rede pública ingressar no ensino superior.” A docente relatou as dificuldades do seu tempo e pediu que os estudantes valorizassem a oportunidade que tem hoje de ter mais facilidade para chegar a universidade pública, logo 50% das vagas são reservadas para eles.

A quinta aula que observei foi sobre o Baixo Império Romano, a professora discorreu sobre a crise do século III que foi potencializada pelo fim das guerras de conquistas que gerou a escassez de escravos e o enfraquecimento do Senado. A professora Joana Angélica Bandeira também ressaltou a perseguição aos cristãos e o acentuado processo de ruralização no século IV – V. Explicou que a civilização romana deixou uma herança cultural a partir da língua latina, da poesia, do modelo arquitetônico como o uso de arcos e abóboras e os fundamentos do direito. Criticou a História baseada nos grandes heróis e ressaltou que a História só existe por que homens simples também foram sujeitos ativos historicamente.

A última aula da professora que eu observei também foi sobre Roma e abordou principalmente o aspecto religioso. Esclareceu que a sociedade brasileira, os costumes religiosos, os hábitos alimentares, as noções de direitos e deveres, as tradições populares e até mesmo a forma de se vestir e de se comportar foram construídos pelo homem ao longo do tempo e do espaço, e são perpetuadas ainda hoje. Relatou a problemática religiosa quando os “bárbaros” e romanos se aproximaram, lembrou que o choque cultural foi imenso principalmente por que os romanos eram monoteístas e os “bárbaros” politeístas. Aproveitou para ressaltar a importância em respeitar a pluralidade de sujeitos, crenças, costumes, opção sexual, escolhas partidárias e ideologias.

Nas observações das aulas da professora crítica tecnológica percebi que ela aborda as questões políticas e sociais de maneira bem coerente. A docente reconhece o papel dos grupos e das articulações coletivas em prol de uma sociedade mais justa. Na sua práxis docente, possui uma forte semente de mudança e de compromisso social com as transformações politicamente necessárias para um mundo mais equânime.

CONCLUSÃO

Pensar sobre os intelectuais orgânicos críticos e suas funções no campo da educação a partir do cenário contemporâneo contribuiu para a reflexão sobre a práxis docente dos professores de História e a compreensão de que os docentes investigados são intelectuais orgânicos críticos de acordo com o pensamento de Antônio Gramsci.

As análises das observações e das entrevistas demonstram que os participantes da pesquisa reconheceram que o ensino de História possibilita uma conexão entre a dimensão social, política, cultural e econômica da sociedade que podem ser realizadas através de diferentes recortes temporais.

Aliado a isso, os professores demonstraram compromisso político e social com as causas da classe trabalhadora, criticando medidas arbitrárias do governo atual, se posicionando contra o movimento de escola sem partido, a reforma no ensino médio e a reforma na previdência.

Os professores alertam que a educação tecnicista proposta pelo atual governo, distancia os jovens e a comunidade escolar em geral de questões que precisam ser discutidas. O desmonte na educação, principalmente nas disciplinas de ciências humanas (História e Geografia), afetará a formação humanística dos estudantes. Lembro ainda que a disciplina de História também perdeu sua autonomia durante a ditadura militar em 1964.

Em relação à Medida Provisória nº 746/16, aprovada pelo Congresso Nacional, que instaura a Reforma do Ensino Médio, a Associação Nacional de História (ANPUH), emitiu uma nota pública de contestação a exclusão da História como disciplina obrigatória no dia 15 de fevereiro de 2017, dizendo:

A História, como disciplina escolar, integra o currículo brasileiro desde o século XIX. Sua presença, considerada fundamental para a formação da cidadania, foi gravemente ameaçada no período da Ditadura Militar, quando se deu a diluição da História na instituição dos Estudos Sociais. [...] Não menos preocupante é o rebaixamento para o exercício da profissão docente, ao permitir a admissão de “profissionais com notório saber”. (ANPUH, 2017).

Diante desse cenário, é necessário compreender que a reforma do ensino médio não afetará apenas a formação dos discentes, mas também a formação dos professores em geral. Os docentes explicam que as propostas foram elaboradas sem diálogo, sem pesquisa, sem

representatividade, sem apoio de professores e pesquisadores, visando intensificar a escola dual tão criticada por Gramsci e cercear o pensamento crítico.

As diretrizes do projeto escola sem partido, também atinge profundamente a educação ao tentar proibir as discussões políticas em sala de aula, e interferindo no direito dos estudantes em aprofundar os conhecimentos históricos a partir dos debates e da reflexão crítica. Segundo os professores, ensinar a questionar, pensar sobre as construções históricas e potencializar a criticidade, assusta a ideologia dominante que deseja propagar as suas ideias para se fortalecer no poder.

As consequências com o fim da obrigatoriedade da disciplina de História no ensino médio serão imensas, de acordo com os professores entrevistados, o retrocesso educacional poderá ser sentido por estudantes pela diminuição nas reflexões sobre sistemas políticos, a dificuldade em ler a sociedade pela falta de compreensão de importantes fatos históricos e o aumento do analfabetismo político gerado pela falta de pensamento crítico.

Diante dos questionamentos durante a entrevista, os docentes demonstraram que apoiam as lutas sociais por saúde, moradia, distribuição de renda, principalmente as que envolvem a educação. Todos apoiaram a ocupação estudantil que ocorreu na escola Adauto Bezerra. As professoras Anna Karina Cavalcante e Joana Angélica Bandeira foram mais ativas no movimento, ajudaram com a doação de alimentos e participaram de algumas atividades da ocupação.

Ficou evidente após a análise dos dados que todos possuem um pensamento crítico político, compreendem a estrutura social e resistem através do movimento grevista e também das reflexões críticas em sala de aula, principalmente em relação aos ataques atuais do governo sobre a educação, que propõe retirar a obrigatoriedade de disciplinas como História e Geografia (integram as ciências humanas e tem a função de entender a organicidade da sociedade e do pensamento científico).

Ainda segundo essa reforma do atual governo para o ensino médio, basta ter um notório saber para ser professor, o que desvaloriza a profissão docente, pois não será mais necessária uma formação inicial em um curso de licenciatura para lecionar. De acordo com os docentes entrevistados, seria um grave problema para a educação brasileira, pois intensifica a desvalorização dos profissionais da educação.

Nesse sentido, apreendi que existe uma relação profícua entre o discurso dos professores e a sua prática em sala de aula. Mesmo com os temas das aulas diferentes e a forma de lecionar peculiar, os docentes abordavam as problemáticas atuais. Nas mais variadas temáticas eles encontravam pontos de conexão, pois percebiam que estão fortemente relacionadas.

Diante disso, saliento que os professores investigados têm consciência da sua função na sociedade, discorreram nas entrevistas sobre a satisfação em contribuir com a formação dos jovens para que tenham uma visão coerente de mundo. Além disso, ver os jovens realizando o sonho de chegar ao ensino superior também é motivo de alegria para os docentes.

Nas entrevistas, todos demonstraram a importância da valorização profissional, desejam ter um salário mais digno, melhorar a infraestrutura e os recursos da escola pública. Os cinco docentes perceberam claramente as diferenças entre as escolas públicas e privadas e demonstraram o desejo em contribuir com o pensamento crítico dos estudantes.

Nas suas falas, eles reconhecem que a escolha do tema abordado nas aulas, a metodologia aplicada, os recursos utilizados e o recorte temporal são baseados na escolha do professor, por isso se concretiza a ação política tanto no planejamento como na práxis docente.

Assim, os professores possuem uma noção da totalidade, não no sentido da visão histórica cronológica, mas com o entendimento de que as questões mais complexas que integram a macro História precisam ser problematizadas temporalmente. Os docentes percebem que o caminho para a emancipação humana é o acesso ao conhecimento e são agentes ativos no processo de formação dos estudantes.

Os professores de História deixaram claro que o direito político foi conquistado através de muita luta e compreender o papel da política na sociedade é fundamental para a transformação social. Ter a função de educar politicamente as camadas populares não é fácil, porém nas mais variadas temáticas discutidas em sala de aula, os docentes enfatizaram a questão política e sua relevância para a mudança no atual cenário de desigualdade.

Sendo assim, ficou claro que os sujeitos das camadas populares possuem tantas aptidões como os da elite, o que falta na maioria das vezes é incentivo para que as camadas trabalhadoras e os seus filhos se percebam como pessoas criativas e ativas na História. Através das atividades e dos debates nas aulas, os professores investigados buscaram potencializar o desenvolvimento da criatividade dos estudantes tanto na fala como na escrita.

Dessa forma, os professores de História contribuíram para que os estudantes busquem superar o senso comum através da aproximação com o conhecimento. Entender o contexto histórico favorece o pensamento crítico no sentido de compreender que aquilo que não parte do instinto foi construído pelo homem. Os docentes que observei durante a pesquisa, potencializaram o pensamento crítico através das discussões que desnaturalizaram as problemáticas atuais e esclareceram a teia de relação que envolve essas questões.

Neste trabalho, busquei aprofundar as discussões sobre os intelectuais orgânicos críticos. O perfil de intelectual pensado por Antônio Gramsci permanece atual e abre espaço para pesquisas educacionais relevantes na contemporaneidade. A sua forma de olhar os intelectuais e as funções que exercem na sociedade ajudam a compreender as disputas de poder que marcam a estrutura capitalista. Para Antônio Gramsci, a escola dualista é um reflexo da estrutura econômica que constrói as bases de uma escola humanista para os filhos da elite e uma escola profissionalizante para os filhos dos trabalhadores.

Ao pensar sobre a sociedade italiana, Antônio Gramsci percebe que a ideologia dominante e o senso comum exercem uma forte influência na estrutura social e para que aconteçam mudanças significativas na estrutura, os intelectuais orgânicos da classe trabalhadora precisam propagar a criticidade e favorecer a elevação cultural das massas.

Os professores investigados tentaram suscitar nos estudantes o desejo de pesquisar, refletir, perguntar, indagar e ir em busca do conhecimento, favorecendo assim, o pensamento crítico. Diante disso, ressalto que os cinco professores de História investigados apresentam um perfil que permite considerá-los intelectuais orgânicos críticos. Ainda que com alguns limites e potencialidades, o grupo de professores de História da escola Aduino Bezerra permitiu fazer essa afirmativa.

O professor Leirton Carneiro, intelectual crítico dialógico, desde a sua juventude demonstra preocupação com as causas sociais, quando era estudante da UECE nos últimos anos da ditadura militar (1964 – 1985), participou de atividades e manifestações do movimento estudantil de esquerda. Possui uma grande experiência em sala de aula, já faz trinta anos que está na docência, sua prática é marcada pela dialogicidade.

O professor Airton de Farias, intelectual crítico do conhecimento, escreveu mais de vinte livros que abordam História do Ceará, biografias ou esportes. Na sua pesquisa de mestrado, investigou o movimento estudantil de esquerda, e no doutorado, estuda as táticas e

as estratégias dos presos políticos do Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS). Na sua prática docente prioriza o conhecimento histórico, contextualizando bem os conteúdos e relacionando com o pensamento crítico.

A professora Anna Karina, intelectual crítica política, possui uma forte relação com os movimentos sociais, participa ativamente das manifestações contra as reformas do governo atual que afetam diretamente a educação e a classe trabalhadora. Nas suas aulas fez conexões interessantes entre o conteúdo e as problemáticas da atualidade.

O professor Teófilo Ramos, intelectual crítico afetivo, se preocupa em manter uma relação de respeito com os estudantes, em sua prática docente demonstra afetividade e cuidado em ouvir os questionamentos dos discentes. Geralmente corrige os exercícios de classe e casa, e busca incentivar os estudantes a responderem as atividades. Também conseguiu realizar uma ligação a partir da criticidade entre os temas abordados e as questões que envolvem o cotidiano.

A professora Joana Angélica Bandeira, intelectual crítica tecnológica, utiliza imagens e filmes na maioria das suas aulas por acreditar que esses recursos facilitam a aprendizagem histórica. Na sua práxis docente, aborda o método do histórico baseado no recorte temporal e no olhar historiográfico, ressaltando que existem versões plurais sobre um mesmo fato histórico. Nesse sentido, demonstrou que é importante que os estudantes conheçam a História como um processo de intensas relações de permanências e rupturas para assim refletirem e se posicionarem criticamente.

Os docentes Leirton Carneiro, Airton de Farias, Anna Karina Cavalcante, Teófilo Ramos e Joana Angélica Bandeira são profissionais que mesmo sem o justo reconhecimento, dedicam seu tempo a disseminar o conhecimento crítico para a construção de uma sociedade mais equânime.

O governo ilegítimo a partir da Reforma no Ensino Médio aprofunda as diferenças entre o ensino público e privado, desvaloriza formação docente e ataca a disciplina de História com objetivos políticos bem evidentes, busca construir uma sociedade indiferente as problemáticas econômicas, políticas, sociais e culturais sem um fundamento crítico para modificar a estrutura social vigente.

Nos tempos temerosos que envolvem a política brasileira na contemporaneidade, os professores de História se posicionam criticamente, denunciam a ilegitimidade do atual governo, a proposta de mudança na previdência social considerada um desrespeito com a classe

trabalhadora e a medida de reforma educacional aligeirada sem consultar os que possuem uma relação cotidiana com a escola.

A educação com caráter humanista precisa ser discutida nas escolas, nas universidades, nos grupos de pesquisa, nas instituições que tem um compromisso educacional, para não perder espaço para as propostas tecnicistas que priorizam mais o saber fazer do que o saber pensar, ou seja, preparar os estudantes para o mercado de trabalho e diminuir sua proximidade com o pensamento crítico.

Os cinco professores investigados se destacaram como intelectuais orgânicos que tem como base o pensamento crítico, uns mais dialógicos, outros mais politizados, alguns mais afetivos e mais comprometidos com uma postura pragmática do que outros, porém, todos apresentam as características pensadas por Gramsci e realizam funções sociais e políticas importantes para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ANPUH. Associação Nacional de História. **Carta aberta pela obrigatoriedade da História no ensino médio**. São Paulo, 15 de fevereiro de 2017.

ARENDR, Hannah. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2ª edição, 2008.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRASIL. **Bases Legais dos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Inep/MEC, 2000.

_____. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. LDB: Brasília, DF, 1998.

_____. **Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM**. Inep/MEC 2009. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/enem/sobre-o-enem>.

_____. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Parte IV - Ciências Humanas e suas Tecnologias. PCN: Brasília, MEC, 2002.

_____. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio**. PCN: Brasília, MEC, 2000.

CAVALCANTE, Jannaiara Barros. **Sindicalismo docente: A luta dos professores da rede pública estadual no Recife no período da transição democrática**. 01/08.2012. 115 f. Mestrado Acadêmico em História. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE.

CHAGAS, Rodrigo Pereira. **Florestan Fernandes: A autocracia burguesa como estrutura histórica e a institucionalização da contra reforma no Brasil**. 01/03/2011. 279 f. Mestrado Acadêmico em História. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Biblioteca depositária: PUC, SP.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

DIAS, Cristiane Medianeira Avila. **A Ação Popular (AP) no Rio Grande do Sul: 1962 – 1972**. 01/06/2011. 195 f. Mestrado Acadêmico em História. Instituição de Ensino: Fundação Universidade de Passo Fundo. Biblioteca depositária: Biblioteca Central da Universidade de Passo Fundo.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. Campinas: Papirus, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução: Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 31ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

_____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIROUX, Henri. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de administração. São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63, 1995.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

_____. **Cadernos do Cárcere, v.1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. Cadernos 10 e 11. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Cadernos do Cárcere, v.2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. Cadernos 12, 24 e 28. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001a.

_____. **Cadernos do Cárcere, v.4: Temas de Cultura. Ação Católica. Americanismo e Fordismo**. Cadernos 16, 20, 22 e 26. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b.

HOBBSBAWN, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado:** novas tendências. Tradução de Sandra Trabucco Velenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.

LE GOFF, Jacques. **A história nova.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Os Intelectuais na Idade Média.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

_____. **Em busca da Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEPRE, Aurélio. **O prisioneiro:** a vida de Antônio Gramsci. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública:** a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 19ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1976.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** Tradução de Jesus Ranieri. 4ª impressão. São Paulo: Boitempo, 2010.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola.** São Paulo: editora Ática, 1988.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores de História:** Entre Saberes e Práticas. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice. MARTINS, Cláudio Marques. **Bourdieu e a Educação.** 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

OLIVEIRA, Daniele Kelly Lima. **Gramsci e os intelectuais orgânicos da classe trabalhadora:** contribuição à educação na perspectiva da emancipação humana. Mestrado Acadêmico em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Ceará. Biblioteca Depositária: Biblioteca de Ciências Humanas da UFC, 2013.

PRONER, Carol. CITTADINO, Gisele. TENENBAUM, Marcio. RAMOS FILHO, Wilson. (orgs). **A resistência ao golpe de 2016.** Projeto Editorial Praxis. Bauru, São Paulo: canal6editora, 2016.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um toque de clássicos: marx, durkheim e weber**. 2. ed., rev. e ampl Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2002.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. **A etnometodologia e a pesquisa nas Ciências Sociais: algumas aproximações**. Cadernos da pós graduação em educação: Saber e prática social do educador. Fortaleza: Edições UFC, 1996.

_____. PATRÍCIO RIBEIRO, Marco Aurélio de. **Temas educacionais: uma coletânea de artigos**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Os intelectuais**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O que move a ação educativa?** A racionalidade possível na pós-modernidade e a relação teoria-prática. In: Sacristán, J. Gimeno. **Poderes Instáveis em Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999, p. 17-69.

SALES, Ivandro da Costa. **Educação popular: uma perspectiva, um modo de atuar**. In: SCOCUCLIA, Afonso; MELO NETO, José Francisco. **Educação popular – outros caminhos**. João Pessoa: UFPB, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas: Autores Associados, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

UNESCO. **Relatório da Unesco**. Disponível em: <http://ftp.infoeuropa.eurocid.pt/database/000046001000047000/000046258.pdf>

UWE, Flick. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Sites consultados:

Projeto Escola Sem Partido.

Disponível em: <http://www.programaescolasempartido.org/pl-federal/>. Acesso: 15/10/2016.

Proposta de Reforma do Ensino Médio.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso: 10/01/2017.